



Sumário

<i>Editorial v.34, n.1, p.1-2 (2018)</i>	1
Transpsicanálise.....	3
Uma psicanálise (do) comum	10
Como criar um fanático	18
A melancolização na infância contemporânea: entre o linchamento virtual e a política do “no touch”.....	28
Entrevista com Mário e Diana Corso.....	37
Eu quero, mas não pode.....	43
Os homens têm medo de quê?	54
A constituição identitária contemporânea e a cultura como sala de espelhos	60
Sujeitos contemporâneos: idênticos ou identificados?	68
O que a Psicanálise tem a nos dizer frente ao saber médico no campo da transexualidade	73
Perversão: anatomia é o destino?.....	77



Editorial v.34, n.1, p.1-2 (2018)

A emergência do tema “Identidades, identificações e diferenças na contemporaneidade” como eixo de trabalho da SPCRJ em 2018 abriu espaço para o estudo e para a reflexão, à luz da Psicanálise, acerca de diferentes aspectos da cultura contemporânea que, ultimamente, têm sido amplamente discutidos pela sociedade. São debates que se organizam a partir de diversos pontos de vista e que empregam, inclusive, conceitos e noções caros à teoria psicanalítica. Estes assuntos se fazem presentes nos consultórios, é verdade, mas ganham cada vez mais força nas esferas coletivas através das redes sociais, da imprensa, das produções culturais.

Reconhecer que também a Psicanálise precisa colocar-se em meio à efervescência de tais debates, contudo, não produz uma unicidade no discurso ou mesmo encerra qualquer questão. Ao contrário, multiplicam-se com ela as ferramentas de leitura e interpretação das demandas postas, enriquecendo as possibilidades de elaboração das questões. É neste contexto, então, que a atual edição dos Cadernos de Psicanálise da SPCRJ se consolida como um espaço a mais para tais discussões, reunindo trabalhos produzidos instigados por esta temática específica.

De início, na seção TEMA EM DEBATE, Paulo Junqueira aborda a questão da transexualidade sob a ótica da Psicanálise, com o artigo “Transpsicanálise”. Para tanto, resgata as contribuições de algumas correntes psicanalíticas sobre a transexualidade em si, e sobre assuntos a ele relacionados, articulando esta perspectiva teórica com reflexões contemporâneas, como aquelas relacionadas à Teoria Queer. Na sequência, em “Uma psicanálise (do) comum”, Rodrigo Ventura inicia uma reflexão acerca dos movimentos feministas, e nela evidencia a tensão existente entre processos identitários hegemônicos e formas singulares de existência, o que aponta questões relevantes para a Psicanálise. Na articulação com a Filosofia, propõe recorrer ao conceito de comum, apontando suas potências e possibilidades frente aos arranjos sociais e subjetivos contemporâneos. Com “Como criar um fanático”, Neyza Prochet discute a questão do fanatismo, que ganha espaço em diferentes formas de relação na atualidade. Abordando a questão a partir da psicanálise, com Winnicott, mas também com considerações da literatura e da filosofia, a autora reflete sobre as raízes psíquicas que levam à constituição de um fanático. Encerrando esta primeira seção, Julieta Jerusalinsky apresenta “A melancolização na infância contemporânea: entre o linchamento virtual e a política do ‘no touch’”, no qual propõe que a melancolia e a depressão, que têm sido comumente diagnosticadas entre jovens e adolescentes, são fundamentalmente reações às condições de subjetivação que têm sido oferecidas aos sujeitos atualmente. Para a autora, os modos de relação coletiva se destacam pelo individualismo, pelo caráter maníaco e performativo e, desta forma, contribuem diretamente para a constituição destes quadros, que não podem ser assumidos como fenômenos isolados de cada sujeito.

Nesta edição dos Cadernos de Psicanálise da SPCRJ, a seção de ENTREVISTA traz o casal de psicanalistas Mário Corso e Diana Lichtenstein Corso. Além da vasta experiência clínica com adultos,

adolescentes e também crianças, ambos se dedicam também à produção de livros, artigos e colunas na imprensa que têm entre seus objetivos ampliar o acesso da e à Psicanálise. Confiantes da importância desta articulação entre a prática clínica, o rigor teórico - que circula em meios acadêmicos e de formação analítica – e os eventos cotidianos que atravessam a sociedade, Mário e Diana compartilham suas impressões sobre os temas relativos às identidades, identificações e diferenças a partir de suas práticas e trajetórias.

Na sequência, inaugurando o primeiro trabalho entre os ARTIGOS, Gilda Sobral Pinto apresenta “Identidade, identificações e diferenças na contemporaneidade - Eu quero, mas não pode”, no qual discute as transformações trazidas pelas tecnologias na contemporaneidade. Para tanto, a autora leva em consideração uma perspectiva histórica, na qual destaca outros momentos em que transformações técnicas modificaram as relações dos sujeitos entre si e com o mundo, a partir da qual reflete sobre o momento atual e sobre o papel da Psicanálise neste cenário. Em “Os homens têm medo de quê?”, Hélène Godfroy discute aspectos das relações entre homens e mulheres que ganham destaque atualmente, em especial, a partir das mudanças sociais que transformaram a atuação feminina nas últimas décadas. A partir da perspectiva psicanalítica, Godfroy sugere que o horror à feminilidade, assinalado por Freud e enfatizado posteriormente por Lacan, permanece desafiando o masculino no século XXI. Marcia Maria dos Anjos Azevedo apresenta, em “A constituição identitária contemporânea e a cultura como sala de espelhos”, um trabalho no qual discute o processo de formação de identidades e sua relevância na contemporaneidade. Neste contexto, são abordadas questões relativas ao processo de constituição subjetiva e sua estreita articulação com o contexto sociocultural em que está inserido. Por fim, com “Sujeitos contemporâneos: idênticos ou identificados?”, Rachel Sztajnberg reflete sobre as transformações nas manifestações do sofrimento psíquico que podem ser observadas a partir da escuta clínica. Apoiada em estudos de importantes autores que pesquisam as mudanças em curso nas formas de subjetivação na atualidade, questiona, enfim, sobre o papel da Psicanálise diante do novo cenário, interrogando, sobretudo, como o saber inaugurado por Freud há mais de cem anos é capaz de se manter atual e preservar seu caráter pungente.

Esta edição dos Cadernos traz ainda duas resenhas de livros lançados em 2018 e que estão em estreita articulação com o tema anual de trabalho. Assim, Cassia Amara Azevedo e Lígia Furtado de Mendonça apresentam uma resenha de “Transexualidade – O corpo entre o sujeito e a ciência”, de Marco Antonio Coutinho Jorge e Natália Pereira Travassos. Em seguida, “Há mulher na perversão”, de Lígia Furtado de Mendonça é resenhado por Cassia Amara Azevedo.

Desejamos a todos uma boa leitura!

Comissão editorial.



Tema em Debate

Transpsicanálise

Paulo César Junqueira ^{1*}

¹ Membro Psicanalista e Supervisor da Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro - SPCRJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Resumo: O autor discute a questão das Transexualidades na atualidade e as suas repercussões tanto na teoria quanto na prática psicanalítica. Para isso, apresenta as ideias de algumas correntes psicanalíticas em relação a esta condição, principalmente através de autores como Robert Stoller e alguns seguidores de Lacan. Nesta intenção, discute o que se entende por ser homem ou mulher, a binariedade ou outras possibilidades de identidade sexual. Desenvolve ainda o tema com as contribuições mais recentes da Teoria Queer, referenciando-se em autoras como Berenice Bento e Patrícia Porchat, que trabalham, entre outras propostas, as colocações de Judith Butler.

Palavras-chave: Homem; Mulher; Transexualidades; Binariedade; Psicanálise.

Transpsychoanalysis

Abstract: The author discusses the current issue of transsexuality and its repercussions on psychoanalytic theory and practice. Towards this end, he presents ideas from psychoanalytic approaches to the issue, mainly through authors such as Robert Stoller and some Lacan's followers. Further, he discusses what it means to be man or woman, binarism, and other possible sexual identities. The author develops the theme based on the most recent contributions from the Queer Theory, referring to female authors like Berenice Bento and Patrícia Porchat, whose work include (among others) Judith Butler's statements.

Keywords: Man; Woman; Transsexuality; Binarism; Psychoanalysis.

“Sou uma mulher aprisionada num corpo de homem”.

“Sou um homem aprisionado num corpo de mulher”.

É frente a estas assertivas, por certo desconcertantes, que nos pomos a pensar. Pode alguém ser muito homem? Ser mais ou menos homem? Ser muito mulher? Ser mais mulher que as outras? Ou ser quase mulher, quase homem? Os que habitam bem sua anatomia têm certeza de que são homens, de que são mulheres? O que traz o sentimento de ser uma coisa ou outra? O outro é mais homem do que eu? Por quais características? Seriam elas características físicas, características

psicológicas, traços de caráter, de personalidade, de atitude?

Quem tem pênis é homem, quem tem vagina é mulher! Simples assim.

Ou quem tem pênis, tem pênis, quem tem vagina, tem vagina, ser homem ou mulher é outra coisa? Existe uma alma feminina que, por algum engano, entrou num corpo de homem? E vice-versa? Como se constrói um homem, como se constrói uma mulher? A partir de um ser que nasce com pênis devemos dizer que daí advirá um menino?

Para esclarecer alguns pontos de uma maneira simplificada, que será problematizada adiante: o sexo de uma pessoa é evidenciado no nascimento; se tem pênis é macho e deverá ser

* E-mail: paulocnjunqueira@globo.com

masculino, se tem vagina é fêmea e deverá ser feminina. O sexo estaria no corpo, o gênero nas atitudes, na imagem, no gestual, na vestimenta e, por mais discutível que seja, num jeito de sentir. O gênero seria determinado por cada cultura que explicitaria todas as características que os de cada um dos sexos devem ter. Para aqueles que nascem com pênis, deem-lhes roupas azuis, bola de futebol, carrinhos; para aqueles que nascem com vagina, roupas rosas, bonecas e “xicrinhas” de chá para brincar. Os meninos devem seguir o papai, as meninas, a mamãe. Futuramente, os meninos devem gostar das meninas, e as meninas dos meninos. Sexo, gênero, desejo e escolha de objeto. Em princípio, deveria haver uma continuidade entre essas quatro categorias, mas não é bem assim. Muitas vezes, um menino de dois ou três anos, diz para a mamãe que é uma menina! Não quer jogar bola, não brinca de carrinho, quer manter os cabelos longos, penteá-los, pintar as unhas, brincar de bonecas com as outras meninas. O que aconteceu? Isso não pode ser assim! Não se pode escolher o gênero como se escolhe o time de futebol! Pois o gênero, até agora, é o obrigatório acompanhante do sexo, não é para ter escolha, quero ou não quero. É compulsório.

Para Robert Stoller, psiquiatra e psicanalista americano, o gênero se constrói a partir das fantasias dos pais, principalmente a das mães, e não a partir do corpo, da genitália, como se costuma pensar. Isto é, do momento em que nasce um ser com pênis, a mãe pode acatar a cultura e dizer que nasceu um menino, mas isso, embora não pareça, já é um passo a mais. Ela pode dizer “vamos jogar sobre esse aí que nasceu com isso, com um pênis, toda a cultura do masculino: bola de futebol, roupas azuis, carrinho, expectativas relativas a um garoto, a um homem, etc. etc.” E, desta forma, se constrói um menino para aquele corpo de piruzinho. Mas, curiosamente, isso pode não se dar deste modo. Quando uma mulher engravida, ela tece uma série de fantasias – conscientes e inconscientes – a respeito daquele que virá ao mundo. “Vai ser assim, vai ser assado, vai ser assim outro”. Há uma criança imaginada que precede a criança real. Essa criança imaginada tem a função de realizar um entremeado de desejos maternos, de gratificá-la num conjunto

de anseios, ou mesmo ressarcir-la de uma sequência de perdas, às vezes até de lutos.

É possível que, para cumprir essas funções, o ser vindouro deverá ser uma menina preenchendo uma coleção de vazios: ser a companheira da mãe, ser tudo o que a mãe não foi, exercer uma feminilidade que teria sido difícil para a mãe exercer, ocupar o lugar de outra que se foi, coisas assim. Mas, eis que nasce um ser que tem um pênis. Há uma discrepância entre a criança imaginada e a criança real. Sempre há, mas para algumas mães é impossível fazer o luto da criança imaginada para se lidar com a criança real. É impossível. Esta veio para suprir uma necessidade inadiável. O que faz a mãe? Faz as duas coisas. Aceita e não aceita. “Ok, vamos chamá-lo de João, mas para mim ele é a minha menina. Não vou contar para ninguém, em princípio vou agir normalmente como se age com um menino, mas em meus pensamentos ele será a minha menina.” É um mecanismo que, em algumas linhas da psicanálise, se chama recusa ou renegação, *verleugnung* em alemão, e que seria o mecanismo comum ao da estrutura da perversão. Eu sei, mas mesmo assim... “Eu sei que ele tem um piruzinho, mas para mim ele é uma menina.” No entanto, o que nós conhecemos, o que se manifesta, é o contrário, é o garotinho dizendo que ele é uma menina. Será que ele captou o inconsciente materno? Como? Como pode aquela fantasia da mãe, muitas vezes totalmente inconsciente para ela mesma, ser captada pela criança? Mágica? Transmissão de pensamento? Não precisa ser tão complicado. Segundo Stoller, a criança sente através da manipulação e do contato com o corpo materno toda a relação inconsciente desta com o gênero, e mesmo com a genitália do filho. Dizem que uma mãe dá um colo diferente para uma filha ou para um filho. Se houver uma discordância entre sua fantasia e o sexo do filho, ela fará ali um investimento negativo, que se transformará num narcisismo negativo, e a genitália masculina passa a ser um objeto de repulsa para o filho, um estorvo, um penduricalho desnecessário, um atributo desvalorizado que restringe o amor que a mãe poderia lhe ofertar. Este é o caso das transexuais cujas mães queriam uma menina. Mas pode

acontecer de a mãe desejar ardentemente um menino e, mesmo assim, ele vir a ser transexual. É porque esse desejado pela mãe é um menino particular. Geralmente é um menino bonito, e desde o berçário faz sucesso, e dizem “bonito como uma menina”. Assim fala Robert Stoller, revelando que para a cultura americana, pelo menos até os anos 70, 80, do século passado, a beleza era, definitivamente, um atributo feminino. Portanto, nascendo um menino bonito ele vai realizar, para algumas mães, um sonho muito recôndito: aquele de embelezar sua existência solitária, árida e deprimida. Este tipo de investimento é declarado explicitamente pelas mães stollerianas, que ainda acrescentam que o irmão feio do menino bonito de forma nenhuma serve para aquela função e que vai seguir um caminho masculino. Assim sendo, o menino bonito será uma parte dela, um só corpo para dois, inseparáveis, delicados e, desta forma, ele se identifica com essa mãe que, mesmo desejando um menino, atribui-lhe a função de ser a sua parte sensível, a função de ser uma bela mulher. Ele é, paradoxalmente, o falo feminino pelo qual ela esperava para consolá-la, para completá-la. Este menino habitará exclusivamente o universo feminino. Em todas essas situações, o pai será desmerecido pelas mães, e não interferirá efetivamente na dupla simbiótica.

Diz Paulo Roberto Ceccarelli em seu livro *Transexualidades* (2013):

De forma resumida, as posições teórico-clínicas sobre o transexualismo/transexualidade podem ser agrupadas em duas grandes correntes: as que seguem as teorizações do psicanalista norte-americano Robert Stoller, e as que se apoiam nas postuladas pelo psicanalista francês Jacques-Marie Émile Lacan. O grande divisor de águas é, sem dúvida, constituído pelas bases que sustentam a teoria usada na compreensão da dinâmica transexual (CECCARELLI, 2013, p.48).

E mais adiante:

Para Lacan (1971), o transexual encarna o falo e procura, pela cirurgia, libertar-se do lugar do significante. Logo, trata-se de uma psicose, onde o transexual tenta, por falta do significante Nome-do-Pai, amarrar, pela cirurgia, o real, o

simbólico e o imaginário (CECCARELLI, 2013, p.51).

Ceccarelli cita ainda, resumidamente, a posição dos outros analistas de linha lacaniana:

Nessa mesma perspectiva, encontramos, dentre outros, os trabalhos de Safouan (1974), que entende a demanda de castração cirúrgica como uma tentativa de remediar a falta da castração simbólica; os de Czermak (1986), que sustenta que o transexual quer tornar-se “A Mulher” e vê no transexualismo uma das formas de “cristalização da psicose”; os de Catherine Millot (1983), que coloca o transexual masculino “fora-do-corpo” e “fora-do-sexo”. Para Millot, a demanda de mudança de sexo é a tentativa de adaptar o real do corpo ao delírio (CECCARELLI, 2013, p.52).

Já Giselle Falbo Kosovski, em seu texto *Lacan e o transexual de Stoller*, questiona este entendimento de que, para Lacan, o transexual seria psicótico, creditando este a uma leitura equivocada de alguns trechos do mestre francês.

Para Stoller, o transexual não é psicótico; ele tem razão em dizer que é uma mulher mesmo num corpo de homem porque o mais importante na construção da identidade de gênero não é a genitália, mas a fantasia materna. Ele fala de uma identidade nuclear de gênero, que já estaria definitivamente construída no primeiro ou segundo ano de vida e que se basearia numa identificação primária com a mãe, identificação que não vai ser mais desestabilizada. Esta identificação precede o Édipo, precede a escolha de objeto. Todos os meninos passam por essa identificação, mas nos futuros transexuais ela, além de extremamente intensa e alimentada pela fantasia materna, não sofre os efeitos da atuação de um terceiro, do pai que, sempre ausente, por muitas vezes inseguro em sua própria identidade, não se ocupa daquele que fica entregue ao deleite materno e que ele vai, pouco a pouco, aprendendo a compartilhar. A transexualidade seria uma “solução” encontrada para tal quadro. Após a cirurgia de mudança de sexo, uma transexual disse para a mãe: “Pronto, mamãe, agora eu sou a menina que você sempre desejou.”

A homossexualidade questionou a Psicanálise nos tempos recentes porque sendo muito mais aceita e legalizada pela sociedade contemporânea obrigou que a teoria revisse suas colocações que, em muitos casos, ainda a considerava uma patologia, ou pelo menos uma perversão, glamourizada ou não. Mas já houve tempo em que um homem desejar outro homem, e não uma mulher, poderia ser tão surpreendente quanto, talvez, agora, nos está surpreendendo a quantidade de pessoas dizendo que habitam um corpo errado. Era uma inversão, tal como Freud a chama nos *Três Ensaíos*. Inversão quer dizer que algo está trocado, virado do lado errado. Durante muito tempo, se considerada uma patologia, a homossexualidade deveria ser curada, isto é, fazendo o cidadão passar a desejar correto, direito. Ele tinha que mudar seu desejo que estava trocado. Depois, se passou a pensar diferente, principalmente com Freud. Talvez não fosse doença desejar outro do mesmo sexo, então não mais procurar-se-ia curar o sujeito do seu desejo mas, no plano pessoal, flexibilizar, não seu desejo, mas seu ego, para que ele pudesse aceitar e conviver com esse impulso, e no plano social se combater o preconceito e as injustiças com aqueles que sentiam assim. Tornou-se até proibido tentar mudar a orientação sexual de qualquer um. Uma proibição que estão tentando derrubar e trazer de volta, a chamada “cura gay”.

Seria a mesma coisa com a transexualidade?

Como vamos caminhar? Vamos tentar convencer o transexual de que ele é um homem num corpo de homem e ajudá-lo a desenvolver a masculinidade, elegendo como determinante a genitália e os cromossomas numa espécie de “cura trans”, ou vamos aceitar o que ele sente e diz, e ajudá-lo nesta travessia de adequar o seu corpo à sua identidade feminina. Ou ainda, vamos ouvi-lo em sua singularidade sem caminhos decididos a priori? Qual o nosso papel na clínica frente a essa condição? Há, realmente, além do que ele mesmo diz, parâmetros teóricos, científicos, para se dizer que alguém é psiquicamente homem ou mulher?

É claro que estamos falando de categorias diferentes. No primeiro caso, o da homossexualidade, trata-se do desejo e da

escolha de objeto versus o ego, e no segundo trata-se da identidade de gênero versus a anatomia. A pergunta é se a transexualidade vai provocar à Psicanálise um questionamento de muito maior abrangência do que causou a homossexualidade. Temos aí um ponto controverso, em que pesem as diferenças entre identidade, ego, corpo e desejo. Ou a identidade de gênero seria um desejo? Freud diz que, no início, há um ego corporal, mas aqui nos deparamos com a discordância entre o ego e o corpo.

Em outros tempos, seria um absurdo alguém dizer que se teria que aceitar um homem desejando outro homem: um ser torto. Isso poderia contrariar toda a ideia de alguém sobre o mundo e a ordem das coisas: a heterossexualidade seria compulsória. Hoje se trabalha com a ideia de uma mulher num corpo de um homem, ou vice-versa. Será que daqui a algum tempo nos parecerá absurdo patologizar a transexualidade, assim como agora vemos como absurdo a patologização da homossexualidade? A Psicanálise, que teve que se questionar devido à aceitação social da homossexualidade e rearranjar conceitos ou produzir novas leituras, como se haverá frente à transexualidade? Vamos declarar psicóticos aqueles que têm conseguido respaldo às suas reivindicações tanto no plano médico como legal? Não corremos o risco de não mais quererem nos ouvir? Por outro lado, quanto podemos flexibilizar a teoria sem corrompê-la, no empenho de sermos modernos?

Mas, e no caso da criação de crianças? Atualmente, algumas pessoas, achando que o gênero é uma escolha individual, subjetiva, oferecem aos filhos roupas, brinquedos e até nomes que serviriam aos dois sexos, para ver o que resulta dali, como se quisessem dar a eles liberdade, e não fazer uma imposição de gênero; aliás, como se acreditassem que há um caminho, qualquer um dos dois, masculino ou feminino, que estivesse aberto àquele ser, e que ele acabará por se expressar, e não que os gêneros fossem ou uma consequência da vivência e das experiências muito primárias com os inconscientes parentais, ou um acompanhante natural do sexo.

Stoller, se não de adultos, tentou durante muito tempo tratar de crianças com a chamada “disforia de gênero” e desenvolver a masculinidade em meninos, e a feminilidade em meninas, diferentemente desta nova linha que propõe deixá-los à vontade para escolherem o gênero. Mas, em última instância, ele não era contra a cirurgia para aqueles que ele entendia como os “verdadeiros transexuais”, na medida em que a identidade nuclear de gênero seria adquirida muito precocemente, e seria imutável.

O problema me parece ser que o transexual tem um enorme sofrimento em relação ao seu corpo expresso numa incompatibilidade entre sua identidade de gênero e o seu sexo corporal. Mesmo que se realizem todas as cirurgias e tratamentos hormonais e o resultado seja satisfatório para o demandante da modificação, isso tudo implica em sofrimento, em angústia, em espera, em dor, em procedimentos médicos drásticos, e muitas vezes em resultados muito aquém do esperado, além de uma manutenção trabalhosa, dolorida e custosa. Mas pode significar também grande alívio para aqueles que se sentiam no corpo errado.

Aqueles que acham que devem deixar as crianças livres para escolherem o gênero ao qual querem pertencer, incluem em suas propostas que podem estar criando uma futura desavença entre a identidade e o corpo. O que acarretará em um desejo de realinhamento tão custoso e sofrido? Ou uma pessoa pode transitar entre os gêneros, ou ser de um gênero diferente do seu sexo anatômico sem sofrimento, sem desejo de transformá-lo, de fazer o realinhamento? Qual o alcance desta proposta?

Mais recentemente, alguns autores tentam dar outras inteligibilidades ao fenômeno da transexualidade. Joel Birman fala de um auto-engendramento, onde essas pessoas recusariam a anatomia como determinante do seu sexo, assim como a cultura determinando o seu gênero. Fora da biologia e fora do Édipo, eles querem se auto-engendrar, o que traria uma grande questão à Psicanálise porque seriam seres se construindo fora dos seus arranjos conceituais e a colocaria em xeque, tendo que rever suas ferramentas com as quais aborda o fenômeno e, talvez, construir outras. Marco

Antonio Coutinho Jorge e Natália Pereira Travassos aproximam a transexualidade a uma epidemia histórica tal como as que ocorreram em séculos passados onde ela se manifestava ora como possessões demoníacas, ora como feitiçaria, mais tarde como doença mental no nascimento da Psiquiatria e, finalmente, como as históricas freudianas tais como as conhecemos e que, na contemporaneidade, se apresentariam com essa reivindicação de efetiva transformação corporal para a mesma questão histórica de sempre: sou um homem, ou sou uma mulher?

Atualmente, uma nova linha de trabalho tem questionado o entendimento, digamos clássico, do fenômeno das Transexualidades, entendimento este representado pelas visadas psicanalíticas e biologicistas. Esta nova linha se baseia nos estudos da Teoria Queer, que tem como seu expoente a filósofa Judith Butler. No Brasil, duas autoras - Berenice Bento, socióloga, e Patrícia Porchat, psicanalista -, desenvolveram estudos sobre a transexualidade levando em consideração as colocações da Teoria Queer.

Berenice Bento escreveu um livro denominado *A Reinvenção do Corpo - sexualidade e gênero na experiência transexual*. A marca mais importante de sua visada, assim como a sua diferenciação, é a sua extensa convivência com aqueles que são objetos dos estudos teóricos, os próprios candidatos às cirurgias de mudança de sexo. Essa convivência e diálogo possibilitaram a ela questionar muitas das colocações feitas pelos chamados estudos oficiais do transexualismo. São oficiais porque são eles que determinam as exigências impostas aos transexuais e adotadas por aqueles que atuam na mudança de sexo: cirurgiões, endocrinologistas, psiquiatras, psicólogos, assistentes sociais.

Entre outras ideias, Bento discute a questão do chamado “transexual verdadeiro” dizendo ser uma falácia, consequência de um pensamento que acredita também na existência da mulher verdadeira, e do homem verdadeiro. Discute ainda determinadas colocações da “ciência oficial da transexualidade” a respeito da relação destes indivíduos com seu corpo, principalmente com suas genitálias e sua sexualidade. Para a ciência oficial, o transexual

verdadeiro odeia a sua genitália e com isso seria alguém assexuado, isto é, sem vida sexual e estaria aguardando a cirurgia para vir a tê-la. Na sua pesquisa de campo, Bento encontrou pessoas que seriam transexuais e desejantes de mudança de sexo, mas que não necessariamente não tivessem vida sexual, vida afetiva, relacionamentos, prática sexual, e algumas não só sem ojeriza ao seu próprio corpo, mas até com idealizações e prazeres em relação a eles.

Bento aborda igualmente a controversa questão do diagnóstico profissional versus o autodiagnóstico, e discute a prerrogativa das ciências médicas e “psis” quanto a esta atribuição, condição imperativa para a autorização das intervenções hormonais e cirúrgicas. Há um grande contingente de ativistas dos direitos LGBTs que contestam esta apropriação pela medicina da “questão trans”, e alegam que eles mesmos, e não qualquer exame ou teste, é que podem afirmar se são ou não transexuais. Isso traz alguns desdobramentos: se não for classificado pela ciência médica como uma patologia, o Estado se desobriga de oferecer tratamento tanto cirúrgico como psicológico e endócrino para os demandantes de mudança de sexo. Este ponto faz com que haja vacilações nas políticas adotadas por esses grupos, pela consciência de que sem este apoio muito poucos poderiam participar do processo, bastante caro.

Outra questão importante é que os candidatos ao longo do tempo aprendem tudo o que devem fazer para serem aceitos como verdadeiros transexuais com direito à cirurgia. Sabem de antemão as respostas que devem dar nas entrevistas, exames médicos e testes psicológicos.

Para Bento, a transexualidade é uma questão social a respeito da construção dos conceitos de masculinidade e feminilidade muito mais do que um problema psicológico individual.

Já a filósofa americana Judith Butler, segundo Patrícia Porchat (2014), considera que não existe nenhum substrato biológico, uma essência, que embasa o gênero socialmente construído. Mesmo sem desconsiderar o corpo, embora questionando a dicotomia

corpo/natureza – gênero/cultura, ela diz que os gêneros são sempre performáticos e instáveis e só são relativamente fixados por uma repetição cotidiana de atos. Dentro de uma perspectiva foucaultiana, Butler aborda a questão dos gêneros a partir de uma colocação política, numa luta de poder, onde o que está em causa é a dominação masculina sobre o feminino; e seu corolário, a heterossexualidade compulsória que determinaria lugares e funções para os gêneros. Butler fala de gêneros não inteligíveis, aqueles fora da binariedade também compulsória: só se poderia ser homem ou mulher. Diz que para se tornar humano o sujeito já seria generizado, ou seja, não há um sujeito sobre o qual se aplica o gênero, mas que ele só se torna humano quando dele se diz é menino ou é menina. Segundo ela, isso deixa de fora muitas outras possibilidades, restringe vivências, constrange o ser a escolhas muito limitadas, além de jogar no limbo aqueles que não se adequam a estas propostas; ficam como seres abjetos, não humanos. Mas diferente das reivindicações dos transgêneros e dos teóricos também formatados na binariedade, Butler propõe uma permanência no limbo, no inefável, num abrir de mais possibilidades para o gênero que não a binariedade.

Este posicionamento pode nos levar a pensar que muitos dos que demandam cirurgia de realinhamento sexual também estão assujeitados a um pensamento de gênero exclusivamente binário, apenas acreditando que estão do lado errado de um dos dois únicos lados existentes.

Há também uma corrente de feministas radicais que contestam as transexuais, argumentando que, muitas vezes, elas querem se tornar as mulheres comuns, submetidas aos papéis subservientes que a sociedade dominada pela masculinidade impõe, invalidando a sua luta de décadas.

Este aqui é um pequeno resumo de alguns estudos sobre os gêneros e a transexualidade. Depois que pesquisei alguns autores, com diferentes visões, diferentes explicações para o tão falado “fenômeno trans” na atualidade, entrei em alguns sites na internet e, acompanhando Berenice Bento, fiquei com a estranha sensação de que as teorias, às vezes,

ficam muito distantes e aquém dos fenômenos sociais, tal a variedade de pessoas, de vivências, de experiências que, certamente, as teorias não conseguem abarcar.

Freud, certa vez, disse que se havia tantas tentativas de se explicar a homossexualidade, também deveria haver outras tantas para explicar a heterossexualidade, porque para ele não era claro e sem questão porque tantas pessoas eram heterossexuais. Fiquei um pouco com esta sensação que estamos tentando teorizar por que uma pessoa não se sente bem com o corpo que habita e o gênero correspondente, mas também poderíamos nos perguntar por que podemos nos sentir bem; ou que, talvez, nos sentirmos bem com o corpo e o gênero é uma adaptação e uma aceitação de imposições maciças, e não um dado natural. É também uma limitação de algo que poderia oferecer mais possibilidades: ser uma mulher forte, ser um homem feminino, uma hora um, uma hora outro, mais intenso aqui, menos ali, mais claro aqui, menos ali. É o questionamento da binariedade como única solução possível para as intersecções entre a pulsão, as identificações e as identidades.

Referências

BENTO, Berenice. *A reinvenção do corpo: sexualidade na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BIRMAN, Joel. *Conferência: Sexo e Gênero*. XV Jornada do EBEP, 2016.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CECCARELLI, Paulo Roberto. *Transexualidades*. 2.ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013.

COUTINHO JORGE, M. A.; TRAVASSOS, Natália P. A epidemia transexual: histeria na era da ciência e da globalização? *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.*, São Paulo, v.20, n.2, p.307-330, jun. 2017.

KOSOVSKI, Giselle Falbo. Lacan e o transexual de Stoller. *Trivium: Estudos Interdisciplinares*, ano VIII, ed.2, p.133-142.

PORCHAT, Patricia. *Psicanálise e Transexualismo: desconstruindo gêneros e patologias com Judith Butler*. Curitiba: Juruá, 2014.

STOLLER, Robert J. *A Experiência Transexual*. Rio de Janeiro: Imago, 1982.

Recebido em: novembro de 2018

Aceito em: novembro de 2018



Tema em debate

Uma psicanálise (do) comum

Rodrigo Ventura^{1*}

¹ Psicanalista, Membro do Ebep (Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos), Graduado em Filosofia pela UERJ, Mestre e Doutor em Teoria Psicanalítica pela UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Resumo: Partindo da noção de lugar de fala como porta de entrada para a articulação entre a psicanálise e os movimentos feministas, o objetivo desse artigo é explorar a potência do conceito de comum como chave para problematizar na atualidade a relação tensa entre os processos identitários hegemônicos e as diferenças singulares de cada um, que resulta na exclusão de todo modo de existência mínimo e não adaptado aos padrões culturais, tentando pensar uma prática psicanalítica capaz de habitar o “entre”, para além de todo binarismo existencial, capaz de deslocar a ênfase da diferença para o comum, capaz de experimentar a mistura de corpos no encontro com o outro, capaz de dar lugar para quem não tem lugar no mundo.

Palavras-chave: Comum; Corpo; Encontro; Mistura; Lugar.

A psychoanalysis (of the) common

Abstract: Starting from the notion of place of speech as a bridge to the articulation between psychoanalysis and feminist movements, the objective of this article is to explore the power of the concept of common as a key to problematize the tense relationship between the hegemonic identity processes and the individual differences, that result in the exclusion of every mode of existence that is minimal and not adapted to cultural patterns, trying to think of a psychoanalytical practice capable of inhabiting the “between”, beyond any existential binarism, capable of changing the emphasis of difference to the common, capable to experience the mixing of bodies in the meeting with the other, capable of giving place to those who have no place in the world.

Keywords: Common; Body; Meeting; Mixing; Place.

em mim / eu vejo / o outro /
e outro / enfim dezenas /
trens passando / vagões cheio de gente
o outro / que há em mim / é você /
você / e você
assim como /eu estou em você /
eu estou nele /em nós /
e só quando / estamos em nós /
estamos em paz /
mesmo que estejamos a sós.

(Leminski)

Lugar de fala

O que me legitima a começar esse artigo escrevendo qualquer coisa que seja sobre os movimentos feministas? Homem, branco, cisgênero, heterossexual, ou melhor, a encarnação do sujeito do privilégio mesmo depois de séculos de patriarcado e machismo como sistema de pensamento e dispositivo de

* E-mail: rodrigocventura@gmail.com

poder que instauram uma política de silenciamento a tudo o que é feminino. Mesmo com tanta violência contra o corpo da mulher: violência doméstica, feminicídios, abusos sexuais, estupros e abortos clandestinos. Mesmo em uma cultura claramente preconceituosa e misógina. Ainda assim, me garantem um lugar. Mas que lugar? Um lugar de fala.

Mas o que é lugar de fala? São lugares legitimados social e historicamente, que garantem um lugar de existência. Quem pode falar, existe. Uma espécie de cogito cartesiano atualizado: “falo, logo existo”. Os silenciados ocupam, portanto, um não-lugar ontológico. São muitos, mas existem menos. São modos de existência com um grau menor de realidade.

Porém, as vozes do subterrâneo, que nunca se calaram, começam a ecoar com mais força pelo mundo. E quando os silenciados históricos se insurgem finalmente para falar, criando espaços de resistência e de liberdade, quem de fato pode ocupar esse lugar? Que os silenciados o ocupem, isso é um direito conquistado e um fato a ser comemorado. Entretanto, como escapar ou de um essencialismo excludente, que declara, por exemplo, que “só mulher pode falar”, ou de uma lógica reducionista que só é capaz de autorizar a fala através de uma vivência individual, que defende, por exemplo, que “só mulher que já foi violentada pode falar”?

Lembrando Deleuze (*apud* PRECIADO, 2014), é possível pensar transversalmente sobre certos fenômenos e realidades sem necessariamente passar pela experiência real. É o que esse autor chama de “porre de Henry Miller”, um experimento que consiste em chegar à embriaguez bebendo apenas água. A transversalidade que marca essa experiência não é da ordem do indivíduo nem da propriedade, bordejando a noção de comum.

Individual é o lugar da dor. Lugar de fala, bem ao contrário, é coletivo. Lugar de fala também é diferente de representatividade (RIBEIRO, 2017), visto que não se trata de falar no lugar de ninguém, mas de “falar com”, “falar junto”. Não falar é se desresponsabilizar, é uma espécie de “não é comigo” individualista. É a falência do “nós”, do coletivo e do comum. É a vitória do umbigo.

A culpa é sempre individual e moral; a responsabilidade é coletiva e política. Não falar é ser cúmplice, é lavar as mãos, é dizer amém. Ocupar o lugar de fala é alargar esse lugar para um, para muitos, para todos. Ocupar o lugar de fala é criar condições que permitam a todos e a cada um falar, a todos e a cada um existir.

Agora que concluí que não só posso como devo ocupar esse lugar, qual é a sua função no mundo de hoje? O lugar de fala é uma ferramenta de interrupção de vozes hegemônicas e de rompimento com um regime de autorização discursiva excludente. É uma forma de resistência ao machismo patriarcal. É uma estratégia dos movimentos sociais para furar o recalque social das vozes dissonantes, das vozes outras, que torna possível a insurgência de poderes minoritários, para além do lugar de vítima.

Portanto, o lugar de fala, no contexto dos movimentos feministas atuais, é um instrumento de transformação social e de luta por outro mundo possível, de um mundo possível para os outros que quase não existem. É em um sentido amplo que penso o lugar de fala, assim como os feminismos das mais diversas cores, como movimentos de resistência contra as formas de sujeição de todo e qualquer outro, independentemente de gênero, sexo, cor da pele, classe social ou lugar de origem. Da mulher ao gay, ao trans, ao negro, ao pobre, ao refugiado. Alteridades sem garantias existenciais, que experimentam em comum o silenciamento ostensivo de suas existências mínimas.

O lugar de fala é, portanto, uma ponte capaz de ligar a psicanálise aos movimentos feministas, criando as condições de possibilidade para se pensar uma psicanálise feminista, ou melhor, uma psicanálise (do) comum.

Psicanálise e movimentos feministas (um pequeno parêntese)

É um fato histórico a existência de uma relação tensa, marcada por aproximações e distanciamentos, entre a psicanálise e os movimentos feministas, que persistiu por todo o século XX até os dias de hoje.

Freud foi o primeiro a dar voz às histéricas no século XIX, legitimando seus sintomas e escutando seus sofrimentos. Cabe lembrar que a medicina da época não conseguia encontrar uma explicação para a histeria pelo viés ou da lesão anatômica ou da degenerescência hereditária, e tratou logo de moralizá-la, transformando-a em simulação e os histéricos em mentirosos. Rompendo com a anatomoclínica fisicalista de seu tempo, Freud deslocou a etiologia das doenças nervosas para o campo do psiquismo, produzindo uma torção em sua causalidade ao substituir a lesão anatômica pelo traço psíquico. Esse movimento radical passou necessariamente pela restauração do poder da palavra da histérica.

Quando a sua paciente, Sra. Emmy Von N., insistiu que Freud parasse de fazer perguntas e a deixasse falar sobre o que queria (FREUD, 1893-1895), não há dúvida que a cena inaugural da psicanálise é marcada pela potência do feminino, que resistiu ao lugar submisso das histéricas e lutou pela liberdade de fala. Ao ocupar o lugar de escuta, Freud legitima o lugar de fala do feminino. Nos seus primórdios, nos tempos heroicos, a psicanálise é subversiva e transgressora. Mas não permanece sempre assim.

Os conceitos de complexo de Édipo e de inveja do pênis, assim como as teses psicanalíticas sobre a feminilidade e a sexualidade feminina, fazem eclodir o teor misógino e os traços paternalistas latentes à teoria psicanalítica. Compreensível, já que Freud teorizou dentro do caldo cultural de sua época. Criticável, já que só há psicanálise possível e potente, conectada e dialogando com o atual do seu tempo.

Mais que misoginia e machismo, esses conceitos evidenciam que a psicanálise seguiu uma trilha histórica muito antiga, marcada por uma forma binária e dualista de se pensar o mundo. Freud está imerso nessa forma de pensar, caracterizada por grandes divisores: cultura x natureza, consciente x inconsciente, prazer x desprazer, corpo x psique, razão x emoção, normal x patológico, sujeito x objeto, ativo x passivo, masculino x feminino.

Essa forma de pensar opera na lógica do muro, que é sempre uma estrutura de defesa e

de exclusão do diferente, do estranho e do periférico, instaurando centros hegemônicos de existência, que respondem pelos nomes de: androcentrismo, patnocentrismo, falocentrismo, dentre outros. Centros murados que produzem um excepcionalismo ontológico do homem branco, ocidental, cristão, heterossexual e cisgênero. Centros murados que deslegitimam quem está à margem e invisibilizam quem habita o fora. O mundo que assim se constrói, em um contexto multicultural e desigual, é muito violento, fóbico e traumático. Um mundo “diferentofóbico”, como nos lembra Freud (1921) com seu conceito de “narcisismo das pequenas diferenças”.

Nessa perspectiva, a psicanálise se torna submissa e assujeitadora. Mas, ou a psicanálise é subversiva e, portanto, feminista, ou é mera técnica a serviço de uma biopolítica normalizadora da existência. A questão não é pensar que todo dualismo conceitual é pernicioso, mas que estes exigem uma separação radical entre os habitantes dos dois mundos em questão. Não se trata de se entregar a fantasias fusionais e monistas, não se trata de abolir as fronteiras, mas de abri-las, de imprecisá-las, de misturá-las. Em outras palavras, como pensar o “entre”, para além de todo binarismo? Como deslocar a ênfase da diferença para o comum?

Modos de existência e perspectivas que se encontram

Dando voz a Étienne Souriau, um filósofo francês um tanto quanto esquecido atualmente, existir é sempre existir de um modo. O modo é a maneira de um ser existir em um determinado plano de existência, seja este material ou não, e em uma determinada perspectiva, seja esta perceptível ou não.

O mundo é habitado por uma pluralidade de modos de existência. Porém, o interesse desse autor em pesquisar esse tema apontava para as existências menos intensas e com menos realidade, as existências mínimas, precárias, quase inaudíveis, quase invisíveis e sem muitas garantias existenciais.

Para ele, é papel da filosofia promover a instauração dos modos de existência mínimos, advogando por seus direitos existenciais. A

instauração de um modo de existência reside na capacidade torná-lo mais real, visto que a maneira mais eficaz de solapar uma existência é negando seu estatuto de realidade. Instaurar é dar corpo a uma existência que “não existe”.

A existência presente nesses modos pode intensificar sua realidade, se transformar, passar de um modo a outro. Nesse sentido, todo e qualquer existente é uma realidade plurimodal, ou melhor, transmodal, no qual habita a potência de transformação do seu modo de existir, carregando em si uma multiplicidade de possíveis existenciais. Os modos de existência são modos de transformação, modos em transformação, do ser-enquanto-ser para o ser-enquanto-outro.

Vivemos na atualidade, marcada pela lógica neoliberal do *self-made man*, um imperativo de autonomia, que aponta para o engodo narcísico do “eu me basto”. Porém, para existir, é preciso do outro. Todo e qualquer modo de existência sempre já é relação com o outro, sempre já é coletivo. “Só nos tornamos reais ao tornar reais outras existências” (LAPOUJADE, 2017, p.95), só existimos fazendo o outro existir, uma vez que toda existência é, de saída, relacional, e todo modo de existência é um porta-existência de outro modo.

Por conta da incompletude existencial dos modos de existência, estes não dependem de si só para existir, mas daquilo que está fora e junto de si mesmo. Apoiando-se no outro para poder existir, já que não é possível viver na ficção solipsista e monádica de ser um si só, o modo experimenta que sua existência não cabe dentro de si, mas floresce no “entre”, povoando os intervalos e habitando as zonas de vizinhança e de encontro com o outro.

Todo modo de existência ocupa um ponto de vista. Um ponto de vista é um ponto de vida. Existir é habitar uma perspectiva. Ecos ameríndios indicam que todo ser a quem se atribui uma perspectiva é um modo de existência. Aquilo que define um modo de existência é uma perspectiva, um ponto de vista, uma posição existencial.

Penso em uma criança que dispôs diversos objetos, grandes e pequenos, cuidadosamente, longamente, de uma maneira que ela achou bonita e ornamental, sobre a mesa da mãe, para

agradá-la. A mãe chega. Tranquila, distraída, pega um desses objetos do qual ela vai precisar, recoloca um outro no seu lugar de sempre, e desfaz tudo. E quando as explicações desesperadas que acompanham os soluços contidos da criança lhe revelam a extensão do seu pouco caso, ela exclama desolada: ah, meu amor, eu não vi que era alguma coisa! (SOURIAU *apud* LAPOUJADE, 2017, p.43).

A mãe vê os objetos. A mãe vê a criança. O que ela não vê é o modo de existência desses objetos sob o ponto de vista da criança. O que ela não vê é a perspectiva da criança. O que ela não vê é o modo com que a criança existe nessa perspectiva. O que ela não vê é o mundo dessa criança a partir de sua perspectiva singular. A mãe enxerga tudo, mas não vê quase nada.

Nessa lógica perspectivista, cada modo de existência está aberto a outras perspectivas, estabelecendo conexões e pontes entre múltiplos mundos que existem. Mas quantas vezes estamos cegos diante desta possibilidade? Não há um mundo comum que cada um se apropria e faz dele o seu mundo. Há mundos singulares que formam um mundo comum através das comunicações de suas perspectivas (LAPOUJADE, 2017). O mundo comum não está dado, sendo sempre uma produção que se dá pelo encontro de perspectivas diferentes. O comum se dá pelo encontro.

Um pouco de Espinosa senão eu sufoco! Rumo à noção de comum

Em seu livro mais importante, *Ética* (1677), Espinosa afirma que a multiplicidade infinita de modos finitos que existem no mundo (*Natureza Naturada*) é a expressão material de uma única e infinita substância (*Natureza Naturante*). Como atividade causal infinita e de produção sem fim, já que inesgotável e sem finalidade, a substância infinita é pura potência de criação de infinitos modos finitos.

Essa potência é a essência intensiva tanto da substância quanto dos seus modos. Modos também criam modos, novos modos de si mesmo. Essa potência é a manifestação do comum infinito no seio do mundo finito. Modos são heterogêneos em suas formas e homogêneos em seu tecido. O comum se manifesta na diversidade e na multiplicidade

infinita dos modos finitos. O comum habita o corpo e a mente de todo modo.

Espinosa, transgredindo uma importante tese cartesiana, aponta para o paralelismo entre corpo e mente, expressões modais dos atributos substanciais da extensão e do pensamento. Entre corpo e mente não há hierarquia. Corpo e mente agem e padecem juntos. São afetados em conjunto e em paralelo.

Afeto é uma afecção do corpo que faz variar a potência de existir de um modo, aumentando ou diminuindo a sua vitalidade. Toda vez que o corpo é afetado, a mente produz uma ideia desse afeto. Nem toda afecção é um afeto, posto que uma variação da potência de existir tem de ocorrer.

Cada modo esforça-se por perseverar em sua existência para continuar existindo. É o que Espinosa chama de *conatus*, que poderia ser traduzido livremente por apetite (no plano corporal), ou por desejo (no plano mental), ou apenas por potência de existir. Um modo é definido pela intensidade maior ou menor da sua força de existir. Um modo é sempre um modo de existir, um modo de existência.

Todo corpo afeta e é afetado por outros corpos, a partir do encontro de corpos que se esbarram ao acaso. Os bons encontros produzem alegria e aumentam nossa potência de existir. Os maus encontros produzem tristeza e diminuem nossa potência de existir, postulados fundamentais de uma ética da alegria e do encontro potente. Portanto, um corpo é mais potente quanto mais ricas e complexas são suas relações com outros corpos, quanto mais ampla for sua rede de afecções corporais. Desafiando a lógica da distância, um corpo é mais potente quanto mais próximo está de outros corpos.

Na experiência de um bom encontro, os corpos concordam, combinam, convém, ou melhor, têm algo em comum. Para Espinosa, a razão é o esforço para compreender o que há de comum entre os corpos e buscar os encontros de tal maneira que sejamos afetados por um máximo de paixões alegres. Quando encontramos um corpo que convém com o nosso, quando sentimos uma afecção alegre, usamos o acréscimo de potência para formar

uma ideia adequada daquilo que é comum entre esse corpo e o nosso.

A formação de uma noção comum assinala o momento em que nos tornamos ativos. Nós, que a princípio só temos ideias confusas e afetos passivos, só podemos conquistar nossa potência de agir formando noções comuns. “A mente é tanto mais capaz de perceber mais coisas adequadamente quanto mais propriedades em comum com outros corpos tem o seu corpo” (ESPINOSA, 1677, p.79).

O encontro com o comum de outros corpos aumenta nossa alegria. O encontro com o comum do corpo é potente. O corpo é a morada do comum, é a residência da alegria, é a casa da potência, é o lugar do encontro. A relação com o corpo do outro, borda a borda, define um lugar comum de encontros alegres e potentes. Um corpo que transborda a ideia de um corpo fechado em si mesmo, propriedade ensimesmada do indivíduo. Um corpo transindividual e poroso, que só existe em relação e só tem lugar entre outros corpos.

O lugar da mistura dos corpos

Em seu livro *A vida das plantas: metafísica da mistura* (2018), Emanuelle Coccia, jovem filósofo italiano, toma o modo de existência das plantas como ponto de partida para se pensar a existência de nós mesmos e, principalmente, a noção de mistura.

Nessa obra, ele afirma que há uma espécie de canibalismo universal. Viver é viver da vida de outros. Imersos no mar atmosférico, nos alimentamos da excreção gasosa das plantas a cada movimento de nossa respiração. Na relação com o ar que nos rodeia, em toda inspiração e expiração, experimentamos uma inversão topológica na qual o que é lugar se torna conteúdo e o que é conteúdo se torna lugar, “borrando” os contornos entre nós e o mundo. Respirar é penetrar o mundo, ao mesmo tempo em que nos deixamos penetrar por ele.

“O mundo é mistura e todo ser mundano está no mundo com a mesma intensidade que o mundo está nele” (COCCIA, 2018, p.73). Estamos dentro de algo com a mesma força que esse algo está dentro de nós. Viver é experimentar, a cada instante, essa inerência recíproca. Viver é experimentar, a cada instante, que “a vida de

cada um está misturada à vida dos outros” (COCCIA, 2018, p.51). A vida é mistura e em cada coisa há um pouco de cada coisa, como já afirmava Empédocles há mais de dois mil anos.

Porém, mistura não é só a combinação de elementos heterogêneos em um meio liquefeito. Mistura é entrar em contato com o corpo do outro sem se fundir, sem se perder, mas sem se manter igual, permanecendo sempre diferente. Mistura é uma força de multiplicação e variação de formas, uma mestiçagem cósmica que põe em comunicação corpos diferentes e faz mundos novos.

Toda mistura é um encontro com o corpo do outro. Encontro marcado pela interação e pela influência recíproca. Encontro marcado pela imersão no mais próximo e pelo mergulho na permeabilidade do outro. Só no encontro há mistura. Só há encontro na mistura. Como o povo diz: “tamo junto e misturado”. O encontro acontece no lugar da mistura dos diferentes, mas só acontece sem luvas, sem proteção, sem medo de se sujar com o mundo.

“O encontro com o outro é sempre necessariamente união com o mundo, em sua diversidade de formas. [...] Impossível fechar-se numa identidade.” (COCCIA, 2018, p.99). O encontro é sempre marcado por uma descontração da identidade e por uma porosidade imanente de si mesmo. É impossível experimentar o encontro com o outro e permanecer no mesmo lugar. Não é uma questão de lógica, mas de topológica. Uma topologia existencial, que demarca o lugar de nós mesmos a partir do lugar do encontro e da mistura com outros corpos.

“Todo objeto é um lugar para outro objeto e, inversamente, ser um lugar é achar seu mundo em toda outra coisa.” (COCCIA, 2018, p. 72). Existir é estar em um lugar, um lugar que o outro oferece. Ao mesmo tempo, é ser um lugar que acolhe o outro. Encontrar e se misturar é se tornar o lugar do seu lugar, é encontrar seu lugar em qualquer lugar do mundo, é vivenciar a potência existencial do lugar comum, junto e misturado a tantos outros.

A potência do comum

Em seu livro *Comum: ensaio sobre a revolução no séc. XXI* (2017), Laval e Dardot nos

lembram que o comum é completamente diferente das noções de próprio e de posse, enfatizando a inapropriabilidade radical desse conceito. Isso não é meu, não é de ninguém e é de todo mundo. Quase uma utopia nos dias de hoje.

Invocando a teoria aristotélica, eles afirmam que o comum também não se confunde com o universal, que é válido apenas nos limites de um mesmo gênero. O comum é comum a vários gêneros, é transgênero por essência e horizontal por natureza, estabelecendo pontes de comunicação entre os diferentes. O comum é o indeterminado. Quanto mais comum, mais indeterminado. O comum é o qualquer, o reles, o ordinário.

Comunicar é tornar comum. Tanto em comum no mundo e tanto silêncio entre os diferentes. A diferença afasta, o comum aproxima e mistura. Urge jogar uma luz não sobre o que diferencia, mas sobre o que comunica, entendendo a diferença como uma modulação singular do comum. Mas isso exige experimentar novos regimes de sensibilidade e novas formas de “(com)viver” na *pólis*.

Praticar menos uma política da diferença e mais uma política do comum. Pensar o campo político não como o campo das múltiplas identidades, do reconhecimento das diferenças entre elas e da tolerância, mas como campo da descontração das diferenças, como campo das misturas e dos encontros com o comum. É importante conceber uma política como força de des-diferenciação, que abre um campo produtivo do comum (SAFATLE, 2015).

A noção de comum acaba com todos os “centrismos” e suas hierarquias. Horizontaliza e abre as fronteiras dos dualismos conceituais e dos binarismos identitários. O comum se passa “entre”, é um quase, é uma ponte, que faz o ar circular no seio das categorias mofadas e datadas, que ainda teimam em organizar e submeter o mundo. O comum liberta a diferença de sua distância com o outro e faz a vida pulsar outra vez.

O comum é o lugar onde os corpos se encontram, se misturam e se transformam. Lugar comum. Lugar do comum. Ocupar esse lugar exige uma heterotopia. A produção de um lugar outro de si mesmo. Um abandono do

território confortável das identidades estáveis, para que o encontro e a mistura com o outro sejam possíveis.

Aqui, nesse lugar do texto, depois de um caminho com tantas curvas, algumas perguntas se impõem para que uma conclusão se torne possível: como pensar a ideia de comum na psicanálise contemporânea? Como pensar as pontes, interpenetrações e ressonâncias dessa ideia com as noções de encontro, corpo, mistura e lugar?

Uma psicanálise (do) comum

Não é segredo para ninguém que as sociedades de psicanálise são bastante conservadoras e tradicionais. Ainda existe uma representação social da psicanálise como reacionária e apolítica. É uma imagem razoavelmente justa, a despeito de ser possível sentir hoje uma leve brisa de mudança. Psicanalistas nas praças da cidade. Psicanalistas lutando pela democracia.

É um bom (re)começo, apesar de ainda muito tímido. Encastelados em seus consultórios de marfim ou reunidos em suas igrejinhas teóricas, os psicanalistas estão muito longe da realidade dura e vibrante da *pólis*. Enquanto se perdem no meio de discussões conceituais vazias, enquanto se afogam em seus aquários de linguagem, alimentam uma distância imunológica do mundo e um pavor de se misturar no encontro com o outro.

Mas, nesse cenário, por que muitos pensadores atuais utilizam a psicanálise como referencial teórico para se pensar os impasses políticos do mundo contemporâneo? Uma resposta simples: pois a psicanálise possui um arsenal teórico e clínico potente para se pensar o sujeito e seus impasses. Temos a responsabilidade ética de usar esse arsenal na construção de um lugar para quem não tem lugar no mundo, de um lugar comum de encontro e mistura.

Aproveitando o título da jornada de 2018 da SPCRJ: "Identidades, identificações e diferenças na contemporaneidade", vou, mesmo que superficialmente, embaralhar as categorias de identidade e diferença a partir da ideia de identificação, na tentativa de se pensar uma

psicanálise (do) comum. O conceito de identificação, ao borrar a fronteira entre o individual e o social e ao fazer do fora cultural o dentro singular, estabelece uma porta de entrada para se pensar as noções de comum, de mistura, de encontro e de lugar na psicanálise e nos processos de subjetivação.

Para orientar melhor essa hipótese, uma bússola freudiana: "O eu é um precipitado de investimentos objetivos abandonados" (FREUD, 1923, p.42). Para onde essa frase aponta? Uma pequena digressão: é importante lembrar que a identificação é o vínculo afetivo mais primitivo que existe. No início da vida, ainda com um eu em desenvolvimento, a se diferenciar da mãe e do isso, o protossujeito não é capaz de investir libido no mundo. Experimentando esse estado pastoso e de mistura com o outro, esse protossujeito identifica-se com quem está ao seu redor. Enquanto o eu se organiza e se individualiza, enquanto instância psíquica, tudo é eu. Em sua pré-história, o sujeito é o lugar da mistura com o outro.

Desdobrando essa digressão: frente à perda de um objeto amoroso, o investimento libidinal regride para uma forma de vínculo afetivo anterior, ou seja, a identificação. Para não perder um objeto, o sujeito já constituído se identifica com este, incorporando o objeto perdido em si. Finalizando essa digressão, podemos reescrever tal frase da seguinte forma: o sujeito é um amontoado de identificações que se forma nos encontros com muitos outros ao longo da sua história singular. Em outras palavras: a subjetividade é o que resta em si dos encontros que se experimentam na vida, é o efeito da mistura dos outros em si mesmo.

Seguindo essa pista e calibrando a precisão do conceito de identificação, é necessário puxar o fio que vai do mais psíquico ao mais somático e explorar o território onde corpo e mente se misturam. A identificação é a expressão psíquica das experiências de incorporação marcadas pela oralidade canibal. "O eu é, primeiro e acima de tudo, um eu corporal" (FREUD, 1923, p.39). Urge radicalizar a noção freudiana de eu corporal, levando a sério a articulação freudiana entre fase oral e canibalismo. A criança conhece o mundo pela boca. Uma espécie de

epistemologia corporal, que só pode ser compreendida por uma metapsicologia canibal.

Inspirando-se na única filosofia genuinamente brasileira, a antropofagia oswaldiana, devorar o outro não é: a prática de uma negatividade a serviço da afirmação de uma identidade; servir-me de um não-eu para definir-me como um eu; tornar esse não-eu igual a mim ou tornar-me igual a ele; a prática de qualquer tipo de assimilação ou de mimetização. Mas, sim: por meio do outro, encontrando-me e misturando-me a ele, transformar-me em um eu outro e encontrar um lugar meu que não é só meu, é nosso: o lugar comum.

Mais do que metamorfosear-me com a ajuda do outro, devorar o outro e ser devorado pelo outro é participar de uma solidariedade corporal e canibal que cria um solo sólido, um chão comum. Nessa espécie de comunhão pagã, a alma é um estômago e a vida é devoração. Devorar o outro e ser devorado pelo outro é participar da experiência de produção de um lugar comum pela mistura dos corpos. O meu e o seu corpo, digeridos, serão nossos. O meu e o seu corpo, devorados, serão outros. “Só me interessa o que não é meu. Lei do homem, lei do antropófago” (ANDRADE *apud* AZEVEDO, 2018, p.88-89). Para além da gagueira que só diz eu, há um mundo inteiro a ser devorado.

E aqui termino, apostando em uma psicanálise como prática topológica de adentramento para quem sempre esteve fora e sem lugar, como prática erótica do encontro e da mistura dos diferentes, como prática solidária e canibal de doação de seu lugar à expropriação, de oferta de seu corpo à devoração, de empréstimo de sua energia vital à construção de um lugar comum.

Não sou pobre, não sou negro, não sou preso, não sou mulher, não sou gay, não sou trans, não sou refugiado. Não posso saber exatamente como se sentem. Nunca vou saber. Nunca vou ocupar de fato esses lugares. Mas posso tentar. Posso me esforçar. Posso me aproximar. Posso me oferecer. Posso me aventurar. Posso abrir a porta, me encontrar, me misturar e, juntos, começar a ocupar um lugar comum.

Bibliografia

- AZEVEDO, B. *Antropofagia - Palimpsesto Selvagem*. São Paulo: SESI-SP, 2018.
- COCCIA, E. *A vida das plantas: uma metafísica da mistura*. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018.
- ESPINOSA, B. *Ética*. (1677). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.
- FREUD, S. *Estudos sobre a histeria* (1893-1895). In: _____. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standart brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.II.
- _____. *O ego e o id* (1923). In: _____. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standart brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.XIX.
- _____. *Psicologia de grupo e análise do ego* (1921). In: _____. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standart brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.XVIII.
- LAVAL, C.; DARDOT, P. *Comum: ensaio sobre a revolução no séc. XXI*. São Paulo: Boitempo, 2017.
- PRECIADO, B. *Manifesto contrassexual*. São Paulo: n-1 edições, 2014.
- LAPOUJADE, D. *Existências mínima*. São Paulo: n-1 edições, 2017.
- RIBEIRO, D. *O que é: lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.
- SAFATLE, V. *O circuito dos afetos*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.
- SOURIAU, E. *Les différents modes d'existence*. Paris: PUF, 1943.

Recebido em: novembro de 2018

Aceito em: novembro de 2018



Tema de debate

Como criar um fanático

Neyza Prochet^{1*}

¹ *Psicóloga e psicanalista. Mestre e Doutora em Psicologia Clínica(USP/SP). Membro efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro, RJ, Brasil*

Resumo: *O fanatismo é um mal que assola as relações contemporâneas que se caracteriza pelo antagonismo e exclusão das diferenças e na crença de uma condição de verdade única, absoluta e inquestionável. Inspirada no livro Como curar um fanático, de Amós Oz, a autora reflete sobre as origens psíquicas do fanatismo considerando as ligações entre o pensamento de D.W.Winnicott, Amós Oz e Simone Weil, em especial. O fanatismo baseia-se na impossibilidade da construção de um senso integrado de eu e de outro, o que inviabiliza a entrada no espaço potencial e um contato criativo, não reativo, com o ambiente. Há a soberania das relações parciais e cindidas causadas pelas falhas na função continente. A causa fanática tampona as lacunas produzidas pelos fracassos das interações com a família e a sociedade, tornando-se a fonte primordial de referências identitárias do sujeito.*

Palavras-chave: *Fanatismo; Psicanálise; Fracasso da Função Continente; Desenvolvimento Emocional Primitivo.*

How to create a fanatic

Abstract: *Fanaticism is a plague that menaces contemporary relations, characterized by antagonism and exclusion of differences and by the belief in an absolute and unquestionable truth. Inspired by the book How to cure a fanatic of Amos Oz, the author reflects on the psychic origins of fanaticism relating the ideas of D.W.Winnicott, Amos Oz, and Simone Weil, in particular. Fanaticism is based on the failure to construct an integrated sense of self and otherness, which undermines potential space and the establishment of a creative, non-reactive contact with the environment. There is a predominance of partial and split relationships caused by failures in the containing function. The fanatical cause fills the gaps produced by the failures of interactions with the family and society, becoming the primary source of the subject's identity references.*

Keywords: *Fanaticism; Psychoanalysis; Failure of Containing Function; Primitive Emotional Development.*

Os nossos inimigos são apenas aquilo que odiamos em nós próprios e que exteriorizamos, projetado no idioma simultaneamente familiar e incompreensível da alteridade (Donskis).

Fanático é alguém que não muda de ideia e não muda de assunto (Churchill).

Há alguns meses, uma amiga emprestou-me o livro *Como curar um fanático*, de Amós Oz (2016), uma coletânea de ensaios sobre a natureza do extremismo e sobre modos radicais de se lidar com conflitos. Embora inspirado no cenário político do Oriente Médio, as considerações de Oz se estendem para além destas. Para Oz, é necessário encarar o conflito

* Endereço para correspondência: . E-mail: neprocht@gmail.com

entre Israel e Palestina não como uma guerra santa religiosa, mas como uma questão geográfica, uma disputa de territórios, onde soluções de compromisso, ainda que penosas e de alto custo, precisam ser encontradas, reconhecendo-se de que modos extremados de lidar com diferenças, mesmo que irredutíveis, cobram um preço demasiadamente alto. Estes modos extremados são usualmente descritos como pertencentes ao universo do fanatismo, visto por muitos como algo relativo apenas a um determinado grupo ou religião.

No entanto, infelizmente, o fanatismo não é prerrogativa de poucos. Ele se manifesta em cada pessoa que procura impor suas ideias, modos ou credos sem uma comunicação verdadeira, sem diálogo, escuta ou legitimação da existência de um outro. Um fanático reconhece que há um outro, mas este não é um outro semelhante, mas sim um dessemelhante, algo desvinculado do sujeito e, por isso, passível de ser atacado sem culpas.

Os fanáticos clássicos são facilmente identificáveis, seja pelo rigor ou peculiaridade no trajar ou pelo fervor sectário expresso em discursos incendiários. Mas há fanáticos menos caricatos, do cotidiano, cujas causas não são apenas políticas ou religiosas, abrigo costumeiro do fanatismo. Os fanáticos cotidianos advogam as causas mais diversas: ecológicas, animais, alimentares, estéticas e quantas mais o mundo pode abrigar. Um ciclista que odeia carros e que age, nas calçadas da cidade, como se dono das ruas ele fosse, o torcedor que agride no metrô o usuário que veste a camisa do time rival, o parente que abomina qualquer aparelho da Apple e considera os usuários desta marca como representantes imperialistas, ou ainda o amigo que sistematicamente desqualifica o que quer que lhe seja desconhecido, cause estranheza ou oposição. Evidentemente, há uma longa distância ética e moral entre os diversos níveis de fanatismo, mas por sua disseminação nos tempos atuais é essencial que possamos refletir sobre um modo de existir e se relacionar que se caracteriza pelo antagonismo e exclusão da

diferença, pautado na crença de uma condição de verdade única, absoluta e inquestionável.

Sobre as origens

A palavra fanático se origina do latim *fanaticus*, derivado de *fanum*, cujo significado é santuário ou templo, sendo o fanático um servidor do templo, em geral o porteiro ou zelador, dedicado a cuidar e proteger o local de devoção. É interessante notar que o sentido do termo era o de uma devoção a um deus, não a recusa aos demais e, originalmente, todos - servos e usuários - podiam, livremente, frequentar diversos templos e cultos. Só mais tarde, por volta do século I a.C., encontramos o verbo *fanor*, *fanari* com uma mudança em direção ao conceito mais atual de fanático, já designando o indivíduo que é cultor exclusivo de uma única crença, possuidor de um fervor divino¹.

O fanático percebe-se como o guardião do Bem e da Verdade, narcisicamente fundido com estes atributos. Não se trata de alguém que possui uma opinião sólida, consistente e fundamentada. Fanático é aquele que recusa a alteridade e a diferença, e que acredita que a mera presença de evidências que sugiram o fracasso da unicidade de sua crença não são de fato evidências, mas provas incontestáveis da presença do Mal. Na presença dos fanáticos, os vínculos não conseguem sobreviver. Afinal de contas, vincular-se é conectar-se, ligar-se, unir uma coisa à outra coisa. Se não há outra coisa ou se esta não tem o menor valor, não há vínculos. Como diz Oz (2016, p.69), o fanático só sabe contar até um; dois é uma cifra grande demais para ele.

O autor nos mostra como o fanatismo é um estado que se antagoniza com a própria condição humana embora, também, seja uma tendência que exista em cada um de nós. Em 1940, Winnicott (1940/1989) escreveu um artigo sobre os objetivos da guerra no qual, ao se referir aos inimigos declarados de um país em guerra, ele adverte sobre o perigo de desumanizar o antagonista, winnicotianamente comentando que, se eram melhores que eles,

¹ Fonte: <<http://etimologias.dechile.net/?fanatico>>. Acesso em: 16 dez. 2018.

“eram apenas um pouquinho melhores” e assinalando que a ideia de “melhor” relaciona-se à possibilidade de se comprovar que os “objetivos apresentados (pelos aliados) representavam um estágio mais maduro do desenvolvimento emocional”. Para ele, “nossa tarefa fica imensamente simplificada se aceitamos o fato de que em nossa natureza, somos basicamente iguais aos nossos inimigos” (WINNICOTT, 1940/1989, p.167).

Humanos são seres relacionais. Não somos capazes de nos constituir como seres sem a presença de um outro ser humano. Assim, não podemos nos isolar ou buscar resultados sem o estabelecimento de acordos. Oz (2016, p.82) nos define como penínsulas, numa paráfrase ao verso de John Donne, onde homem nenhum é uma ilha em si mesmo. O autor reitera a necessidade intrínseca de vinculação humana. Parte de nós precisa de uma ligação com o continente, nossa família, amigos, cultura, tradições, e parte de nós precisa singularizar-se, ser deixada só e voltada para o oceano. A condição de península é a condição humana, e quaisquer sistemas de relacionamento, sejam políticos, afetivos ou sociais que nos privem de um destes aspectos, é inumano.

Oz descreve em seu ensaio características claras do comportamento fanático:

1. A impossibilidade de mudar (OZ, 2016, p.68).
2. Impossibilidade de suportar dúvidas, incertezas e o não saber.
3. Impossibilidade de desfrutar da diversidade; da vida imaginativa, de viver o “como se”, característico do espaço potencial.
4. Incerteza temporal (OZ, 2016, p.73). Não há felizes para sempre, nada é para sempre, não há futuro, tudo é instantâneo, total e precisa ser erradicado no aqui e agora.
5. Presença de um paradoxo entre um sentimentalismo exacerbado e a falta de empatia. O fanático é muito mais interessado no outro do que em si mesmo, sempre impelido a mudar alguém para o próprio bem dele.

O fanatismo começa em casa. Inicia exatamente com o impulso muito comum de mudar um parente querido para o próprio bem dele [...] “ou, dizer para um filho seu: você deve ser como eu, e não como...” ou “Você não deve ser como...” Frequentemente começa com o impulso de viver sua vida calcada na vida de outra pessoa (OZ, 2016, p.75).

6. O fanático não tem senso de humor (OZ, 2016, p.78). Rir de si mesmo, em especial, destrói suas chances de se tornar um fanático.

As características descritas por Oz remetem a falhas e distorções essenciais na cosmogonia do psiquismo humano, notadamente na inserção temporal, na construção de um *self* íntegro e na experiência da alteridade e na instalação do senso de confiança. Sem a construção do sentimento de eu, de outro, e na construção de um sentimento de confiabilidade nas trocas entre estas instâncias e no contato com a realidade, o mundo interno do indivíduo ficará permanentemente em guerra com o que não pertence a este mundo. Todo esforço irá se dirigir para evitar o caos e a aniquilação, não sobrando espaço para os fenômenos transicionais, como o humor, a criatividade e a empatia. Também não lhe será possível seguir em direção à simbolização ou passar da pura subjetividade para a realidade compartilhada. Como isso acontece?

Sobre a criação do fanático

No princípio dos tempos do ser, não há a constituição do mundo como nele vivemos mais tarde. O primeiro mundo do bebê é um mundo intemporal, sustentado, por algum tempo, pela mãe, enquanto o infante segue em direção à conquista do sentimento de sentir-se vivo e do reconhecimento das relações objetais. As relações iniciais são marcadas pela cisão e pela parcialidade, onde não há discriminação entre mundo interno e realidade. Para o bebê, inicialmente, tudo é infinito. Ele não distingue uma lembrança de uma percepção atual, onde ambas são apenas duas formas de experienciar o mundo, não sendo uma alucinação e nem, ainda, uma lembrança, vivências ligadas de uma forma frouxa e descontínua, apreendidas como

ocorrendo aqui e agora. A inserção da criança no tempo será decorrente da completação de processos introduzidos e desenvolvidos na continuidade do cuidado materno, cabendo à mãe a mediação entre os diferentes tempos existentes, apresentando-os ao bebê na medida de sua capacidade de suportá-los (PROCHET, 2000).

Precisamos de bem mais do que sete dias para, junto com o cuidado ambiental, criar o mundo e nele habitar. A mãe, diferente dos relatos bíblicos, não será o Deus que tudo cria, mas precisará ser uma presença constante, mas não intrusiva, que permitirá que a criatura a ser constituída seja também o criador de si e do espaço onde habita.

O psicanalista Gilberto Safra indica que o bebê desenvolve uma expectativa difusa, cuja origem é uma necessidade derivada de uma pulsão instintual e que “não se limita, de forma alguma, à manutenção do funcionamento corporal” (SAFRA, 1995, p.113). O cuidado oferecido resultará em vivências básicas que regularão e transformarão a construção das percepções da criança e suas relações com o meio, atribuindo uma qualidade a estas relações iniciais. Se tudo corre bem e os sentidos de continuidade e confiabilidade são mantidos, o interjogo de presenças e ausências delineará para o bebê um novo sentido de tempo, agora sim, aberto à externalidade e ao tempo ambiental. A função materna ambiental será de reassegurar à criança o valor de sobrevivência do *self* e dos objetos. A integração dos estados de prazer/desprazer, bom e mau, presente/ausente, antes antagônicos, vai possibilitar ao bebê reconhecer, sem grandes sofrimentos ou necessidade de exclusão, a diferença entre realidade e fantasia, interno e externo. Caso contrário, se existir uma quantidade demasiada de vivências desprazerosas e/ou disruptivas, o mundo infantil irá se tingir de uma nebulosidade escura e ameaçadora, e o mundo irá se apresentar como um lugar povoado de seres monstruosos e forças primitivas violentíssimas que ameaçam a própria sobrevivência. Sem o sentimento de confiabilidade, uma criança se isola ou procura isolar o que lhe é estranho. A palavra-chave para o acesso às experiências totais é confiança.

Quando o ambiente falha, seja pela ausência do filtro protetor ou pela invasão de aspectos adocicados das figuras parentais antes da construção do eu infantil, o desenvolvimento fica comprometido severamente. Um processo que deveria ser bidirecional, baseado na mutualidade, passa a ser meramente perceptivo, sugerindo ao bebê que a descoberta do mundo das coisas não é um processo de troca enriquecedora, mas uma experiência de imposição precoce. A criança passa, então, a precisar limitar-se na sua capacidade de permitir acontecimentos, evitando novos olhares, ou olhando para captar, não trocar, como recurso defensivo. (PROCHET, 2018).

Para criar um fanático, então, é crucial que a figura materna seja inábil, pouco investida no bebê e que falhe fragorosamente em reconhecer as necessidades singulares da criança. O encontro inaugural de onde as demais experiências derivam não acontece, apenas a presença de um pode ser percebida, cujos sentimentos ocupam espaço demais para poder hospedar a presença de um outro, matriz do funcionamento fanático.

Num belo trabalho, Marlene Rozenberg e Rahel Boraks (2018) associam o fanatismo a uma condição resultante do fracasso na instalação do estado de esperança e da construção da temporalidade, instâncias que as autoras consideram interdependentes, já que a esperança depende da possibilidade de criar-se uma abertura temporal, de uma desvinculação do passado que possibilite a perspectiva de um devir. As autoras falam de indivíduos que estariam próximos ou lançados em um estado de agonia e teriam, como recurso para sobreviver, um modo de funcionamento marcado pela “repetição coercitiva do repertório mental” (ROZENBERG & BORAKS, 2018, p.112).

As autoras enfatizam o valor da confiança na constituição da subjetividade do indivíduo e em sua inserção no mundo. Esperança é confiar no tempo, no devir, na sobrevivência de si e dos objetos. O cerne do fanatismo se origina na impossibilidade da instalação de um senso de confiança originário, conceito primoroso discutido por Figueiredo (2007). Para o autor, antes mesmo da experiência de confiabilidade,

é fundamental a aquisição de uma proto-condição, constituída num período muito primitivo, pré representacional, que seria a matriz simbólica para a construção das demais relações de objeto. Sem este senso de confiança primária e elementar, qualquer construção de fronteiras entre instâncias, interno/externo, eu/outro, será marcado pelo signo do temor e da desconfiança.

Figueiredo (2007) sublinha o valor crucial da qualidade afetiva estabelecida nos primeiros contatos com o mundo. Para ele, o *holding* materno precisa oferecer mais que

a mera estabilidade, incluindo a capacidade da mãe em estabelecer com o bebê uma relação harmônica e ritmada em que ela pode ser “inventada” pelo bebê e, ao mesmo tempo, ser ela mesma, fora da área de onipotência (FIGUEIREDO, 2007, p.77).

Quando as falhas são muitas, frequentes e além do que a criança pode suportar, a realidade externa mostra-se ameaçadora e intrusiva, tornando-se mandatória a proteção radical contra esta, para não sucumbir, fragmentariamente, à sua demanda. Acontecem distorções no delicado equilíbrio entre o peso das apercepções internas e externas, gerando patologias na área dos fenômenos transicionais. Reativamente, os objetos da fantasia são tratados como coisas em si mesmas e demandam uma submissão da realidade a eles, provocando o colapso do espaço compartilhado. Na verdade fanática, o que é percebido não parece ser: é, tendo sido liberado do teste de realidade (FREUD, 1911/1974).

As falhas iniciais não apenas alteram a inserção do indivíduo no tempo, mas também resultam em vivências que a criança não tem condições de processar, interrompendo os processos de amadurecimento. Sem a integração dos impulsos, a capacidade de se preocupar e responsabilizar pelas experiências de raiva e agressividade fica comprometida pela perda da confiança no meio, que não o protegeu daquilo que, dentro dele, não era capaz de tolerar. Quando a previsibilidade é precária “[...] força o bebê aos limites de sua capacidade de permitir acontecimentos. Isso acarreta uma ameaça de caos e o bebê organizará a retirada e

não mais olhará, exceto para perceber, como defesa” (WINNICOTT, 1975, p.155).

A transicionalidade não pode acontecer quando há o risco apavorante da perda definitiva do objeto amado e há perda da confiabilidade no outro. O ambiente fracassou em propiciar ao bebê a experiência inicial de ilusão, essencial para uma vida criativa. São vivências que promovem o medo da desintegração, pior que a morte.

Um fanático permanece no tempo não-integrado, ameaçado pelas possíveis mudanças, vivenciando o terror do descontínuo entre o sempre e o nunca. Para proteger-se, precisa agarrar-se a um eterno presente e a sobrevivência psíquica só poderá ser mantida à custa do isolamento e do retraimento. Mais que isto, um fanático não consegue se apropriar de um sentido de *self*, de um senso de existência pessoal e de se tornar responsável e coautor ativo na criação de sua história pessoal. Para ilustrar esta discussão, apresento uma vinheta clínica que descreve os primórdios de um modo de funcionamento fanático e as possibilidades de reconstrução das falhas iniciais.

Betina, de 4 anos, é uma menina miúda, frágil, de voz quase inaudível, mas que paradoxalmente usa o chorar e os gritos como forma quase única de expressão pessoal. Tem muita dificuldade em atender o que é solicitado, oscilando entre a oposição irreduzível e a submissão culpada. Relacionar-se com ela é muito exaustivo, como sua mãe conta, num relato desesperançado e desinvestido. Betina é reativa a qualquer tipo de solicitação, de início, com muita dificuldade em perceber o meio, mesmo quando este busca uma adaptação ativa às suas dificuldades, intolerante com qualquer demora ou falha no atendimento de suas exigências e explodindo em fúria ao menor sinal de contrariedade e/ou frustração.

Fica confusa com antônimos e não consegue discriminar feliz ou triste, bom ou mau. Tem uma relação viscosa com a mãe, como se ficasse receosa de se perder desta. Esta responde com frustração, cansaço e impaciência, o que aumenta os medos da menina. As sessões são caóticas e exaustivas. Não consegue brincar

como uma atividade lúdica, imaginativa, tem impulsos de ação, sem objetivo e sem continuidade. Ela começa a manusear os objetos, espalhando as peças, mas não estabelece um contato criativo ou efetivo com elas. Como sua mãe me relata nas sessões de anamnese, estar junto a ela é muito cansativo e penoso. A mãe me conta que não quer mais sair com ela à rua, estar com ela em nenhuma situação fora de casa. Diz-me: “Eu fico exausta e envergonhada”. Conta- que o fim da gestação e os primeiros meses com a filha foram bastante conturbados deixando ambas muito angustiadas, não interagindo ou conseguindo coexistir e tolerar as facetas boas e más das experiências.

Betina vive num estado de alerta permanente. Ou ela vai desaparecer ou ela vai fazer algo desaparecer. Qualquer falha ou falta é respondida com fúria, seguida de um choro cheio de angústia, onde a ira e o desamparo se alternam. Ela se preocupa com seus sentimentos e reconhece os sentimentos que desperta, mas não consegue administrá-los, o que a deixa mais aterrorizada.

Decido estabelecer um certo controle para o uso dos brinquedos para controlar o caos. A estratégia funciona: preciso ter controle sobre os meus sentimentos, não me deixar cair na armadilha das concessões inapropriadas. Procuro sempre nomear os afetos e convocar a mãe a participar, sempre mostrando os meus e os limites de Betina, assinalando a importância de ela manter o controle da situação e de seus sentimentos. O acompanhamento se estende por e-mail e telefone, quando necessário. Nas entrevistas com os pais, acompanho o estabelecimento de uma rotina de padrões consistentes e o estabelecimento de parâmetros e limites muito definidos para que ela possa criar pontos de referência estáveis. Mostro aos pais que seus estados de medo são, para mim, estados de angústia. Ela usa medo, pois é o que pode nomear. Medo tem nome. Angústia, não.

Os processos de organização de sua relação com o mundo vão sendo lenta e gradualmente estabelecidos (PROCHET, 2016). Numa sessão, em nosso segundo ano de trabalho, encontra novos potes de massa de modelar. Corre para

elas e me diz o quanto adora brincar com elas. Tinha um lugar secreto de massinha, mas que a mãe não gostou e jogou fora as que ela tinha. Conversamos sobre coisas secretas, lugares secretos, o que é só nosso ou o que só a nós pertence versus o que todos veem, e lhe pergunto sobre amigos secretos. Ela me diz que teve um amigo secreto, o João, mas que não tem mais. Um dia, ela sem querer pisou nele e ele foi embora.

Digo a ela que não acredito que amigos secretos vão embora, mesmo quando os machucamos sem querer. Amigos gostam de nós e continuam gostando, mesmo quando não gostam de algo que fizemos. Por isso não vão embora. Ela mesma já não ficara muito, muito zangada com quem ela gosta muito? E quanto mais a gente gosta, mais zangada fica?

Pois é, eu tinha certeza de que João estaria por perto, talvez sentindo a falta dela tanto quanto ela sentia dele. Quando algo dava errado, a gente precisava falar sobre isso, era por isso que ela vinha para cá, para falar sobre o que ela tinha medo de perder.

Pergunta-me se pode fazer uma torre com os potes de massa. Depois me pergunta se pode derrubar, ao que concordo. Empilha os potes, ao máximo possível. Dá um tapa e os derruba, fazendo cara de susto e dizendo: “Caiu!!!”

Falo: “e o que mais?”

Diz: “Não sei.”

Digo: “Mais nada!”

- “Mais nada?”

- “Sim, mais nada. Nada de mais acontece.”

Fica muito excitada e faz uma dança em volta dos potes caídos, gritando: “Nada, nada, nada!” Empilha novamente e derruba novamente gritando/cantando: “nada”.

Digo que ela está brincando de estraga e conserta. Porque é assim. Se a gente estraga, machuca ou quebra, a gente cola, cuida e conserta.

Quando tudo corre bem, os processos de separação e cisão (que nunca são totalmente separados, pois há uma tendência inata à integração) vão sendo transformados em percepções mais integradas e estáveis e a comunicação entre as diversas partes do psiquismo se torna mais fluida. Interno e externo, bom e mau, podem começar a

coexistir, e as ameaças de destruição e aniquilamento originadas de suas vivências pulsionais primitivas perdem, gradualmente, sua violência destrutiva, a partir da confiança crescente do bebê nos próprios recursos e nos recursos do meio.

A cisão radical, antes usada para manter bons e maus objetos afastados e protegidos, pode deixar de ser a defesa eletiva predominante, a projeção das vivências intoleráveis de ansiedade e medo também diminuem e o bebê começa a suportar a coexistência de qualidades díspares tanto nos objetos com os quais se relaciona, como em si mesmo, podendo, enfim, construir relações mais complexas que não exijam a idealização ou a negação para lidar com os maus objetos. Penso que Betina redescobriu a possibilidade do que Winnicott (1975) descreve como o “uso do objeto”. Pode experimentar sua agressividade e sobreviver, ela e o objeto, a seu ódio amoroso. Para um fanático, esta conquista é vedada e

o estado fanático ocupa o lugar do objeto ausente e o substitui [...]. Perda e ausência de esperança estão conectadas, mas a vivencia não será experimentada como vazio, e sim como convicção isolada e imóvel. (ROZENBERG; BORAKS, 2018, p.114).

Para Winnicott, uma mãe odeia seu bebê antes que ele a odeie, isto é, nos primórdios, mesmo que alguma coisa que o bebê faça machuque sua mãe, este comportamento não é derivado de um sentimento de ódio, mas de um amor impiedoso. A mãe, sim, pode odiar este bebê implacável. Ela é capaz de ver o bebê como uma pessoa inteira e ter a noção de que não possui apenas ódio, mas toda uma gama de sentimentos altamente complexa. É exatamente por isso, por ser capaz de ver uma pessoa inteira, que a mãe é capaz de tolerar o sentimento de ódio sem retaliar ou sucumbir, e será exatamente esta capacidade de olhar por inteiro que irá ajudar seu bebê na integração de seus sentimentos.

Se os pais são “bonzinhos”, para quem sobra a “maldade”? Quem poderá ajudar o bebê a digerir e suportar seu ódio onipotentemente infinito? Crianças não precisam de pais virtuosos e ímpolutos. Precisam relacionar-se com pessoas totais que os ajudem a aceitar a

complexidade e vulnerabilidade inerente que decorre dos envolvimento afetivos. A mãe que é um bom ambiente dá lugar e tempo para que a criança possa lidar com o choque resultante do reconhecimento de que existe um mundo externo e que está fora de seu controle onipotente. Ela oferece sustentação para que a criança possa ser capaz de organizar as próprias defesas contra as ansiedades derivadas dos impulsos e das experiências do id.

Safra (1995) nos auxilia a compreender o difícil manejo desta relação ao assinalar que, ao buscar a adaptação necessária às necessidades que o sujeito possui, isto não quer dizer a satisfação de desejos. Somos constituídos psiquicamente por diversas pulsões, que interagem continuamente em nossa relação com o mundo. Estas precisam ser parcialmente satisfeitas para que possam, com o desenvolvimento, ser superadas e inscritas no campo simbólico. Há, porém, pulsões que, por fracasso de um *holding* satisfatório, não foram originalmente atendidas, gerando um alto nível de insatisfação e que criam buracos no *self* em formação. A estas pulsões chamamos de necessidades - resultantes não de uma experiência de frustração, mas como consequência da privação. Daí a busca, ao longo da vida, de objetos de relação que possam integrar os aspectos pendentes (resultados da privação) que se dispersaram por falta de uma sustentação. A ausência de um bom continente interrompe o desenvolvimento e paralisa o trânsito das funções projetivas e introjetivas, exigindo a permanência das relações parciais e cindidas. A causa fanática passa a ser usada, assim, para tamponar, esses hiatos. Tal como no uso patológico dos objetos transicionais convertidos em fetiches, a ideia fanática passa a ser usada não mais como campo possível de uma experiência compartilhada, mas converte-se em masmorra ideológica.

Algumas considerações

O bem é aquilo que dá maior realidade aos seres e às coisas. O mal é aquilo que disso os priva (Simone Weil).

A escalada de violência é um dos problemas mais graves da contemporaneidade e o

fanatismo é um dos filhos diletos deste mal. Procurei mostrar, ao longo do texto, que o fanatismo baseia-se na impossibilidade da construção de um senso integrado de eu e de outro, o que inviabiliza a entrada no espaço potencial e um contato criativo, não reativo com o ambiente.

Uso o conceito winnicottiano de saúde como o sentimento de sentir-se real, sentir o mundo como real, como um lugar relativamente seguro, sem o risco iminente do indivíduo sucumbir, seja física ou psicicamente. O pensamento fanático funciona como uma prótese, uma “gambiarras” das relações do indivíduo com o mundo. Pela impossibilidade de estabelecer relações objetivas de forma completa e integral, o indivíduo permanece relacionando-se predominantemente em seu mundo interno, em um círculo vicioso, no qual os objetos internos não migram da realidade psíquica para a realidade compartilhada, ou vice-versa, permanecendo num estado de encapsulamento, não sendo alimentado pelas trocas ambientais. Funda-se então, um modo de funcionamento avesso à mudança e à troca, visto que estas passam a prenunciar o colapso iminente deste equilíbrio precário.

A experiência humana fundada no contato fracassado com o ambiente resulta em sentimentos de ameaça e necessidade de defesa permanentes. O contato com o outro passa a ser evitado e uma das formas mais eficazes de proteção é a desumanização, a coisificação do outro, a conversão do semelhante em dessemelhante, em coisa. Na aplicação da lei de Talião, o indivíduo repete no futuro o que encontrou no passado, em seu início. Na conduta fanática, os fracassos primitivos na integração dos diversos aspectos do eu são forçados a repetir no ambiente a mesma cisão vivida internamente. Estes são

os membros doentes de uma comunidade, aqueles que são compelidos, por motivações inconscientes, a ir para a guerra e a executar atos de ataque, à guisa de defesa contra delírios persecutórios, ou então a destruir o mundo, um mundo que os aniquilou, a cada um individualmente, na infância (WINNICOTT, 1989, p.27).

O psicólogo Ariel Merari, da Universidade de Tel-Aviv, fez uma pesquisa envolvendo homens

bombas frustrados (que não explodiram) e observou que a maior motivação para se tornar um homem bomba não derivava de um ideal religioso ou ódio contra o antagonista, mas através do desejo de ser valorizado e admirado pelo próprio grupo, ou seja, do desejo de reconhecimento. A causa substitui o lugar da família e da sociedade como continente e fonte de referência identitária atendendo, de forma patológica, as necessidades de reconhecimento, continência e continuidade. O preço a ser pago, no entanto, é a renúncia do *self*, pois no universo do sempre e do nunca, e da inexistência do outro e do diferente, apenas um pode sobreviver (FERNANDES; TANJI, 2015).

Finalizando estas considerações, o nascimento do fanatismo associa-se às origens da Humanidade e do indivíduo. O estado fanático surge toda vez que os processos de integração fracassam e o indivíduo necessita blindar uma parte de si dos conflitos derivados de outras partes suas não integradas. Quando a:

guerra potencial na realidade psíquica interna não pode ser tolerada, o indivíduo procura por um representante dela na sociedade, tanto local como geral, [...] não se trata somente do fato de sempre existir conflito no meio social, mas também de que os indivíduos que compõem a sociedade inventam e mantêm tal conflito; e os indivíduos não apenas sofrem com os conflitos do mundo a seu redor, mas também obtêm alívio, pois o conflito externo ao indivíduo o alivia do conflito interno – ou seja, de sua realidade psíquica pessoal (WINNICOTT, 1989, p.177).

Saúde não é a ausência de conflitos, mas sim a capacidade de conter a totalidade destes dentro da realidade psíquica pessoal, responsabilizando-se por eles e pelos sentimentos que deles derivam, sem o uso continuado dos mecanismos de cisão e projeção. É buscar alternativas que resultem em possibilidades de um encontro, suportando a incerteza inerente ao devir. É tolerar o desconforto das diferenças e reconhecer a semelhança de nossas naturezas falhas e nossa ambição em sermos melhores do que somos. É resistir à tentação do alívio imediato dos mecanismos projetivos, é não esquecer de lembrar de nossa condição de península e ter a

esperança em construir/reconstruir laços familiares e, assim, abrir mão da ancoragem perversa que a condição fanática oferece e que protege, apenas parcial e temporariamente, do terror do isolamento e da estranheza de si.

Se vimos até o momento os caminhos e modos de se criar um fanático, o que foi possível aprender destes processos?

Simone Weil (1909-1943), filósofa e ativista política francesa, considera que ter raízes é, talvez, a mais importante e a menos reconhecida necessidade da alma humana. Não se enraizar, não se conectar levaria o indivíduo a um estado de aflição, conceito central em sua obra, discriminado da dor e do sofrimento. A dor seria apenas física, o sofrimento poderia ser tanto físico quanto psíquico, mas a aflição seria a “pulverização da alma”, uma experiência de tal ordem devastadora que o pensamento humano seria incapaz de reconhecer a realidade da aflição, envolvendo todas as esferas do existir humano: física, psíquica e social. Uma das origens do estado de aflição reside na disputa pelo poder, na luta por controle – base dos mecanismos de opressão social.

No artigo *Ne recommençons pas la guerre de Troie* (“Não vamos recomeçar a guerra de Troia”), publicado na revista *Nouveaux Cahiers*, a autora lastima que,

embora vivamos entre realidades mutáveis, diversas e determinadas pelo jogo volúvel de necessidades externas, agimos, lutamos, sacrificamos a nós e a outros em nome de abstrações cristalizadas, isoladas” (como nação, capitalismo, comunismo e fascismo) (WEIL, 1937, p.50).

Para ela, como descreve em sua última obra *O Enraizamento*, os problemas sociais são sintomas de um profundo “desenraizamento”, por uma vida roubada de sentido, provocado pelas políticas monetárias, ideologias, pela ciência e tecnologia quando usadas divorciadas da condição e singularidade humanas e através do uso da força. O grande mal, para ela, é a coisificação, na subordinação da experiência humana a conceitos abstratos, ideias ou causas, a essência do pensamento fanático.

As forças sociais que atingem o homem que devem ser combatidas independentemente de sua origem filosófica são aquelas que

transformam todo o indivíduo submetido a elas em coisas. A possibilidade de se enfrentar essas forças pode ser encontrada na capacidade reflexiva dos pensadores, restaurar as raízes do existir humano – os direitos e necessidade legítimos de cada indivíduo (WEIL, 1943/2001).

A ética e a busca de uma comunicação efetiva podem ser os recursos que tornam passíveis de restaurar o enraizamento do homem consigo e com seus semelhantes. Reconhecer e proteger o próprio direito de existência sem recusar o do outro, responsabilizar-se, reparar os danos infligidos, reconstruir um lugar nas relações afetivas, um lugar na sociedade e na cultura.

Reconhecer, reparar, reconstruir, relacionar-se, compartilhar.

Referências

FERNANDES, Nathan; TANJI, Thiago. O Brasil virou o país do fanatismo? *Revista Galileu*, maio 2015. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2015/05/o-brasil-virou-o-pais-do-fanatismo.html>>. Acesso em: 16 dez. 2018.

FIGUEIREDO, L. C. Confiança: a experiência de confiar na clínica psicanalítica e no plano da cultura. *Rev. bras. Psicanál.*, São Paulo, v.41, n.3, p.69-87, set. 2007.

FREUD, S. (1911) Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1974. v.XII.

GALVÃO, A. M. A filósofa Simone Weil. *Recanto das letras*, [s.d.]. Disponível em: <<https://www.recantodasletras.com.br/artigos-de-cultura/6006432>>. Acesso em: 17 dez. 2018.

OZ, A. *Como curar um fanático*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

PROCHET, N. *A Clínica dos pacientes de difícil acesso*. Curso oferecido no espaço

Winnicott de Brasília. 19 e 20 de outubro de 2018.

PROCHET, N. *A Clínica dos pacientes de difícil acesso*. Comunicação realizada durante o curso oferecido no Espaço Winnicott de Brasília, nos dias 19 e 20 de outubro de 2018.

_____. *História de medos e monstros*. Comunicação realizada na Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, dia 28 de Setembro de 2016.

_____. *Tempo de criação: perspectivas temporais na clínica psicanalítica*. Tese (Doutoramento). Universidade de São Paulo (USP), 2000.

ROZENBERG, M.; BORAKS, R. Esperança e fanatismo na clínica psicanalítica. In: MELGAÇO, A. *et al. Winnicott: integração e diversidade*. Rio de Janeiro: Editora Prospectiva, 2018, p. 111-120.

SAFRA, G. *Momentos mutativos em Psicanálise: uma visão winnicottiana*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.

WEIL, S. (1937) Ne recommençons pas la Guerre de Troi In: _____ *Écrits politiques et historiques*. Deuxième partie: Politique. Paris: Gallimar, 1989.

_____. (1943) *O Enraizamento*. Bauru, São Paulo: EDUC, 2001.

WINNICOTT, D. W. Discussão dos objetivos de guerra (1940) In: _____. *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. (1967) O conceito de indivíduo saudável In: _____. *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. (1969) Os muros de Berlim. In: _____. *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

Recebido em: dezembro 2018.

Aceito em: dezembro 2018.



Tema em Debate

A melancolização na infância contemporânea: entre o linchamento virtual e a política do “no touch”

Julieta Jerusalinsky*

Psicóloga, especialista em Estimulação Precoce pela F.E.P.I (Fundación para el Estudio de los Problemas de la Infancia). Mestre e Doutora em Psicologia Clínica pela PUC-SP. Membro docente da Clínica Interdisciplinar Centro Lydia Coriat de Porto Alegre (RS). Membro clínico da Clínica Prof. Dr. Mauro Spinelli, SP. Psicanalista, Membro do Sedes Sapientiae (SP) e da APPOA (RS). Supervisora clínica e institucional do Espaço Escuta (Londrina, PR) e do CISMENPAR (Londrina, PR). Coordenadora do Módulo de Detecção Precoce, Eixo da Infância e Adolescência do REDESAMPA: Saúde Mental Paulistana (2018) para formação de profissionais da Rede SUS do Município de São Paulo, SP, Brasil

Resumo: *A melancolia na infância e adolescência contemporâneas é considerada, neste artigo, não como um “transtorno de depressão” isolado, e sim como sintoma produzido como resposta psíquica em uma sociedade extremamente individualista, maníaca e performática que leva a um modo de relação coletiva em que prevalece o registro do amoródio, pelo qual o sujeito, pendurado imaginariamente das redes sociais virtuais, pendula entre a fama e a difamação, ao mesmo tempo que produz formações persecutórias guiadas pela chave da especularidade no encontro com os semelhantes.*

Palavras-chave: *melancolia; Psicanálise de crianças; intoxicações eletrônicas; virtualidade; laço social.*

La melancolización en la infancia contemporánea: entre el linchamiento virtual y la política del “no touch”

Resumen: *La melancolía en la infancia y adolescencia contemporáneas es considerada en este artículo, no como un trastorno de depresión aislado, sino como síntoma producido como respuesta psíquica en una sociedad extremadamente individualista, maníaca y performática que lleva a un modo de relación colectiva en el cual prevalece el registro del amorodio, por el cual el sujeto, colgado imaginariamente en las redes sociales virtuales, oscila entre la fama y la difamación y produce formaciones persecutorias guiadas por la clave de la especularidad en el encuentro con los semejantes.*

Palabras-clave: *melancolía; Psicoanálisis de niños; intoxicaciones electrónicas; virtualidad; lazo social.*

Tem sido muito frequente que escolas procurem diferentes profissionais do campo *psi* preocupadas em trabalhar com a questão da desmotivação e depressão que encontram em vários de seus alunos, assim como com situações de linchamentos virtuais e intolerâncias

produzidos entre eles. Apresentam-se também recorrentes casos de cortes, passagens ao ato, e até mesmo suicídios entre jovens nos últimos tempos.

Há os que se deprimem e os que passam ao ato, revelando a todos que algo não vai bem.

* E-mail: julietajerusalinsky@gmail.com

Diante disso, um dos discursos que se produz, de forma bastante reducionista, é o de considerar tal questão epidemiológica como uma disfunção, um transtorno ou um mau funcionamento de alguns de forma isolada. Ao mesmo tempo em que não devemos vitimizar o sujeito e, nos tratamentos, sustentemos a escolha que lhe concerne, é preciso que estejamos atentos ao fato de que empurrar tal questão apenas para a esfera do individual implica renegar o quanto o laço social vem se estabelecendo de forma performática e competitiva, passando a ser suposto como normalidade um estado de permanente mania, que faz os cuidados dirigidos às crianças e jovens ficarem cada vez mais atropelados por um curto circuito entre o discurso universitário (com seus saberes técnicos) e o discurso capitalista (com suas promessas de acesso pleno ao objeto de gozo).

Diante dessas questões, há uma demanda social – para além da justa preocupação dos profissionais das escolas implicados no sofrimento de seus alunos – desde a qual se quer a justa palavra para fazer esse mal-estar apresentado pelos jovens parar de forma rápida e eficaz. Mas como bem nos recorda Freud, um tratamento psicanalítico (ou uma abordagem psicanalítica da questão) funciona como uma gestação. Trata-se da formação de um bebê inteiro, não há como fazer só uma orelha ou um nariz: é preciso tratar de todo o quadro, ou seja, do que faz pano de fundo a um sintoma, e isso muitas vezes implica ter que mudar o que a princípio não incomoda, ou não se quer mudar.

Gostaria então de iniciar com uma breve história transcorrida em contexto escolar:

Um jovem de 15 anos relata que, em sua escola, um professor costumava “aproximar-se demais” dos alunos. Diante de tal afirmação a minha pergunta foi: – mas o que quer dizer “aproximar-se demais”?

Temos aí uma coagulação de sentido que resulta necessário atravessar em nossos tempos, pois o que é demais ou de menos muda em cada época ou cultura. Na nossa, tais significantes tendem com facilidade a virar

signos de assédio ou abuso sexual ao se engancharem rapidamente em discurso social pronto e disponível, *prêt-à-porter*, desde o qual a proliferação de fantasias moralmente escandalosas tem a uma *via de facilitação* franqueada pelo mal-estar contemporâneo. (Tomamos aqui o conceito proposto por Freud em Projeto para uma Psicologia científica, de 1895, para situar a tendência à repetição no psiquismo, estendendo o mesmo na direção de que o discurso social também facilita certas tendências à repetição da significação dos acontecimentos pelo coletivo da cultura).

A partir de minha pergunta, o jovem então desdobra em narrativa os supostos atos que seriam excessivos, contando-me que, ao estabelecer uma conversa, esse professor aproximava “demais” o rosto de seu interlocutor (mesmo sem contato físico algum); ou, quando os alunos estavam sentados na carteira e pediam a ajuda do professor para poder avançar na tarefa, esse professor, eventualmente, colocava a mão por cima do ombro dos alunos. Isso era vivido por alguns com desconforto. Também narra que esse mesmo professor, certa vez, diante da fala de uma colega de trabalho que disse estar com dor de cabeça, tocou um ponto nevrálgico de sua nuca que conhecia como sendo capaz de ajudar a resolver tal dor, sem dizer-lhe antes palavras tais como: “com licença, você me permite este procedimento?” Apesar de sua colega não ter sentido incômodo algum com isso e ter ficado sumamente grata, a cena não deixou de causar espanto aos da outra geração, na medida em que havia se produzido um contato físico não antecedido por um consentimento verbal.

Escutei isso de forma preocupada. Estava ali estabelecido, mais uma vez, o terreno fértil para o escândalo e linchamento moral que têm sido recorrentes em nossos tempos, e, certamente, o jovem que fazia o relato estava muito atento à minha reação, pois, diante da suposição dos fatos que ficavam no ar, qualquer gesto ou palavra facilmente poderiam produzir um engalfinhamento imaginário pela aliança ou pela rivalidade (ambos igualmente danosos nesses

casos, já que guiados pela chave do narcisismo que, como bem nos recorda Freud, é o tipo de relação com o objeto que está na base da mania ou melancolia (FREUD, 1915[1917]/1977, p. 247).

Conta-me, então, que a direção da escola levou a sério a situação (tremi mais uma vez). Mas em lugar de emparelhar ou engrandecer tais queixas, ou ainda deixar a boataria correr solta “tirando o corpo fora”, a escola decidiu por todos a trabalhar a partir de tal mal-estar, dando lugar a um diálogo em que a palavra pôde circular de forma respeitosa entre professores-alunos e entre as diferentes gerações, discutindo juntos a questão dos códigos culturais e de como seria possível atravessar esse mal-estar sem que se produzam escândalos espetaculosos e caricatos em que o gesto do outro, por ser diferente, fixa-se instantaneamente como comportamento patológico ou imoral. Podemos pensar como para uma geração anterior a rigidez entre professor e aluno era tal que poder manifestar afeto em relação à geração seguinte poderia ser considerado até mesmo libertário, não tendo “nada demais”, ainda que na atualidade tal questão pareça ter mudado novamente de valor devido a um novo contexto cultural que exige reconsiderar o lugar para tais gestos.

Fiquei comovida com esse relato. Nesse pequeno episódio operou-se algo grandioso ao meu ver. Um verdadeiro ato de transmissão educativa nessa escola, que se não fará esses alunos “felizes para sempre” (em uma promessa de gozo ilimitado) certamente irá dar-lhes mais chances de lidar de um modo menos infeliz, no sentido de menos fadado ao pior, com o mal-estar na civilização. Eles fizeram juntos uma experiência de travessia da desconfiança diante do outro para a sustentação da alteridade.

Não é pouca coisa encontrar uma saída singular e coletiva diante do Outro encarnado que não é plenamente satisfatório (em lugar de acusá-lo do pior porque não realiza todos os ideais), do outro que é diferente porque pertence a outra cultura (em lugar de engendrar o ódio e destrutividade ao estrangeiro); ao que exerce

outra função como a de professor (que pode gerar ódio simplesmente por não estar em um lugar simétrico e plenamente equivalente, mas que nem por isso é autoritário), ao que é de outra geração (e que por isso mesmo tem outras experiências que não precisam ser simplesmente aniquiladas como velharias que caíram na obsolescência), ainda ao que é de outro sexo (considerando insuportável a diferença ou destituindo a qualquer enunciação que não esteja atarraxada ao traço do real do corpo. No viés de que só mulheres poderiam falar de mulheres e por aí vai – via pela qual os direitos humanos parecem ficar substituídos pelos direitos do corpo real).

Essa é uma pequena história de final feliz porque nos conta que é possível sim produzir laços com lugar e diferenças. Diante de um convite para falar sobre melancolia na infância e adolescência em nossos tempos, creio que é importante contar uma história que termina bem para dizer, mais do que isso, para tentar demonstrar, que há esperanças, ou melhor, que podemos construí-las, dependendo do modo em que sejamos capazes de sustentar os laços com os nossos semelhantes.

Freud afirma que a melancolia pode se instaurar não só diante da perda de uma pessoa amada, mas também diante da perda de uma abstração que ocupe o seu lugar como um ideal, uma pátria, a liberdade etc (FREUD, 1915[1917]/1977, p. 241).

Estamos vivendo uma mudança abrupta de códigos de conduta no modo de nos relacionarmos e isso tange ao lugar que ocupa a palavra, os corpos e a sexualidade. Há bandeiras libertárias desde as quais se discute o direito de uma mulher ao aborto e, portanto, de ter o poder de decidir acerca de algo que se passa em seu corpo; se estabelecem direitos civis de casamento gay e de famílias multiparentais (não restritas ao modelo biológico e heterossexual); e deixam de ser silenciados casos em que se produzem submetimentos sexuais em nome do exercício do poder (como, por exemplo, nos abusos cometidos contra mulheres dentro das empresas).

Ao mesmo tempo em que isso acontece,

também se escancara um gozo coletivo no denunciamento, desde o qual acusar o outro, e apenas o outro, de algo hediondo acerca de sua suposta falta moral fica na ordem do dia. Todos parecem ter uma história pior e pior para levar a público de modo escandaloso. Produz-se um espetáculo no qual a revelação *da verdade* silenciada que desmascararia o outro e as suas horrendas privacidades “suas” emerge de um modo ameaçador e condenatório. Nessa lógica, é difícil saber onde está a perversidade, se no desmascarado ou em quem, ao acusar desse modo, pretende se salvar de qualquer falta e tomar para si o lugar de moralmente intaxável, produzindo uma montagem desde a qual recusa a sua própria falta apontada apenas do lado do outro.

Também há aqueles que, mesmo sem acusar, se afastam rapidamente dos acusados, em um contágio histérico desde o qual temem terem seus egos manchados pelos respingos difamatórios. Se até ontem essa era uma grande pessoa, a partir do ocorrido, o que parecia ser um laço simbólico se derrete como plástico perto da fornalha, e antes de que a miragem narcísica no outro termine de se deformar, as pessoas se desligam, como *plugs* tirados da tomada.

Como narra Michel Laub em *O tribunal da quinta-feira* (cuja leitura recomendo, afinal, como dizia Freud, os escritores estão sempre um passo adiante dos analistas), ninguém na atualidade está a salvo de um linchamento virtual, assim como ninguém sobrevive a um grampo ao ter escarafunchada e exposta a sua intimidade. Isso é o que ocorre com o protagonista do romance ao ter vazados trechos de um diálogo com seu amigo e ter exposto os mesmos fora de contexto. Ele afirma: *todo fascista julga estar fazendo o bem. Todo linchador age em nome de princípios nobres. Toda vingança pessoal pode ser elevada a causa política e quem está do outro lado deixa de ser um indivíduo que erra, como qualquer indivíduo, em meia dúzia de atos em meio aos milhares praticados ao longo de 43 anos, para se tornar o sintoma vivo de uma injustiça histórica e coletiva baseada em horrores permanentes e imperdoáveis.*

A difamação corre solta na fofoca

amplificada pelas redes sociais. Isso é assim desde as relações mais cotidianas até nas altas esferas de poder político, a partir da qual os processos da justiça formal correm o risco de inverterem a sua lógica: como o cidadão já senta na cadeira do réu estando condenado pela difamação de seus semelhantes, corre-se o risco de que o tribunal venha fazer o seu julgamento em uma espécie de falso anteparo da carnificina, em que se vê tentado a ser confluyente com a vontade dos cidadãos enfurecidos com tochas e pedras na mão, mas dando um verniz de código moral aos acontecimentos nas formas frias da lei.

Pela lei se é considerado inocente até que se prove o contrário. Mas, em tempos de escândalo e paranoia social, a lógica está invertida: todos são potencialmente culpados e, perante a difamação do tribunal das redes sociais, é o réu quem passa a ter que provar sua inocência.

Na sociedade da pós verdade, a Internet – ferramenta que permitiria o acesso à informação sem censura do estado e o diálogo entre cidadãos de mais diversos cantos do mundo – vem sendo instrumentalizada em um desmonte dos laços sociais e dos movimentos políticos ao espalhar boataria que propositalmente são feitas de conteúdo enganoso (pelas quais até o termo *fake news* foi expropriado).

Os jornalistas têm procurado fazer um trabalho de reconstrução perante o rompimento que se apresenta de total descompromisso entre o dito e os fatos. Em tempos em que em nome do gozo se empunham verdades é preciso perguntar: que saber é esse? De onde ele veio? No que se apoia? Que lógica o sustenta? Interessante que o que tem se oposto às *fake news* seja um projeto chamado com-prova – justamente apontando o furo da falácia compartilhada na contemporaneidade desde a qual qualquer opinião seria equivalente a qualquer outra, simplesmente é verdade porque alguém acha, sem precisar sequer dar-se ao trabalho de qualquer arguição lógica que concatene os fatos para fundamentá-la.

Recentemente um jornalista digitou, em meio de uma longa discussão sobre pedofilia, as palavras: “sexo, sem consentimento, com crianças”. Esse “sem consentimento” que ficou truncado no meio da frase bastou para que fosse difamado, na medida em que outra pessoa recortou esse trecho e o compartilhou com milhares. A partir daí, o filho desse senhor, que agora é um bebê, ao fazer no futuro uma busca pelo nome de seu pai na Internet o encontrará para sempre associado ao termo pedófilo.

Percebe-se aqui como a difamação e condenação se colam na atualidade sem intervalo no meio. Na velocidade da antena parabólica se destrói o outro, recortando e expondo fora de contexto uma palavra ou uma imagem, à revelia do que tenha sido a coerência simbólica sustentada ao longo do percurso de toda uma vida. Ora, entendemos que, para sair do luto é preciso representar a perda do objeto, mas o que ocorre quando a extensão simbólica sustentada com muito trabalho psíquico por alguém ao longo de toda uma vida é aniquilada por um fragmento que sempre lhe fará sombra – vejam como aí fica facilitada a passagem para a melancolia.

Há poucos dias, a colega e fonoaudióloga Ana Clélia Rocha chamou a minha atenção para a seguinte manchete: Em congresso dos EUA, pesquisador que desenvolve há mais de 20 anos trabalho de conservação com tartarugas no INPA (Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia) teve seu trabalho censurado e seu prêmio de pesquisa caçado porque, ao mostrar fotos de manejo de animais, suas pesquisadoras (que não estavam vestidas à moda de guardas florestais de desenho animado americano, e sim em trajes de banho) tiveram tarjas pretas postas sobre os seus corpos nas imagens consideradas inapropriadas, a partir do qual, a imaginação correu solta na Internet e não faltou quem supusesse que os pesquisadores estavam pelados. Apesar da manifestação de vários pesquisadores e alunos vinculados, o ato de censura e a retirada do prêmio causadas por uma armação política revestida de moralidade sexual podem fazer com que a pesquisa perca a

sua verba (a matéria saiu publicada no jornal *Folha de São Paulo*, de 13 de agosto de 2018. Lá constam as fotos de pesquisadores em pleno ato de manejo de quelônios!) (BOTTALLO, 2018).

Como os psicanalistas, trabalharemos com a fantasia, como tramitaremos as vicissitudes da pulsão e sua negociação com a realidade em tempos em que o que cada um imagina e lança projetivamente contra o outro vira a verdade (unívoca) de forma tão espetaculosa?

Estaríamos passando do sujeito suposto-saber que leva o neurótico à direção de elaborar o desconhecido de si mesmo, ao sujeito suposto perverso polimorfo que é preciso desmascarar acusatoriamente para recobrir a sua própria falta de garantias de saber?

Encontramos por todos os lados atos, como esse, que realizam o obscurantismo contemporâneo da inquisição difamatória: não é preciso mais sequer dar um passo em falso. Na falta do tropeço é só dizer que, mesmo que a caminhada seja reta, “as intenções implicadas na mesma seriam duvidosas” e pronto, isso basta para que o cidadão seja jogado do alto do precipício virtual das redes-sociais.

Mas que rede é essa? Na navegação pela Internet das redes sociais, as constelações dos astros (celestes e das celebridades) são permanentemente estabelecidas e destituídas, os fios que as unem a cada dia são outros, mudam de figura. Diante disso, o *sujeito wireless* perde o fio do desejo que alinhava seu passado ao seu presente e seu futuro (lembremos aqui a frase de Freud, 1908/1977).

Em tempos em que os textos são cada vez mais curtos, sendo tantas vezes empurrados para o lugar secundário de legendas, as letras se fazem pequenas diante da pregnância da imagem *visualizada*. Não há mais tempo nem lugar para a extensão discursiva e para o modo em que, com e pela palavra, o sujeito trabalhosamente tece uma lógica entre os supostos acontecimentos. Somente a palavra implicada, somente a palavra que se enuncia quando se está disposto a pagar com o real do corpo para sustentá-la em seu valor simbólico, pode barrar, fazer anteparo, ao infinito das

proliferações imaginárias.

Recentemente assisti ao filme de Spielberg (JOGADOR..., 2018) embasado no livro *O jogador número um* (de Ernest Cline). O futuro proposto nessa ficção é a de que ficaremos reclusos em nossa casa gozando de ir para todos os lugares sem sair do lugar (frase textual pronunciada no filme acerca dos encantos da virtualidade) e de que, no fim de semana, talvez façamos a exótica experiência de darmos uma chance de encontrarmos com os outros habitando nossos corpos.

Se isso se passa na ficção, desde a realidade deparamos com o fato de que o recente festival pornográfico de realidade virtual ocorrido no Japão foi cancelado devido à superlotação (CUTHBERTSON, 2016). Será que o desconforto com a alteridade é tanto que estamos em tempos nos quais seria preciso evitá-lo a todo custo mesmo que isso implique ficar absolutamente só, cada qual absolutamente centrado no objeto da sua fantasia? Em *Luto e melancolia*, Freud (1915[1917]/1977, p. 242) afirma que *na melancolia há uma retenção de objeto por uma via alucinatória do desejo*. Coloca que, em um caso extremo, isso pode levar a uma condição de psicose. Mas podemos indagar: o que ocorre quando o que se propõe no laço social convida a um enlouquecimento coletivo?

O *sujeito wireless* oscila entre a fama e a difamação. Por isso, seu estado anímico costuma também pendular entre a mania e a melancolia, entre a euforia e a depressão, entre a bola cheia ou murcha do imaginário, passa de um polo a outro com muita facilidade na medida em que está à deriva. Carece da bússola que vetoriza seu desejo marcando um norte simbólico no ideal do eu. Sem esse referencial simbólico, se perde em meio às tempestades para tentar fugir de monstros ou muda de curso a cada instante atrás de miragens paradisíacas, ambos frutos de projeções imaginárias feitas na escuridão.

Como nos revela Byung-Chul Han em *Sociedade do Cansaço*, na contemporaneidade adoecemos, não por falta de defesas, mas pela hiperconexão (hiperatividades, *burnout* são

exemplos disso). Ele afirma que qualquer animal é multitarefas, se alimenta ou tem relações sexuais vigiando o horizonte com temor de ser predado, o maior ganho cultural está na contemplação e não na hiperatenção. Nesse sentido, evoca Walter Benjamin ao ligar o tédio profundo ao pássaro onírico que choca o ovo da experiência, opondo o ato criativo à pura ação de inquietação (HAN, 2015, p. 33).

Assim, onde pensamos estar extremamente vivos, estamos mortificados pelo excesso. O sujeito fica consumido em seu próprio consumo e se vê cair em obsolescência junto com o modelo de seu gadget eletrônico ultrapassado (JERUSALINSKY; BAPTISTA, 2017).

Em *O Tempo e o Cão; Atualidade das Depressões* -Maria Rita Kehl (2009, p. 24) afirma que “se as estruturas clínicas não variam, as condições de adaptação dos neuróticos ao seu meio social dependem inteiramente das condições da cultura”. O pano de fundo da melancolia é o de uma sociedade que hipervaloriza o objeto de consumo em detrimento ao lugar da palavra e extensão narrativa que dê lugar à elaboração da experiência; que propõe o desligamento dos outros em prol da exigência da exacerbação de realizar o encontro com o objeto de sua fantasia; que cultua um estado de euforia no qual a tristeza causa estranhamento, que repudia qualquer fracasso e se cega pelo brilho passageiro do triunfo. Nesse sentido, a depressão e os suicídios que temos testemunhado não podem ser considerados como uma falha em si, é preciso lê-los como o outro lado da moeda da aceleração maníaca que tem se considerado normal.

Como sempre, as crianças são as que gritam que *o rei está nu!* Elas estão nos advertindo em que rumo caminhamos na medida em que tantas afirmam que, ao crescerem, querem ser youtubers, para terem milhões de visualizações, de *likes*, porque o que vale mesmo na cultura contemporânea é ser famoso, por qual motivo é o de menos, a causa em questão é totalmente secundária, o que importa é a fama em si, em um puro triunfo narcísico de potência imaginária

(eu-ideal) desprendida de um referencial simbólico (ideal-do-eu). Desse modo, as crianças nos devolvem a demanda social que elas mesmas recebem no qual o que está em jogo não é sequer um “apareço logo existo” e sim um “eu sou a minha imagem” (como aponta Baudrillard em *A transparência do mal*).

Ironicamente, o ícone de *like* ou *dislike* (dedão para cima ou para baixo) das curtidas da rede social é o mesmo que, reza a lenda, se utilizava no Coliseu para decidir se um gladiador deveria ou não ser morto.

A ficção de George Orwell, *1984* (1949), parece ter virado realidade. Por momentos vivemos em um *Big Brother* em que a Internet vira o veículo do *grande irmão*, do panóptico da sociedade de controle (FOUCAULT, 1987) desde o qual assistimos à caçada do semelhante repentinamente revelado, mostrado a nós como um monstro a ser aniquilado nas *teletelas* por suas *crimideias*. O que era próximo vira então um total estranho. Pois, se a monstruosidade do semelhante é a verdade absoluta, então o laço que se tinha com o outro só podia ter sido um engano a ser desmentido. O laço evapora sem tempo ou lugar a dúvida, em um instante veloz se recusa que se possa ter algo a ver com esse que é lançado à fogueira da inquisição virtual. Se armam então maniacamente os movimentos de tecer com os astros novas constelações imaginárias do mundo virtual dos cidadãos que se supõem virtuosos, movidos pelo ímpeto de recusar *a parte obscura de nós mesmos* (ROUDINESCO, 2008) ao depositá-lo apenas no outro, até então um semelhante, mas agora visualizado como o que se deve exterminar.

A ordem é não se deixar tocar pela divisão. Se surge a dúvida, o melhor é acusar o outro, para salvaguardar-se e rapidamente reestabelecer-se em sua própria certeza. Essa é a formação perversa contemporânea travestida de paladina moral. Assim, as discussões se polarizam, não há mais lugar e tempo para a complexidade da reflexão para o diálogo de diferentes concepções, para a dúvida. É urgente tomar posição, precipitar-se no ato em que o diferente é o inimigo a ser linchado. O

estrangeiro é o insuportável diante do qual se pretende erguer muros. Mas o que fica do lado de dentro desse muro?

No mesmo país em que se produz uma eleição movida pelas *fake news* da sociedade da pós-verdade e em que se ergue muros contra estrangeiros, não se limpa mais o bumbum dos bebês na creche. As fraldas sujas são retiradas e as limpas colocadas sem que se toque nas “partes íntimas” do bebê, sem que se passe sequer um lençinho. A política é a do “*no touch*”, porque qualquer gesto de aproximação ao corpo do outro é passível de ser considerado um excesso. Então as criancinhas voltam para casa com seus bumbuns assados.

Mas não seria isso em si mesmo um excesso, uma formação reativa pela qual, diante do temor de que o amor possa ter qualquer relação com o *eros*, com um fiozinho de erotismo e com a sexualidade, passa-se defensivamente a atuar o ódio, o descuido até com pequenas crianças, deixando suas bundas sujas e, portanto, com assaduras para que não possa ser levantada a desconfiança de que nossas almas virtuais e virtuosas estão perfeitamente limpas?

Evoco a esse respeito a estrofe de Gilberto Gil “subo nesse palco, minha alma cheira a talco como bumbum de nenê”. Quando a loucura-histórica da certeza coletiva é a de que o outro é podre e deve ser excluído, cada um fica desconfiado e, portanto, profundamente só. Quando o espírito social é o de que a alma do semelhante, e só a dele, é suja, deixa de ser possível cuidar de forma coletiva, até mesmo das crianças. Se não cuidarmos dos laços, se o que ocorre com o nosso semelhante não pode nos tocar mais, e devemos salvaguardar-nos de qualquer divisão que gere desconfiança mantendo-nos o mais longe possível do outro, os ares dos nossos tempos irão, a cada vez, cheirar mais mal. Qualquer semelhança disso com regimes totalitários e higienistas não é mera coincidência.

Geralmente, tendemos a idealizar a infância como uma época cheia de vivacidade, curiosidade, invenção e brincadeira, em que um estado de permanente criatividade impediria

qualquer manifestação de tristeza. No entanto, temos deparado com crianças que não encontram graça alguma no viver, sem curiosidade. Crianças sem tempo ou lugar para inventar, que circulam pelo mundo com agendas cheias, imaginando o futuro não como fonte de possíveis realizações, mas de mais e mais compromissos. Um sentimento de perda inespecífico as assola e lhes produz uma interrogação: crescer para quê? Ao educar as crianças desde o pragmático princípio de super equipá-las para o futuro, submetendo-as a um excesso maníaco de ofertas de informação e de consumo, pode-se estar tirando delas algo fundamental: o encontro com um certo vazio que é central para desejar e poder inventar. Elas se encontram duplamente assoladas pela sombra do objeto enquanto consumidoras consumidas: por um lado, abarrotadas de objetos-fetice com os quais não brincam e as deixam como espectadoras em lugar de servirem de apoio para um fantasiar; (vejam, a esse respeito, os diversos vídeos de crianças invadidas de um excesso ou até mesmo aterrorizadas diante de brinquedos espetaculosos que se brincam sozinhas).

Por outro lado, as crianças são elas mesmas consumidas por estarem submetidas à condição de realizarem a demanda de um bom produto do investimento narcísico dos pais. Como afirma Bauman (2007)

na sociedade de consumidores, ninguém pode se tornar sujeito sem primeiro virar mercadoria, e ninguém pode manter segura sua subjetividade sem reanimar, ressuscitar e recarregar de maneira perpétua as capacidades esperadas e exigidas de uma mercadoria vendável.

Ao querer poupar as crianças de atravessar o mal-estar que se apresenta no encontro com o semelhante elaborando a dimensão da castração e da não satisfação plena, acaba por se lançar os rebentos a um jogo voraz de performance narcísica, esvaziada da perda necessária que opera na satisfação de cada um.

Apesar de todas as ofertas de consumo que, por meio do discurso capitalista, fomentam a promessa de que pagando bem seria possível ter acesso ao objeto ideal de forma instantânea, no

encontro com o semelhante se revela o quanto produzir um laço exige tempo, que este nunca encaixa plenamente e, ainda por cima, jamais teremos nosso investimento de volta, afinal nos relacionarmos com os outros pela linguagem, e esta implica a polissemia, os equívocos e os mal-entendidos. Mas será que, por isso, devemos descartar os outros pelas suas incompletudes (recobrando com isso nossa falta a ser), odiá-los onde eles falham (ocultando com isso nossa própria castração), aniquilá-los por suas diferenças (erigindo uma certeza totalizante que nos salvaguardaria de qualquer dúvida)? Como faremos para lidar com os fracassos do viver que nunca têm uma solução nem imediata nem plena sem nos sentirmos impelidos a pular da primeira janela?

Lembrem, começamos com uma história com final feliz. Uma experiência que coloca em seu devido lugar a responsabilidade que temos com a geração seguinte. Afinal, como entenderemos o que Freud (1914/1993) diz em *Introdução ao narcisismo* ao afirmar que temos com a geração seguinte “esperanças de que eles venham triunfar onde nós fracassamos”? Onde está o triunfo e onde está o fracasso, cabe perguntar...

Pois, quanto mais se incrementar a ideia de um triunfo individual e narcísico de cada rebento contra o outro, mais cada um ficará lançado aos leões da arena social, com uma solidão vivida, não como a irreduzível singularidade do desejo, mas como a devastação que se introduz quando, na voracidade de abocanhar tudo, fica-se sem ter com quem compartilhar (repartir o pão).

Por isso, em lugar de fomentar triunfos individuais ou saídas totalitárias, é preciso dar-se ao trabalho de levar a sério e tramitar pela palavra, se possível, com algum humor, os inevitáveis fracassos comportados no viver e no sustentar laços, caso contrário a queda dos ideais coletivos fará com que a sombra do objeto (FREUD, 1915[1917]) se alongue cada vez mais melancolicamente sobre nós.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. *Vida para o*

consumo: a transformação das pessoas em mercadoria (2007). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

BOTTALLO, Ana. Pesquisador de tartarugas tem prêmio cassado após apresentação censurada. *Folha de São Paulo*. 13 ago. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2018/08/pesquisador-de-tartarugas-tem-premio-cassado-apos-apresentacao-censurada.shtml>. Acesso em: 12 set. 2018.

CUTHBERTSON, Anthony. Virtual reality porn festival cancelled due to overcrowding. *Newsweek*, 4 Jul. 2016. Disponível em: <https://www.newsweek.com/vr-porn-samsung-gear-virtual-reality-477369>. Acesso em: 22 ago. 2018.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir* (1975). Petrópolis: Vozes, 1987.

FREUD, Sigmund. Projeto para uma psicologia científica (1895). In: SALOMÃO, Jayme (Org.). *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. v. 1, p. 421-422. Edição Standard Brasileira.

FREUD, Sigmund. Escritores criativos e devaneio (1908). In: SALOMÃO, Jayme (Org.). *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. v. 9, p. 147-158. Edição Standard Brasileira.

FREUD, Sigmund. Introducción del narcisismo (1914). In: _____. *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1993. v. 14, p. 65-98.

FREUD, Sigmund. Luto e melancolia (1915[1917]). In: SALOMÃO, Jayme (Org.). *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. Rio de Janeiro: Imago, 1977, v.14, p. 249-263. Edição Standard Brasileira.

GIL, Gilberto. *Palco*, álbum A Gente Precisa Ver o Luar, 1981.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do Cansaço* (2010). Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

JERUSALINSKY, Julieta; BAPTISTA,

Angela. *Intoxicações eletrônicas*: o sujeito na era das relações virtuais. Salvador: Ágalma, 2017.

JOGADOR nº 1. Diretor: Steven Spielberg. USA: Warner Bros, 2018. 1 DVD (140 min).

KEHL, Maria Rita. *O Tempo e o Cão*: atualidade das depressões. São Paulo: Boitempo, 2009.

KOLTAI, Caterina. Racismo: uma questão cada vez mais delicada. *Ide*, São Paulo, v.31, n.47, pp. 66-69, 2008.

LAUB, Michel. *O tribunal da quinta-feira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

ORWELL, George. *1984* (1949). São Paulo: Companhia Nacional, 1984.

ROUDINESCO, Elizabeth. *A parte obscura de nós mesmos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

Recebido em: outubro de 2018.

Aceito em: novembro de 2018.



Entrevista

Entrevista com Mário¹ e Diana Corso^{II}

Cecília Freire Martins*

¹ Psicanalista, Membro da APPOA, Porto Alegre, RS, Brasil

^{II} Psicanalista, Membro da APPOA, Porto Alegre, RS, Brasil

Resumo: Tanto Mário Corso quanto Diana Lichtenstein Corso combinam em suas práticas a atividade clínica com a produção de livros, artigos e textos destinados não apenas a psicanalistas e conhecedores da Psicanálise, mas também a leigos. Atuando em dupla e individualmente, desbravam as repercussões do que denominam “Psicanálise na vida cotidiana”, ao abordarem diferentes temas do cotidiano à luz da Psicanálise. Nestas práticas, preocupam-se em preservar, ao mesmo tempo, o rigor e frescor que distinguem o saber psicanalítico desde sua origem, uma vez que entendem que estes sejam elementos essenciais para que a Psicanálise, fiel a seus princípios, permaneça relevante diante da cultura de nosso tempo.

SPCRJ: Considerando a experiência clínica de vocês, entendem que temas como o das identificações, o das identidades e das diferenças se articulam e interferem de um modo específico nas formas de sofrimento psíquico que se verifica atualmente?

D&M: É essencial entender que uma identidade é sempre o trabalho artesanal e ímpar de recorta e cola e, finalmente, a lapidação, que torna pessoal aquilo que se colheu do outro. Como dizia Winnicott, só é possível ser original com base em uma tradição. É, portanto, a relação ambivalente de apropriação e rejeição do que recebemos, e também do que usurpamos e que nos constitui. Tudo isso para lembrar que identidades não são um catálogo *prêt-à-porter*, quer seja dentro ou fora dos armários.

Por outro lado, toda esta operação é movida a desejo de reconhecimento, seduções incestuosas e outros perrengues amorosos. Não somos piratas libertos de tributos e amarras. Essa condição torna o exercício de edição de uma identidade mais limitado do que desejariam acreditar os entusiastas do *self-*

made man. É desse pêndulo entre receber, aceitar e sentir-se aceito e, por outro lado, a necessidade de fundar algo novo para diferenciar-se daqueles de quem desejamos receber afeto e reconhecimento, que vem boa parte dos conflitos que denominamos neuroses. O que os anima é obviamente o desejo, mas ele bebe seus conteúdos desse constante fazer-se a si a partir do outro, tarefa de uma vida inteira, que morre conosco.

Por isso, saber-se tão diferente do que a princípio espera-se, de acordo com um senso que não se tornou comum por acaso, que sejamos - cisgênero, heterossexuais, brancos, ricos e, de preferência, homens - é motivo de dor e sentimento de rejeição. Por essa razão, identidades conflitantes com essa limitada gama de possibilidades de ser foram esmagadas por tanto tempo. Um tempo que ainda não acabou.

Todos esses discordantes tendem a abrigar-se em guetos, exílios, autocomiseração e ressentimentos. Por questão de sobrevivência, mas também de preservação narcísica. Só que se formos observar o restrito catálogo de possibilidades arrolado acima, é obvio que há

* Psicóloga e Psicanalista. Doutora em Psicologia Clínica pela PUC-Rio. Membro Associado da Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: cifmartins@hotmail.com



Entrevista

lugar para quase todos nós no campo dos desviantes. Generalizando de modo grosseiro, os homossexuais e de identidade de gênero não binária tendem aos guetos, as mulheres ao exílio da vida pública e os conflitos raciais alimentam o ressentimento. É a isso que estamos nos referindo como se fosse uma espécie de expurgo ao armário, um que estaria ficando tão grande como o hospício do Alienista, em cujo interior acabou sendo confinada à cidade inteira.

Nesse sentido, as diferenças agora tornadas públicas em seu direito de existir têm que assumir o risco de abandonar suas tocas, sem medo de perder os fetiches de pertencimento a um estereótipo. A intolerância social, internalizada por tantos que padeceram dela, criou guetos que, nas últimas décadas, foram rompendo suas próprias fronteiras e ganhando espaço nas ruas e no ideal de ser.

Esse é o desafio atual, que nos devolve ao primeiro parágrafo desta pergunta: o trabalho de construir uma identidade. Nem sempre temos a força necessária para empreender essa tarefa e por vezes optamos por vários tipos de simplificação, mesmo que esta nos seja empobrecedora e sofrida.

SPCRJ: No que diz respeito às formas de atravessamento da adolescência, e ao processo de elaboração entre a infância e a fase adulta que esta etapa supõe, acreditam que questões ligadas ao reconhecimento das diferenças e às formas de lidar com elas têm se apresentado como um desafio singular atualmente? Parece-lhes relevante, neste cenário, considerar as distinções que a teoria psicanalítica reserva entre o conceito de "identificação" e a noção de "identidade"?

D&M: A adolescência é o momento princeps da edição da própria identidade a que nos referimos acima. É claro que, num primeiro momento, decide-se com mais facilidade o que não quer se colocar dentro das malas com que se vai partir. A tendência é a rejeição do recebido, em termos culturais e identitários, jogando fora junto a água do banho para livrar-

se do bebê que não se quer mais ser. Os grupos de contemporâneos, quer sejam reais, virtuais ou meramente imaginários, considerando que nosso tempo é também um lugar que se habita, provêm os recursos para sobreviver durante esse período em que passamos acampados na vida, achando que dá para sobreviver com uma barraca, uma mochila e uns trocados.

É uma grande tentação da adolescência aderir a identidades fixas, de gênero, de origem cultural, religiosas ou políticas – mesmo que anárquicas – para desde elas livrar-se dos impasses da identificação. Esta última passa pelo reconhecimento de dívidas, que o individualismo nos ensinou a tomar como vergonhosas, sinal de falta de autenticidade. Também confundimos herança simbólica com apagamento frente ao desejo do outro. A adolescência seria, nesse sentido, o olho do furacão desse processo. Mas como estamos justamente descrevendo uma tarefa de vir a ser que leva uma vida para não concluir, vê-se como é difícil definir o momento de saída da adolescência... Talvez a diferença seja que trocamos a mochila leve por uma mala e esta por um contêiner. Cada vez mais, por força da necessidade, vamos tendo que admitir que o peso da própria história caminha conosco, nas escolhas amorosas, profissionais, na parentalidade. A vida nos ensina a herdar.

SPCRJ: Atualmente, as chamadas "questões de gênero" têm sido amplamente discutidas em diversos âmbitos da sociedade, trazendo indagações inclusive ao campo da teoria psicanalítica. Na opinião de vocês, tais questões põem em xeque algo do que propõe o construto teórico da Psicanálise ou, ao contrário, é possível nos valermos de conceitos clássicos como Complexo de Édipo, Narcisismo e mesmo as identificações para compreender e elaborar estes arranjos relativos à sexualidade?

D&M: Como dizíamos, a teoria psicanalítica caiu na cilada da supremacia do binarismo sexual. Quanto menos parâmetros totalizantes, como as grandes religiões, mais fé se depositou



Entrevista

na divisão de mundo e na sua lógica baseada em que os homens são de um planeta e as mulheres de outro. Inclusive, hoje as tendências de tentação totalitária ou mesmo religiosa, não raro misturando ambas, tendem a suprimir no grito essa complexidade, como se colocando os gêneros em seus escaninhos, o mundo reencontraria uma espécie de ordenamento mágico natural e perdido. O que tínhamos antes era uma operação – religiosa e totalitária – que funcionava como uma espécie de “cama de Procusto”: tudo o que ficasse fora da simplicidade binária, que nada tivesse de natural, era cortado fora. Mesmo que, para isso, fosse necessário ceifar não poucas vidas.

A Psicanálise reconheceu a bissexualidade originária, mas associou a maturidade fortemente à adesão a uma identidade ou outra. Nesses dois planetas tinha-se diferentes relações com a lei, com a identidade, duas grandes linhagens edípicas. Essas histórias continuam sendo interessantes chaves de leitura, mas mais misturadas e complexas do que poderiam supor psicanalistas nascidos no século XIX ou no início do XX.

Por outro lado, assim como desenvolvemos uma paixão pelas identidades de gênero binárias e unívocas, hoje tendemos a continuar mesmerizados pelo tema da identidade de gênero. Entendemos um pouco isso, é novidade ser de tantos jeitos, como se tivesse sido decretado um grande carnaval, para alívio das milhares de almas enrustidas. Mas talvez, pudéssemos pensar uma história da sexualidade onde os desejos fossem levados em conta e as fantasias respeitadas, mas que não se precisasse organizar uma vida em torno do propósito de fabricar-se um corpo e uma identidade sexual.

O que era para ser a fonte dos desejos tornou-se um destino, muitas vezes o único que importa. Nos rotulamos a partir de papéis que tem muito a ver com identidades de gênero, pelo menos agora mais variadas: quer seja o de viver como um bombadão viril, uma mulher voluptuosa, uma drag, um ser andrógino, um punk assustador ou uma ninfeta. Também a

construção de um corpo, no sentido da importância das marcas corporais, como as tatuagens, os piercings, as cirurgias plásticas, a obsessão pelas tendências da moda, passa a ser uma tarefa exaustiva. Viver equivale a fazer-se um corpo, como se basicamente dele dependesse o grosso da identidade. É função da Psicanálise também, não somente libertar os sujeitos dos recalques e amarras da repressão social, mas também ajudar a ter um corpo para viver e não viver para ser um corpo.

SPCRJ: As diversas transformações sociais em curso nas últimas décadas têm modificado hábitos cotidianos, valores e recursos tecnológicos disponíveis à população. Tais mudanças, inevitavelmente, interferem diretamente nas formas como as crianças e a própria infância têm sido pensadas e cuidadas atualmente, especificamente nos grandes centros urbanos. Considerando este momento de constantes e agudas modificações ligadas à infância, lhes parece possível identificar "consequências psíquicas" destes novos tempos, isto é, aspectos do funcionamento psíquico das crianças hoje, que parecem estar estreitamente ligadas ao modo como são olhadas, desejadas, amparadas atualmente?

D&M: Um dado novo, embora não estejamos exatamente dentro do campo da ficção, que é o que mais estudamos, é que a internet colocou no cenário produtores de cultura muito jovens. Os youtubers têm pouca idade a mais, ou às vezes nem isso, do público que influenciam. Há uma transmissão ocorrendo, mas como exatamente é que são elas. Os jovens sempre ouviram muito seus pais, mas antes estavam restritos aos colegas próximos. A rede permite levar isso a todos os cantos, a barreira agora é linguística, embora o inglês já seja um esperanto operante. O fato é que, para o bem ou para o mal, as influências que os pequenos têm escapam facilmente das bolhas domésticas e da escola.



Entrevista

Os adolescentes sempre se incumbiram dessa função de trazer o estrangeiro para a pátria familiar, enquanto as crianças costumavam ficar nos territórios conhecidos. Agora, em um movimento que não esperou a Internet para acontecer, já desde pequenos buscam outros lugares imaginários onde respirar do sufocamento doméstico. Vide a popularidade, já consolidada há mais de década, da cultura japonesa entre as crianças. A invasão doméstica da cultura alienígena à familiar é uma necessidade frente ao confinamento das famílias em razão da violência e do desaparecimento da família estendida. Mesmo sem sair da infância, as crianças precisam emergir para pegar ar e a internet atualmente as ajuda um pouco nisso, embora as atrapalhe em tantas outras coisas.

O mesmo pode se dizer das redes sociais. As possibilidades dos púberes e adolescentes falarem com seus iguais aumentou de uma maneira impensada. É preciso lembrar que nessa idade eles estão se desligando dos pais, querem fundar um saber próprio que os diferencie do núcleo familiar. Eles querem provar que já sabem pensar por conta própria, escolher valores, ter alguma autonomia frente ao cardápio que a cultura oferece. É preciso lembrar que isso inquieta mais ao pais do que a eles. É a geração mais velha, que não cresceu em um ambiente virtual, que teme os efeitos dessa nova forma de troca entre pares.

Que o ambiente virtual possa ser nocivo é uma obviedade, mas para escolher mal as companhias, se envolver com delinquentes, em ambientes com drogas, os adolescentes não esperaram a Internet para tanto. Embora os pais não transitem tão bem nos espaços virtuais, a questão é a mesma dos tempos pre-Internet, a única proteção efetiva é uma proximidade com os filhos, um ambiente de confiança. Um equilíbrio muito difícil entre respeitar certa autonomia e estar por perto para sentir quando precisam de ajuda e conselhos.

O que precisa ser transmitido - de forma insistente, pois os jovens são onipotentes - é

que, ao contrário do mundo real, a internet não esquece. Não existe mais o escândalo local. Mas tudo é global e uma vez gravado é para sempre.

A questão é que é cedo para dizer como isso vai impactar as crianças e adolescentes. Somos todos protagonistas e cobaias de um mundo digital que veio para ficar.

SPCRJ: "Fadas no divã", "A Psicanálise na Terra do Nunca" e "Adolescência em cartaz" são três obras que têm em comum o reconhecimento do potencial da ficção como espaço de expressão e elaboração de conteúdos psíquicos, o que se verificaria tanto em relação a contos de fadas clássicos quanto a produções contemporâneas para TV e cinema. A partir da pesquisa de vocês, é possível dizer que algo se modificou no "uso" da ficção como ferramenta de investigação do mundo externo e interno? As ficções que encontram grande repercussão atualmente, tanto na TV e no cinema quanto na literatura, permanecem ainda como um campo privilegiado de elaboração de fantasias ou ocupariam algum outro papel nesta articulação entre subjetividade e cultura?

D&M: Mudaram os meios, existem muitos mais recursos disponíveis, mas o uso é o mesmo. A grande vantagem é a facilidade de acesso que a internet e os canais de *streaming* possibilitam. O cardápio é muito grande e variado. Em um primeiro momento, nos deixa até assustados, o que também torna a possibilidade de escolha de um menu interessante para propor às crianças um pouco mais complexo. Mas, bom, pior era quando só se tinha uns poucos programas de auditório da tevê aberta. Saudosismo é achar que o tempo do "Xou da Xuxa" é que era bom.

Das últimas décadas do século XX para cá, inauguraram-se duas tendências que só vêm crescendo. A primeira é a da cultura de uma geração, que permanece como traço fundante para os contemporâneos, como dizíamos, ser contemporâneo é de certa forma como ser conterrâneo. Então, os membros de um corte geracional, uma safra, se reconhecem



Entrevista

mutuamente pelos desenhos animados, séries e filmes que viram na infância, pelas músicas, principalmente as da adolescência. Nasce-se uma vez para a família e uma segunda para o mundo. Na adolescência, nesta segunda jornada, o espaço transicional será marcado pelos produtos culturais mais pregnantes do “nosso tempo”. Não é à toa que sempre que nos referimos ao “nosso tempo”, que aliás era sempre melhor, acabamos tomando como parâmetro principalmente as referências e vivências da nossa juventude.

A segunda tendência, que nasce com os RPGs e a seguir com os games, é a possibilidade de crescer sem perder completamente o recurso do brincar. Em geral, tomamos isso como uma prolongada infantilização de jovens adultos renitentes de tornar-se tais. Talvez tenha um pouco disso, mas somos incorrigivelmente não apocalípticos: acreditamos que o prolongamento da experiência de brincar pode exercer boas influências na relação entre pais e filhos, na possibilidade de um trabalho colaborativo e de recursos criativos. Tudo é uma questão de medida e de consolidação de uma tendência. Nisso tudo, o tempo é rei.

É possível usar os games para não crescer, para seguir na infância. Mas sempre houve escapes para fugir das responsabilidades. Os games, quando usados para alienação, ainda são melhores do que outras opções. É uma alienação que tende ao isolamento, mas menos a marginalidade.

SPCRJ: A proposta de uma "Psicanálise na vida cotidiana" ao mesmo tempo identifica e descreve o trabalho que fazem, através dos livros, mas também das colunas publicadas em revistas e jornais, além das próprias redes sociais. Observa-se, em tais produções, um rigor teórico articulado a uma preocupação em tornar acessível a não psicanalistas o conteúdo ali compartilhado. Como nasceu e como se organiza esta iniciativa compartilhada por vocês de ampliar o alcance da Psicanálise para além da experiência de uma análise pessoal, de

uma formação tradicional ou mesmo de um ambiente acadêmico? Qual a potência que acreditam que há neste esforço de, ao mesmo tempo, aumentar o acesso da Psicanálise e à Psicanálise?

D&M: Acreditamos que desde o começo da Psicanálise houve essa tensão entre uma produção para iniciados e para leigos. Afinal, nosso pensamento precisava conquistar um espaço na sociedade, era fundamental ganhar os ouvidos leigos para a compreensão da existência do inconsciente, da sexualidade infantil. Digamos que isso funcionou bem, a Psicanálise encontrou uma ampla difusão. Creio que hoje estamos em uma posição distinta, trata-se de manter-se vivos como uma disciplina que tem algo a dizer.

A consolidação das nossas ideias e do ofício, que hoje de fato tem assento simbólico na cultura ocidental, deixa-nos frente aos riscos da modorra, do empobrecimento burocrático das ideias. Tendemos – e esse perigo se avizinha desde que superamos a fase pioneira da Reuniões das Quartas-feiras – a uma leitura religiosa, talmúdica, dos clássicos. Até os lacanianos, que foram incendiários ao questionar a formação, as instituições, e ao propor uma leitura refrescante do texto freudiano, sucumbiram ao adormecimento das citações que parecem bíblicas. A inquietude tendeu a ser engolida por uma arenga que nos nina.

A defesa desse frescor é um desejo que nos move. Por isso, no último livro, à guisa de provocação, optamos por não incluir citações, mencionamos o que entendemos e de quem aprendemos, mas na melhor tradição do ensaio, só entra no texto aquilo que formos capazes de explicar com nossas palavras. Uma lista de obras de referência ao final convida o leitor a fazer seus originais percursos sobre o tema.

Hoje estamos em uma posição defensiva frente a correntes biologicistas da Psiquiatria, às psicologias comportamentais adaptativas. Atuamos para que não se percam nossas noções centrais de levar em conta o sujeito, o



Entrevista

inconsciente e o desejo. Mas isso não deve nos encastelar e impedir de ser curiosos, de aprender mais sobre neuroplasticidade, sobre a cultura do nosso tempo, sobre a menor rigidez com que se está compreendendo a genética, a epigenética, de ser sensíveis às questões, ou melhor, aos questionamentos de gênero. Neste último campo, a Psicanálise precisa revisar severamente suas ideias tradicionais. Por outro lado, também nas novas compreensões que derrubam o binarismo sexual, é interessante poder colocar o tempero dos questionamentos psicanalíticos. Temos tentado permanecer nessa balsa.

É engraçado, vivemos em um tempo em que a questão sexual ganha um peso absurdo pelo lado do que ela teria de traumático, como se estivéssemos ainda remoendo as teorias pré-edipianas da Psicanálise. Basta ver qualquer filme policial para esbarrar no vilão do trauma sexual.

Nos referimos a todas questões quase epidêmicas de denúncias sobre abusos contra mulheres e crianças, que aliás nos parecem incontornáveis e bem-vindas. É um caminho novo de cuidados e defesa que ainda está em busca de lugar e medida. É muito bom que os mais vulneráveis hoje tenham condições de denunciar.

Ao mesmo tempo, isso tende a uma abordagem moralista: as pessoas parecem não se dar conta do quão central é a sexualidade na formação do sujeito. Foi a Psicanálise que abriu essa porta, ao mostrar a obviedade da sexualidade infantil e o papel dela nas neuroses. Não seria de esperar que um tempo que vive isso com tal intensidade construísse ciências que apontassem para o papel central da sexualidade? Ao invés disso, fora os psicanalistas, o resto parece olhar para o lado, cheio de expectativas e pânico relativos ao exercício e à expressão da sexualidade. Não é à toa que na cultura ocidental os estereótipos empobrecidos da pornografia tenham tomado de assalto as fantasias individuais e coletivas,

varrendo a expressão artística do erotismo para baixo do tapete.

Se nós estamos certos na nossa teoria do recalque, de que não queremos saber de muitas de nossas coisas, a luta da Psicanálise é perpétua. Nunca haverá uma época de estabilidade em que sejamos transparentes para nós mesmos, isso é uma utopia. Deveríamos saber que o namoro que o *establishment* teve conosco era passageiro. A questão é ir recriando a Psicanálise com as novas descobertas. O que nos parece mais incrível são certos lacanianos que não entendem qual foi o cerne de Lacan. Ele dialogava com a ciência do seu tempo. Nos seus escritos, encontramos referências à Etologia, à Antropologia, à Matemática da época. Hoje ele estaria querendo saber como a neurociência poderia nos ajudar, o que a genética tem a nos dizer, ao invés disso, a maior parte deles está com o nariz enterrado nos seus seminários fazendo uma leitura de zumbis. Como se todo o saber estivesse lá. Como se a tarefa analítica estivesse pronta.

Para nós, estar na mídia faz parte dessa tarefa incessante de manter o campo social de transferência que a Psicanálise necessita. Se não houver uma crença social de que temos algo a dizer, que realizamos curas, que atuamos socialmente, vamos deixar de ser procurados. Psicanalistas que atuam na mídia fazem um trabalho para todos, até para os que torcem o nariz para isso.



Artigos

Identidade, identificações e diferenças na contemporaneidade Eu quero, mas não pode

Gilda Sobral Pinto^{1*}

¹ Membro efetivo na Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro - SPCRJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Resumo: Neste texto, falarei primeiro de algumas conquistas proporcionadas pelas novas tecnologias que se apresentam como facilitadoras no nosso cotidiano, permitindo um encurtamento da distância entre o querer e o poder. Falarei, depois, de alguns prejuízos já constatados pelo uso excessivo destas novas tecnologias. Em seguida, proporei uma discussão sobre as causas e as consequências disto que está sendo chamado de quarta Revolução Industrial, comparando-a com outras revoluções acontecidas no decorrer da História do Mundo e como nós, psicanalistas, podemos entender este fenômeno.

Palavras-chave: Novas tecnologias; Adolescente; Psicanálise; Revoluções industriais.

Identity, identifications and differences in contemporaneity *I want to, but it's not allowed*

Abstract: In this text I will first address some of the conquests achieved by new technologies that have become facilitators of our everyday lives, allowing us to shorten the distance between wanting and being able to do something. Next I will address some of the downsides of the excessive use of these new technologies that have been observed in recent studies. I will then propose a discussion on the causes and consequences of what is being called the Fourth Industrial Revolution, comparing it to other revolutions in the History of the world, and talk about how we, psychoanalysts, can understand this phenomenon.

Keywords: New technologies; Adolescent; Psychoanalysis; Industrial revolutions.

Introdução

Para expor meu pensamento, escolhi *Diferenças na Contemporaneidade*. Falarei sobre os efeitos positivos e negativos da transformação de nossas vidas após a criação da Internet em toda sua complexidade, acompanhada pelos celulares, computadores, *smartphones*, *iPads* e outros.

Meu foco estará voltado para os jovens do século XXI, tentando responder a algumas perguntas:

1 – Esses jovens são diferentes dos jovens de séculos anteriores? Como, por que e em quê?

2 – Como lidar com os efeitos negativos observados nas crianças, adolescentes e alguns adultos, advindos do uso excessivo das novas tecnologias?

3 – Que contribuições nós, psicanalistas, podemos dar a estas questões?

Minhas reflexões partem de dois postulados: *querer e poder* quando entram em rota de colisão: *eu quero, mas não pode*. Vamos

* E-mail: gildasobralpinto@uol.com.br

considerar as diferenças entre *não pode, não posso, é impossível*.

Não pode: o impedimento vem de fora, vem do mundo externo.

Não posso: fala de uma incapacidade do sujeito, seja ela física ou psíquica, temporária ou permanente.

É impossível: fala de algo fora da realidade: *este ano vou passar o verão em Marte*.

Seja de onde venha o *não*, tudo o que nós humanos desejamos, ao longo de nossas vidas, é transformar o *querer em poder*, acreditando estar na satisfação plena das nossas necessidades o segredo da felicidade.

É no crédito que damos a essa máxima que se encontra a fonte de todas as invenções, de tudo aquilo que convenciamos chamar de *progresso*. A inquietação, a revolta, chegando às raias do desespero, acionam o poder criativo do Homem que corre atrás de soluções para tudo o que se mostra insolúvel.

Um olhar atento para a História do Homem no Planeta Terra revela a veracidade destas palavras.

A relação das grandes invenções que mudaram e mudam a história do Homem supera em muito o espaço reservado para esta comunicação. Quero chamar a atenção para um fato importante e sempre presente no que costumamos chamar de progresso: a aquisição do novo acarreta perdas significativas em relação ao antigo, e todas as invenções, até as mais fantásticas e de valor indiscutível, apresentam efeitos positivos e negativos, facilidades e riscos.

Não poderia ser diferente com a criação da Internet e seus desdobramentos que compõem, em seu conjunto, o que hoje chamamos de *Era Virtual/Era Digital*. E é aos efeitos positivos e negativos da *Era Virtual/Digital* que pretendo dedicar este texto.

Falarei primeiro de algumas conquistas proporcionadas pelas novas tecnologias que se apresentam como facilitadoras no nosso cotidiano, permitindo um encurtamento da distância entre o *querer e o poder*. Falarei depois de alguns prejuízos já constatados pelo uso excessivo dessas novas tecnologias. Em seguida, proporei uma discussão sobre as causas e as

consequências disto que está sendo chamado de quarta Revolução Industrial, comparando-a com outras revoluções acontecidas no decorrer da História do Mundo e como nós, psicanalistas, podemos entender este fenômeno.

Vantagens

As vantagens da *Era Virtual e Digital* são inúmeras. A comunicação, em todo tipo de relação, assim como a informação, tornaram-se imediatas e de um alcance jamais experimentado. Pesquisar, escrever, acessar fontes de informação, comunicar e trocar passaram a acontecer em ritmo vertiginoso no *aqui e agora*. Comprar produtos, pagar contas, chamar um táxi com simples toques no teclado de um celular ou de um computador, tudo se resolve em minutos. Nesse frenesi temporal, vivemos uma contradição. A corrida contra o tempo estimula a capacidade de criar pela torrente incessante de estímulos, mas diminui o tempo para pensar e usufruir das conquistas que se tornam rapidamente obsoletas pela invasão permanente do novo.

Nossas pernas e braços se alongaram, nossa audição ganhou maior alcance, nossas vozes atravessam longas distâncias em segundos, nossos olhos enxergam o que não está visível e o resultado de tudo isto nos transporta, fantasiosamente, para o *Olimpo do Poder*. Nada mais atraente e fascinante do que transformar o *querer em poder*.

Plantados na fantasia onipotente do *eu tudo posso*, parece que estamos construindo um mundo sem limites, pautado pela ausência de hierarquia e de autoridade, do eu impositivo e arrogante. Verdade ou mentira? Um pouco de verdade e um pouco de mentira. Verdade quando constatamos as consequências da sensação de onipotência provocadora de atitudes extremas, marcadas pela violência e dominação ousada. Inverdade quando, ameaçados pelo novo, pelo desconhecido, partimos para o ataque fugindo de uma realidade que se mostra incompatível com nossas *certezas* sobre o bem e o mal, o adequado e o inadequado.

Questão atual que merece muita reflexão. Ainda é cedo para falarmos com pertinência

sobre esse assunto e sobre um futuro que, para alguns, se mostra ameaçador. Seremos, em breve, dominados pelas máquinas? Um olhar curioso, humilde, analítico para o passado pode trazer alguma luz sobre este presente, simultaneamente inquietante e fascinante.

Vemos, então, que qualquer invenção de grande porte invade o mundo de todos nós, transforma-se em necessidade e, a partir de algum momento, torna-se imprescindível e não podemos dispensá-la. Tentar andar na contramão das invenções é suicídio sem glória. *A criatura se apodera de seu criador*. Efeitos colaterais são inevitáveis – alguns positivos, outros negativos – e, em sua maioria, são irreversíveis e só percebidos *a posteriori*. O que se torna sempre algo assustador.

As novas tecnologias estão presentes em quase todas as atividades do mundo atual. Todas visam à aproximação da perfeição, constituindo-se em sistemas extremamente sofisticados que reduzem o tempo de agir em direção à obtenção do produto, com um mínimo de esforço físico e mental.

Querendo ou não, estamos inseridos nesta quarta revolução industrial e, conseqüentemente, gozando os ganhos e sofrendo as agruras.

Sendo a vida na Terra pautada por constantes revoluções em todos os sentidos, seguindo uma dinâmica marcada por rodeios e retornos, geradora de modificações substanciais no *modus vivendi* dos povos de uma época para outra, por que estamos tão assustados com o que está acontecendo no momento?

Todo processo revolucionário tem um *antes*, um *durante* e um *depois*. O *antes* e o *depois* têm um caráter estático, enquanto o *durante* é *dinâmico*.

Nesse ciclo vital, o período mais complexo é o da *transição*, o *durante*, quando há conscientização do processo mutativo provocador de reações profundamente contraditórias que vão do aplauso à condenação. Quem estava no pseudoparaíso do *antes* entra em um estado nostálgico de perda e parte para o ataque ao novo. Quem nasce no *depois* incorpora o novo sem questionamento. A realidade que a ele se apresenta tem um caráter

absoluto de verdade, por ser um presente sem passado.

O grande sofredor é o que vive o momento de transição. É aquele que tem de abrir mão de valores, de hábitos e costumes familiares, e abraçar algo que se mostra atrativo e estranho ao mesmo tempo. Estamos em um momento de transição, o que explica, em parte, a angústia generalizada que paira no ar nos dias atuais. Com a vocação que nós humanos temos para a vitimização, não percebemos o quanto somos não só participantes, mas coautores de todas as novidades que surgem durante o nosso percurso existencial.

Tudo o que é criado pelo Homem responde a um desejo de alcançar patamares que a Natureza, por si, não nos dá. Usando recursos naturais, *inventamos* instrumentos poderosos que nos permitem ir muito além de nossas possibilidades inatas. Voar, enxergar no escuro, atravessar os mares, percorrer longas distâncias são aspirações que respondem pela invenção do avião, da luz elétrica, das embarcações, da roda. Como essas, infinitas necessidades são acompanhadas das mais diferentes e sofisticadas invenções.

Todo inventor é *sempre* o expoente máximo de um pensamento que circula à sua volta e representa o *querer* coletivo. Daí a expressão *uma andorinha sozinha não faz verão*. A força do *querer* finca seus alicerces no desejo de sempre inovar. Vivemos a angústia da falta que nos empurra para a busca do infinito, seu lado positivo, e nos atira no desespero da frustração do não encontro, seu lado negativo. E para dar conta do *eu quero, mas não pode*, criamos o pacto do confronto, onde um grupo representa o *eu quero* e outro grupo representa o *não pode*. E vamos todos para a guerra.

Ilustrando minhas reflexões filosóficas, apresento um pouco do que vivi ao compor esta fala. Além de alguns livros da minha biblioteca que fazem parte da minha paixão pela História, passei com desenvoltura por esta fantástica ferramenta da Internet que todos conhecemos: o Google, onde temos acesso a todo e qualquer tipo de informação. É uma ferramenta que, se bem usada, permite o mapeamento de todos os setores do conhecimento presente e passado. É uma apresentação horizontal do saber, que

facilita a verticalização de qualquer assunto que se queira aprofundar.

Ao simples ato de escrever uma palavra, uma frase, formular uma pergunta, abre-se diante dos nossos olhos uma infinidade de informações, de títulos, de curiosidades para serem usadas a nosso bel-prazer. Ao escrever *efeitos positivos e negativos no uso das novas tecnologias*, inúmeras referências, textos de mestrado e de doutorado, títulos e capítulos de livros, enfim, tudo ou quase tudo que tem sido escrito, fotografado ou filmado sobre este tema se apresentou a mim, disponível para que eu fizesse o uso que me interessasse. Fascinante! Sem a Internet, sem o Google, seria impossível em curto espaço de tempo, sem sair de casa, sem ir a uma biblioteca, eu ter acesso a toda esta variedade de material importante para a minha pesquisa. Confesso que, a partir de determinado momento, dei preferência ao material encontrado no Google, deixando os livros consultados empilhados ao meu lado. Verdade também que, vez por outra, conferia uma informação da Internet com o conteúdo de algum dos meus queridos livros. Isso foi acontecendo por uma razão muito simples: cada *link* aberto me remetia a outro que apontava outros tantos, numa sequência infinita, ampliando, em muito, as possibilidades de consulta.

Brincando com as palavras, um título me chamou a atenção no site *Aventuras na História: por que a tecnologia estagnou por tanto tempo?* E, logo em seguida, o assunto que tudo tinha a ver com a minha curiosidade do momento: “Entre o ano 1 e o ano 1000, o nível tecnológico era basicamente o mesmo e quase nada se inventou”. Por quê? E diz o autor haver uma razão para isso, fazendo referência ao papel desempenhado pelo sistema econômico. “É fato que a sociedade antiga, romana e grega era baseada no trabalho escravo, e isso era um impedimento para o avanço tecnológico”, afirma Pedro Paulo Funari (Professor da Universidade de Campinas).

À época dos Impérios Romano e Bizantino predominava o trabalho escravo sob o domínio dos escravocratas que os exploravam ao máximo. O trabalho escravo era visto pelo cristianismo como um ato misericordioso, pois

quando homens eram feitos prisioneiros de guerra, a opção era a escravidão ou a execução. Sem escravos, o massacre seria visto como única opção.

O Capitalismo e seus herdeiros, a Revolução Industrial e a Revolução Científica só podem existir com mão de obra livre. E diz o autor: “Trabalhadores livres são uma despesa. Quanto menos, melhor para o industrial. Máquinas que diminuem o número deles são extremamente desejáveis”.

Sabe-se que máquinas na Antiguidade já existiam. Eram lindas e sofisticadas, mas não eram pensadas para substituir o trabalho do homem. Eram usadas para outros fins como, por exemplo, o mecanismo da Anticítera (uma calculadora astronômica construída há mais de 2.100 anos), que servia para a astrologia, ou os autômatos (seres artificiais precursores dos robots e andróides), usados em templos para impressionar o público.

A leitura dessa matéria aguçou minha curiosidade. A ligação entre a escravidão e o impedimento da liberdade criativa, o peso do fator econômico no nosso cotidiano, no sentido de estarmos sempre procurando maior produção, e lucro com o mínimo de investimento me remeteram à afirmação de que *é preciso ser livre para criar*, colocando a busca da liberdade criativa como uma questão de honra das grandes invenções.

Percebi que, para tecer considerações sobre o momento atual, seria necessário um mergulho nas diversas composições das relações sociais ao longo dos tempos. Novamente obstaculizada pelo espaço, consegui fazer um pequeno resumo de minhas leituras sobre o assunto, apresentando os modelos societários no decorrer da História da Humanidade usando como referência o texto de Oliveira (1985, parte 2, cap. 1).

Do escravismo para o feudalismo:

Na sociedade escravista, as relações eram de domínio e de sujeição. Os meios de produção, tal como os homens, eram propriedade do senhor. O escravo era considerado um instrumento. As revoltas internas e os ataques vindos de tribos estrangeiras [que os romanos chamavam de "bárbaros"] acabaram por destruir o escravismo e criar uma nova

sociedade, a sociedade feudal. As relações de produção na sociedade feudal baseavam-se na propriedade do senhor sobre a terra e num grande poder sobre o servo. O senhor não podia matar o servo [na época do escravismo, o senhor podia matar o escravo], mas podia vendê-lo com a terra. O servo trabalhava uma parte do tempo para ele mesmo e outra para o senhor. A população urbana lutou pela sua liberdade e, em muitos casos, conseguiu a autonomia das cidades em relação aos senhores feudais.

Do feudalismo para o capitalismo:

A gênese do capitalismo deve ser buscada na decomposição do feudalismo e no desenvolvimento de novas formas de organização econômica e social. A sociedade feudal era eminentemente hierárquica e estamentária, e prevalecia a afirmação explícita da desigualdade entre os homens, o que contribuía para reproduzir uma estrutura social relativamente estável. A sociedade capitalista, ao contrário, prima pela defesa do direito à igualdade e à liberdade (mesmo que formais). A reprodução da vida material se assenta numa nova ética, a do trabalho livre e do progresso material. Predomina uma nova ideologia, a da livre concorrência, princípio inspirador dos mercados capitalistas. O capitalismo só emerge como um sistema econômico plenamente constituído e como um sistema social no qual estão presentes uma burguesia industrial e um proletariado urbano, ao final do século XVIII na Inglaterra, e foi chamado de Revolução Industrial.

Fixei meu olhar sobre os grandes avanços tecnológicos no decorrer da História e constatee que estes se darão somente na metade final do segundo para o terceiro milênio e que estão divididos em quatro revoluções industriais:

A primeira ocorreu com os inventos da máquina a vapor, entre 1760 e 1860.

A segunda com o advento da eletricidade e do petróleo, a partir de 1870.

A terceira com a mecanização das fábricas, a partir de 1950.

A quarta acabou de começar e envolve uma transformação radical nos métodos de produção e tem sido chamada de indústria 4.0 ou manufatura avançada. Consiste na integração de várias tecnologias que já existem formando linhas de montagem

inteligentes e automatizadas que são controladas por robôs. São máquinas que terão sensores e que vão se comunicar entre si, tornando o processo produtivo cada vez mais eficiente. Para atingirem este fim, precisam de uma infraestrutura tecnológica formada por sistemas físicos e virtuais [...] como a Internet das coisas, a robótica, a análise de Big Data, a computação em nuvem, a Inteligência Artificial e a Realidade Aumentada, entre outros (GUIA DO ESTUDANTE, 2018).

Nomenclaturas estranhas para os não iniciados e cuja explicação ultrapassa meu objetivo do momento. Essa rápida exposição das principais Revoluções na História da Humanidade confirma o que apresentei sobre a relação entre o *querer e o poder*. A evolução do sistema escravocrata para o feudal e deste para o capitalismo fala do exercício do poder dos mais fortes sobre os mais fracos, fala da busca de melhorias em todas as esferas, fala do fator econômico cuidando da máxima produção com o mínimo de esforço, fala dos abusos e prejuízos individuais e coletivos, fala de perdas e ganhos, enfim, mostra que o que está sendo vivido no momento atual como inovação, como movimento, em nada difere do que se apresenta como uma característica da ação do Homem em seu processo evolutivo.

Constatamos que todas as conquistas se apresentam, primeiramente, como benéficas e positivas, criando um período de estabilidade, até o momento da conscientização dos prejuízos geradora da revolta dos que se sentem prejudicados. Uma revolta que não segue a direção do retorno ao que foi perdido, mas que desperta o poder criativo da inteligência humana, e mais um processo revolucionário se inicia. A Internet faz parte do processo revolucionário da segunda metade do século XX, entrando com toda a sua força no século XXI.

Nas palavras de **Paula Bellizia**, presidente da Microsoft Brasil:

Estamos na quarta revolução industrial, não na primeira. Essa transformação do trabalho vem acontecendo desde a primeira. O que acontece agora é que a velocidade e a ruptura são maiores. Portanto, quando falamos do treinamento de técnicos, mudança cultural, de adaptar essas pessoas a lidar com toda essa tecnologia e melhorar

o seu trabalho a partir dela, é muito importante. Vai depender de nós, empresas, governos, academia, preparar o ser humano para o que vem pela frente. Parar eu acho que a gente não vai conseguir.

Apoiada nas palavras de Paula Bellizia que resumem meu pensamento sobre as novas tecnologias e suas consequências, apresento as principais críticas negativas sobre seu uso indevido como ingrediente para uma troca de ideias sobre o assunto.

Escolhi, para falar sobre os efeitos positivos e negativos das novas tecnologias, um objeto que se tornou o mais querido e indispensável em quase cem por cento das pessoas nos grandes centros. Falo da *criatura CELULAR* que, desde sua criação, tomou conta do seu *criador*, levando-o a um processo de invenção ilimitada. Nunca tivemos ao nosso alcance um objeto tão pequeno, de fácil manuseio, capaz de, num passe de mágica, quase igualar *querer e poder*, transformando perigosamente o *eu quero, mas não pode* em *eu quero, eu posso*, alimentando, assim, a fantasia onipotente de independência em relação ao outro. Para o adolescente, o comando está, literalmente, nas suas mãos. Seja entre adultos ou entre adolescentes, a realidade mostra que a dependência, embora não assumida, apenas mudou de endereço.

O celular (o primeiro aparelho surgiu em abril de 1973), em seus primeiros momentos, era apenas um telefone, um aparelho de comunicação por ondas eletromagnéticas. Hoje, pode ser um minicomputador portátil, os *smartphones* com Internet wi-fi e vários aplicativos ou App, como também são chamados, ferramentas que, com um único toque nos conectam com um universo inteiro de possibilidades. Vale aqui colocar uma frase de Steve Jobs que revolucionou o telefone, ao lançar o *i-Phone* – o *smartphone* da Apple (janeiro de 2007): “num mesmo dispositivo seria possível ouvir músicas, usar a Internet e ‘até’ fazer uma ligação” (Revista VEJA, 2018).

A história da Internet e do celular é superinteressante. Vale a pena conferir. No momento meu propósito é outro. Tentar entender um pouco sobre o *conforto e o desconforto do modus vivendi* na atualidade, sob a batuta dessas novas tecnologias.

Apresento aqui o resultado da última pesquisa sobre o uso da Internet no Brasil pelas crianças:

Crianças entre 6 e 9 anos:

62% participam do mundo digital (Ex: Club Penguin, Webkinz etc).

54% estão no Facebook, mesmo que a idade mínima seja de 13 anos.

15% se comunicam por meio de mensagens instantâneas.

21% usam e-mail.

Crianças entre 3 e 5 anos:

76% sabem ligar um computador ou tablet.

73% jogam on-line.

42% sabem abrir um navegador.

42% sabem usar um smartphone.

43% conseguem escrever o próprio nome.

31% sabem o endereço de casa.

15% sabem nadar.

Fonte: Digital Diaries – AVG Technologies

Esta pesquisa evidencia a diferença marcante entre as crianças que viveram sua infância há cinquenta anos e as que nasceram nos últimos vinte anos: 76% sabem ligar um computador ou *tablet*, enquanto apenas 15% sabem nadar. Esta afirmação responde, em parte, à primeira pergunta feita no início deste artigo. Crianças e jovens da geração século XXI rezam por uma cartilha bastante diferente da população jovem dos anos 70 e 80 do século XX. As atividades físicas, que colocam o indivíduo em relação direta com a natureza e com outros seres vivos, práticas comuns às crianças do século XX, estão sendo substituídas por atividades cerebrais por meio de máquinas que colocam o indivíduo em um mundo virtual atraente e apaixonante em detrimento do presencial. Uma diferença? Sim, sem dúvida. Mas essa diferença pode ser considerada um ponto negativo? Questão que convida à reflexão. Pergunto: quem introduz a criança no mundo digital? Sozinhas, essas crianças não teriam acesso a um aparelho celular ou a um *tablet*. São recursos usados pelos adultos para distrair as crianças enquanto estão ocupados com outros afazeres, impedidos de atender às demandas infantis. E as consequências? Voltarei ao assunto adiante.

Até agora falei de algumas vantagens inegáveis trazidas pela modernidade tecnológica. Prometi falar de alguns aspectos negativos decorrentes, de um lado, do uso excessivo dos computadores, *tablets* e *smartphones*, provocando efeitos prejudiciais ao usuário e, de outro, do uso intencional “criminoso” com fins de trazer prejuízos graves a pessoas pelos mais variados motivos. Refiro-me às *fakenews* e às *deepnews*.

Desvantagens

Muitos estudos têm sido feitos sobre os possíveis prejuízos neurológicos e comportamentais advindos do mau uso dessas tecnologias. Mas a maioria ainda patina no terreno das hipóteses. De qualquer forma, há uma convergência de opiniões sobre alguns males constatados. Alguns pertencem ao campo da neurologia, outros ocorrem ao plano psicológico, outros à esfera policial e, em geral, todos apresentam manifestações comportamentais, o que, talvez, seja o mais inquietante.

Sobre as consequências adversas no campo da neurologia, os efeitos provocados no cérebro pela *blue light*, a luz azul emitida pelas telas dos *smartphones*, computadores e aparelhos de TV lideram a lista negativa.

Os estudos mostram que a exposição prolongada a essa luz suprime a produção de melatonina, o hormônio responsável pelo sono, e estimula a produção de dopamina, o hormônio responsável pelo prazer. Pergunto: não pode estar aí a explicação para as noites em claro de grande parte dos adolescentes atualmente, geradora de desespero para os respectivos pais?

A adolescência, no processo de desenvolvimento humano, é uma fase de transição da infância para a idade adulta e, como tal, um período caótico, instável, sofrido. Tudo o que falei acima sobre a transição nos períodos revolucionários se aplica a este momento na história das nossas vidas. Este caos ocorre nos planos psicológico e neurológico.

Abro aqui pequeno espaço para falar sobre

os neurônios na adolescência, uma vez que um dos objetivos deste artigo é estabelecer uma conversa com os adultos que estão às voltas com os problemas desencadeados nos jovens pelo excesso de uso dos celulares e *videogames*:

Os neurônios são "pequenas células cinzentas" associadas ao pensamento, ao planejamento e ao comportamento complexo -- todas consideradas características da inteligência. Na adolescência, os neurônios relacionados às reações emocionais, ao comportamento impulsivo e ao prazer são mais ativos do que na fase adulta, o que faz com que os jovens sintam as emoções de forma mais intensa e se tornem mais facilmente irritados ou ansiosos. O córtex pré-frontal, área que regula o humor, o julgamento e o controle dos impulsos ainda não está totalmente formado na adolescência, só atingindo seu pleno desenvolvimento após os 25 anos o que explica a constante montanha russa de emoções nesta etapa do desenvolvimento. A forma como os neurônios se comunicam rege o funcionamento do cérebro como um todo. Na adolescência, esta comunicação é caótica: são criadas novas ligações e, simultaneamente, outras são eliminadas de forma explosiva, o que explica a instabilidade no enfrentamento dos desafios.²

De tudo que li sobre inúmeros estudos a esse respeito, minha conclusão é de que tanto celulares como *videogames* não podem ocupar o lugar de causa dos transtornos. Eles estão a serviço do perfil de quem os usa. A paixão por esse tipo de entretenimento, segundo as palavras do Dr. David Greenfield, fundador do Centro de Vício em Tecnologia da Internet, está ligada ao fato de que “[...] quando jogamos, nosso cérebro é bombardeado com uma onda de dopamina que faz com que o órgão produza menos neurotransmissores e “desligue” o córtex pré-frontal, área relacionada aos julgamentos, tomadas de decisões e autocontrole [...]”, o que explica as longas horas de permanência dos adolescentes jogando e ignorando tarefas como comer, dormir ou estudar. Tom Hummer, da Indiana University School, afirma que os games podem ter efeitos diferentes em cada pessoa. O

² Fontes: Estudo da Universidade Vanderbilt publicado na revista científica *Frontiers in Neuroanatomy* (UOL, 2018). Rodrigo Machado

Vieira – professor titular de psiquiatria da Universidade do Texas, EUA (Revista *VEJA*, 2018).

importante é prestar atenção no comportamento da criança.

Um novo estudo sugere que jovens que jogam *videogame* moderadamente são sociáveis. Pesquisa realizada pela Universidade de Oxford descobriu que os adolescentes que jogam por curto espaço de tempo são mais bem ajustados socialmente do que os que nunca jogam ou que o fazem excessivamente.

Paralelamente, a revista inglesa *Pediatrics* sugere que a influência dos *videogames* sobre as crianças, para o bem ou para o mal, é pouco significativa se comparada com outros fatores duradouros como a família, as relações escolares e condições financeiras.

Ainda dois pontos negativos fazem parte das preocupações atuais: um diz respeito à visão, e outro à memória. Tem sido registrada maior incidência de catarata e degeneração macular nesses usuários. Visão turva, secreção nos olhos, dor de cabeça são registrados por grande parte dos usuários expostos à *blue light*. Alguns oftalmologistas aconselham a interrupção do uso por alguns minutos, sempre que algum desses sintomas se fizer presente. A Apple e a Microsoft, preocupadas com o fato, estão investindo recursos em busca de soluções para o problema. E sobre a memória, Martin Rööslí, chefe da Unidade de Exposições Ambientais e Saúde do Instituto Suíço de Saúde Pública e Tropical, e Frank de Vocht, docente em Epidemiologia e Saúde Pública na Universidade de Bristol, descobriram que a função de memória do cérebro era mais vulnerável ao impacto negativo da radiação quando o telefone era mantido no lado direito da cabeça. É aí que estão situadas as áreas do cérebro relacionadas à memória.

O efeito da radiação "pode ser facilmente minimizado" quando se recebem chamadas mantendo o fone no lado esquerdo da cabeça, ou simplesmente utilizando os alto-falantes ou fones de ouvido. O que preocupa Rööslí e De Vocht, no entanto, não são os efeitos biológicos potenciais do uso de telefones celulares, mas as mudanças comportamentais vistas naqueles que usam tais tecnologias com muita frequência.

A falta de memória, alvo de tantas queixas atualmente, tem um pouco a ver com as novas

tecnologias. Não por uma ação direta sobre a química do cérebro, como mostram os autores citados, mas por provocar um efeito de acomodação e preguiça quanto a memorizar qualquer coisa. Para quê? Tudo está armazenado nas ferramentas da Internet, todas as informações disponíveis a simples toques em uma tela. Memória é uma função que precisa ser exercitada. Na primeira metade do século XX estudava-se tabuada, decoravam-se os nomes dos rios com todos os seus afluentes, os nomes dos estados, suas cidades principais, o que produziam, e assim por diante. Decoravam-se os números dos telefones de amigos, as datas de aniversário, faziam-se cálculos matemáticos "de cabeça". Ter boa memória era uma qualidade muito valorizada. Hoje, as máquinas fazem esse serviço para todos nós. E as escolas do século XXI abandonaram essa prática. Outro inimigo da memória habita a torrente de informações que nos invade através dos cinco sentidos, sem pedir licença, sem ser alvo de nossos interesses. Muitas falas, muitos discursos, muitos sons exageradamente altos, poluentes dos ambientes à nossa volta. Um cotidiano atordoante, emitindo estímulos em cascata – diga-se, nos grandes centros populacionais –, dificultando concentrar a atenção, refletir, memorizar.

Outra questão que hoje ocupa a primeira linha das queixas e lamentos diz respeito à forma de comunicação e relacionamento entre as pessoas. O presencial sendo substituído pelo virtual. Volto à segunda questão introdutória desta fala e pergunto: *quem nasceu primeiro, o ovo ou a galinha?* Trazendo para a realidade atual, *estamos escravizados às novas tecnologias ou as novas tecnologias estão a serviço do nosso querer?*

O que observo em mim e nas pessoas que me cercam é o fato de que, hoje, estamos preferindo as comunicações virtuais às presenciais. Nada nos impede de nos fazer presentes em reuniões, em visitas a amigos e familiares, de promover bate-papos ao vivo, de sair para ir ao cinema. Se não o fazemos é porque não queremos. Estamos acomodados à troca via mensagens, às postagens no Facebook e Instagram, a assistir a filmes pelo Netflix ou pelo Now e, recentemente, substituir a leitura

de um livro pelo *audiobook* – o texto na íntegra é falado por um intérprete profissional, permitindo “ouvir” o livro enquanto praticamos outras atividades como dirigir, fazer ginástica, arrumar a casa...

Quem usa com frequência o Facebook defende esta forma de se fazer presente no dia a dia dos “amigos” virtuais, dos amigos atuais e dos amigos de um passado que, se não fosse por este meio, jamais se encontrariam. É possível postar suas ideias, polemizar sobre diversos assuntos numa extensão inviável pelos meios de comunicação anteriores à era virtual. É possível “ver” o amigo, o familiar, os acontecimentos, do festivo ao trágico, em tempo real. Pergunto: não é isso a realização do sonho de todos nós? E talvez você pergunte: e o afeto? Como as pessoas estão se amando? Resposta rápida e imediata: as novas tecnologias estão a serviço do descompromisso nas relações. Acreditamos que somos mais livres quando pautamos nossas relações nos Whatsapps, nos Facebooks, nos Instagrams ou no Tinder, em lugar de nos comprometermos com hora, lugar, presença. Trata-se de uma escolha não assumida como tal.

No lado do uso criminoso das novas tecnologias estão as *fakenews* e as *deepfakenews*. São áudios e vídeos que trazem afirmações falsas com o intuito de prejudicar, de difamar alguém, de espalhar mentiras. Estamos caminhando para a era das *deep fake news*, quando será cada vez mais difícil separar a realidade da manipulação digital, tornando-se quase impossível definir a própria ideia de realidade.

Trocando ideias

Enfim, chego à última parte deste artigo e aqui pretendo lançar material para troca de ideias sobre o que estamos vivendo.

Como psicanalistas, precisamos estar permanentemente atualizados quanto a todas as novas invenções e, de forma neutra, saber separar o joio do trigo, evitando o caminho mais fácil das generalizações. Posso dizer, com toda a segurança, que o problema não está no que é inventado, e sim em como o usamos, que desvios introduzimos no seu emprego. Não

podemos fugir das mudanças por serem impositivas e sem autoria definida.

O momento atual é marcado pela construção das máquinas que vão tomando um lugar até então ocupado por pessoas. E quem as cria e produz? Nós, porque assim entendemos que, delegando tarefas às máquinas, poderemos usar nosso tempo para buscar mais e mais, na eterna ilusão de encontrar a perfeição. E aí entra um novo fantasma ameaçando a nossa paz – o vazio criado pela ausência de trabalho, pela ausência de compromisso, pela acomodação e ausência de responsabilidade. Sabemos quão importante é a ocupação do nosso tempo com tarefas criativas e produtivas.

Dentre as múltiplas questões disponíveis para discussão, acredito ser de grande utilidade falar sobre a *liberdade de ser e de criar* e pensar um pouco mais sobre o medo da invasão das máquinas em um futuro próximo, medo este gerador de muita ansiedade social, podendo chegar às raias da angústia. Todas as Revoluções no decorrer da História da Humanidade, incluindo esta que está sendo chamada de quarta Revolução Industrial, a indústria 4.0, transitam no patamar do *querer e poder*. A meta é sempre a mesma – ser livre para criar –, mas os caminhos para lá chegar são diferentes. Pensando nos jovens que vivem no presente o fascínio das novas tecnologias e representam o futuro para o qual devem se preparar, vale lembrar o pensamento de Norbert Elias, sociólogo alemão, em seu livro *O Processo Civilizador*. Diz o autor que, no plano individual, vivemos o mesmo processo revolucionário observado na história dos povos em todos os tempos. Como filhos, recebemos, como verdade absoluta, o legado dos nossos pais. Em nosso processo evolutivo, sem percebermos, vamos nos diferenciando dos nossos educadores, dando novas formas ao que nos foi transmitido, criando, assim, nossa própria identidade. E é nesta construção da própria identidade que podemos encontrar o embrião dos nossos conflitos internos e externos, advindos do litígio entre forças contrárias, *querer x poder*, nas mais diferentes formas de manifestação. No afã de educar, muitas vezes o adulto, no trato com a criança e o adolescente, substitui a observação e a informação pela dominação, acreditando

que é na obediência, como ato, que o caráter do jovem será formado. Essas pessoas, em geral, empregam como recursos de contenção ao uso viciante das novas tecnologias, proibições categóricas, ameaças e castigos. Um procedimento que em nada contribui para a compreensão do real perigo presente em tal prática, quando abusiva, assim como deixa de contribuir para a construção da liberdade criativa, tão necessária ao jovem para o seu desenvolvimento e sua realização pessoal e social.

Não podemos tentar impedir os jovens de entrarem nesse mundo mágico. Várias aptidões entram em ação e crescem ao operar um *smartphone* ou um *tablet*, sem falar nos *videogames*. Paralelamente, outras perderão sua eficácia por falta de uso. Pergunto: não foi sempre assim na história do desenvolvimento humano? Quantas coisas nossos ancestrais faziam, e hoje somos incapazes de imitá-los? É pura ilusão acreditar ser possível evitar o uso inadequado das novas tecnologias. Vamos patinar nos erros e acertos buscando, para alívio das nossas consciências, a palavra de ordem que se transformou em lugar comum no mundo da propaganda: *moderação*, fugindo da nostalgia contida na expressão: *no meu tempo...* Como já dizia Cazusa, *o tempo não para*.

Valores pessoais ditados pelos padrões morais, conceito de certo e errado, pressões externas e econômicas, objetivos, conceito de liberdade, variam de uma época para outra, submetidos às diferentes culturas e, dentro de cada cultura, aos padrões individuais. É muita pretensão universalizar o que foi bom ou ruim para uma geração. A tendência é tentar repetir com nossos jovens os padrões da nossa juventude. Sem a vivência do novo, torna-se muito difícil aprender com a experiência do jovem.

É nossa tarefa, na qualidade de psicanalistas, ajudar o outro a entrar em contato com sua realidade interna, seja adulto ou adolescente, identificando onde está o *eu quero* em litígio com o *não posso, não pode, é impossível*. É um processo que, bem vivido, abre caminho para a diferenciação do *eu* em relação ao *outro*, constituindo-se na *liberdade de ser*. E é a partir

desse processo que as portas da *criação* se abrem para as inovações.

Por essa ótica, as mudanças perdem seu ar fantasmático e ganham ares de desafio. O futuro catastrófico ameaçador torna-se um futuro promissor. Bem preparados, serão esses jovens que terão de descobrir como usar as máquinas como facilitadoras do dia a dia, impedindo que estas se transformem em figuras dominadoras tão bem representadas nos filmes de terror.

Está em nossas mãos, adultos do século XXI, viver em parceria com nossas crianças, nossos adolescentes e nossos adultos jovens. Sair do *cabo de guerra*, da medição de força substituindo o *autoritarismo* pela *autoridade*, dois conceitos bem diferentes. O primeiro, marcado pela dominação, pelo abuso da força e do poder. O segundo, marcado pelo respeito às diferenças e ao jogo do *querer* se perguntando: *eu posso?* E ao outro: *você pode?* E os dois juntos: *é impossível?*

Percorrendo a linha do tempo, do escravismo à indústria 4.0, entre ganhos e perdas, rodeios e retornos, tempos de guerra e tempos de paz, construções e destruições, o saldo na humanidade é positivo. Como grupo, vivemos a luta entre os que agregam e os que desagregam. A verdade é que, diferentemente de outras espécies, ainda não sofremos extinção.

Minha proposta é de que este texto seja um ponto de partida para reflexões e não um ponto de chegada a soluções.

Finalizando

Este artigo foi escrito em junho/julho de 2018. Temo que em outubro, quando será apresentado aos leitores, já esteja obsoleto. Pois, na velocidade do tempo da era virtual, não há futuro nem presente. Num piscar de olhos, o futuro passa correndo pelo presente e se transforma rapidamente em passado. **VAI SER BOM, NÃO FOI?**

Bibliografia de apoio

BAUMAN, Zygmunt. *Retrotopia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

BURNS, E McNall. *História da Civilização Ocidental*. São Paulo: Ed. Globo 1980. 2v.

ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990. 2v.

HARARI, Yuval Noah. *Sapiens: uma breve história da humanidade*. 29.ed. Porto Alegre: Editores L&PM, 2017.

_____. *Homo Deus: uma breve história do amanhã*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

_____. *21 Lições Para o Século 21*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

OLIVEIRA, C. A. B. de. O processo de industrialização: do capitalismo originário ao atrasado. 1985. Tese (Doutorado) – Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1985.

THOMSON, Oliver. *A Assustadora História da Maldade*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

WEINERSMITH, Kelly; Zach. *Logo, Logo: dez novas tecnologias que vão melhorar e/ou arruinar tudo*. Rio de Janeiro: Ed. Intrínseca, 2017.

Documentos eletrônicos

AH Aventuras na História. Disponível em: <<http://www.aventurasnahistoria.uol.com.br>>.

HISTÓRIA ONLINE. Disponível em: <<http://www.estudehistoria.xpg.com.br>>.

UOL – o melhor conteúdo. Disponível em: <<http://www.uol.com.br>>. Acesso em: 22 abr. 2018.

Revistas

GUIA DO ESTUDANTE – PROFISSÕES. São Paulo: Ed. Abril, 2018.

REVISTA VEJA. São Paulo: Ed. Abril, 25 abr. 2018.

Recebido em: setembro de 2018

Aceito em: novembro de 2018



Artigos

Os homens têm medo de quê?³

Hélène Godfroy¹ *

¹ Psicanalista, membro do “Espace analytique” e da “Fondation européenne pour la psychanalyse”, Paris, França

Resumo: O presente artigo descreve uma transformação significativa nas relações entre homens e mulheres, e sugere que isto se deva fundamentalmente a mudanças no modo como as mulheres têm acessado e vivido sua sexualidade. Estas transformações ligadas ao feminino, por sua vez, repercutem também na maneira como os homens se disponibilizam para os relacionamentos, o que, segundo a autora, está articulado ao horror despertado pela feminilidade, apontado já no texto freudiano.

Palavras-chave: Sexualidade; Feminilidade; Relacionamento; Feminilização.

What are men afraid of?

Abstract: This article describes a significant transformation in the relationships between men and women, and suggests that this is fundamentally due to changes in the way women have accessed and lived their sexuality. These transformations linked to the feminine also have repercussions on the way men become available for relationships, which, according to the author, is articulated to the horror awakened by femininity, already pointed out in the Freudian text.

Abstract: Sexuality; Femininity; Relationship; Feminization.

Hoje em dia, nesse nosso mundo contemporâneo, tenho observado que algo mudou muito na relação homem-mulher. E isso se acelerou ainda mais nesses últimos anos.

Alguma coisa do poder dos homens parece ter-lhes escapado. Em relação às mulheres, eles estão muito mais reservados. Elas parecem incomodá-los um pouco. Eles perderam a segurança de que dispunham, tendo menos domínio sobre sua companheira (domínio que vêm perdendo ao longo dos séculos). Cheguei mesmo a ouvir o marido de uma colega declarar que as mulheres de hoje em dia procuram dominar os homens, que alguma coisa se inverteu e que, para ele, isso era uma catástrofe, tão traumatizado se sentia ante tal ideia. Sua cólera era quase comovente!

Entretanto, ele não foi o único a dizer isso. Na França, há intelectuais de direita, como Éric Zemmour (2006), os chefes nas empresas, nos cargos políticos, os homens que foram surpreendidos pelo repentino crescimento brutal do movimento “Me too”, e todo um leque de pessoas do sexo masculino que tinham ficado fixadas em cima do modelo da geração precedente, que se distinguiu pelo patriarcado. Esses homens vacilam porque acham que sua virilidade está correndo perigo. Eles temem ficar despojados dela.

Pelo lado dos pacientes, observamos também esse mal-estar. Eles relatam que, quando passam por uma mulher que acham atraente, por pouco se sentiriam culpados por desejá-la. Cada vez mais há uma atitude crítica

³ Tradução: Pedro Henrique Bernardes Rondon (Abepps)

* E-mail: helene-godefroy@orange.fr

contra as mulheres, como causa de seu mal-estar.

É bem verdade que as mulheres mudaram em seus comportamentos. Deslocaram-se de seu lugar de objeto de satisfação para os homens. Tornaram-se sujeitos de seu próprio desejo, tal como os homens, vivendo livremente sua sexualidade, com cada vez menos culpa.

Esse “segundo sexo” que se coloca à altura do sexo “viril” inquieta a masculinidade. E a angústia. Confrontados a esse incremento do feminino que se emancipou, os homens não entendem mais nada. Por sua vez, eles têm o sentimento de que se tornaram o objeto delas.

A pergunta de Freud, que se amplia através de Lacan, “O que elas querem?” nunca esteve tão presente na cabeça dos homens quanto agora. O que elas estão querendo para virem avançando com tal intensidade, para tomar a palavra, para se exibirem sem reserva, para visarem as mesmas ambições que eles, e retardarem seu desejo de ter um filho?

E então, diante desse desejo feminino tornado visível e desavergonhado, eles se sentem ameaçados. Não conseguem mais bancar os machões. A supremacia deles sucumbiu. Às vezes, eles chegam a duvidar da heterossexualidade delas, e a se perguntar se enfim elas não seriam homossexuais (e se recusariam a admiti-lo para si mesmas). Em suma, eles vacilam, duvidam, se queixam muito mais do que o faziam anteriormente. Aliás, os homens frequentam os consultórios de “psis” muito mais do que outrora.

E, enfim, pelo lado das mulheres: apesar de uma sexualidade liberada, elas se veem confrontadas a uma inesperada atitude reticente da parte dos homens. Eles se tornaram tímidos, desprovidos de ousadia. Elas arranjam amantes, aceitam os encontros de uma noite. Quanto a eles, vão embora de madrugada, e chegam a mandar uma mensagem de texto para agradecer e dizer o quanto apreciaram o momento de gozo que tiveram graças a elas! Depois, nada mais, não existe dia seguinte...

Os homens, outrora muito sedutores, cheios de iniciativas, impõem às mulheres hoje em dia uma espécie de término irrevogável mais ou menos sistemático. A sexualidade se tornou fonte de angústia, e isso é enigmático para elas.

E então, pelo lado das mulheres, agora escutamos: “Mas o que é que eles querem?” E nisto fica subentendido: “por que eles não me desejam?” “O que há de errado em mim para que eles não queiram continuar?”.

“O que é que eles querem?”: essa pergunta hoje em dia vem se apresentar reciprocamente, a propósito dos homens. No fundo, o que essa pergunta revela é que o desejo dos homens não é diferente do das mulheres. Está situado bem no cerne da estrutura. Podemos, enfim, observar que algo foi superado. Durante séculos, o desejo das mulheres foi fortemente reprimido pela ideia de que o masculino era obrigatoriamente dominante, o que era puro preconceito. Hoje em dia, o desejo recuperou o pé de igualdade. Há paridade psíquica entre os dois sexos, que é originária e é própria da estrutura. Um exemplo disso está na questão da histeria que se refere igualmente às mulheres e aos homens.

De fato, o feminino desperta o ódio nos homens. O feminino perturba profundamente o masculino. E a revelação da igualdade do desejo entre as duas anatomias põe em risco o dispositivo androcêntrico. Se, no ocidente, isso faz evoluir o relacionamento homem-mulher (certamente com suas dificuldades, uma vez que a emergência do feminino põe em questão uma supervirilidade estabelecida), por outro lado, essa revelação acerca da equidade do desejo faz essa relação regredir. Isso chega a causar um *sintoma*, ao ponto de desencadear alguma violência.

A dominação masculina tende a se amplificar, por exemplo, em todos esses homens que se agarram de qualquer jeito aos princípios da supremacia masculina. Há, porém, aqueles que fazem parte das sociedades mais tradicionalistas, mais fundamentalistas, que permaneceram ancoradas no arcaísmo patriarcal.

Hoje em dia, observo um recrudescimento repentino do ódio. O feminino desperta o ódio. E isso significa que os homens o rejeitam. De fato, eles sempre rejeitaram o feminino do lado das mulheres, mas essa rejeição se tornou mais feroz. O nosso tempo evidencia isso: ante essa liberdade a qual o desejo feminino agora tem acesso, há uma onda repentina de violência que

contra-ataca de maneira proporcional. Portanto, algo se radicaliza.

Para demonstrar isso, vou ampliar o campo dessa angústia masculina no terreno da atualidade. O medo da *feminilização* pode ser observado diariamente no palco social. Já pode ser visto um retorno ao uso do véu que está sendo feito à força (na França, e em outros lugares na Europa, há 30 anos só raramente isso era visto). O “uso do véu muçulmano completo” (*hijab*) hoje em dia quase se tornou uma espécie de provocação. É de fato um pretexto para o retorno maciço da religiosidade. Dos textos sagrados têm sido feitas interpretações arbitrárias moralizantes que servem de desculpa para novamente tentar-se esmagar esse feminino, tornado altamente perturbador.

É bem visível que há também um crescimento do fundamentalismo político. Um fundamentalismo falocrático. Ante o temor de uma virilidade degradada, observa-se justamente um desdobramento “superviril”: curiosamente, o próprio ocidente também se põe em posição de antagonismo e se desvia rumo ao poder extremista. A democracia tende a se apagar; é o radicalismo, com suas exigências excessivas de extremistas de direita, que voltam a se apresentar no primeiro plano do palco (a Áustria, Erdogan na Turquia, temos Orban na Hungria, o Brexit, e também os Estados Unidos com Trump).

Mas no fundo, de que é que o ocidente tem medo? A desculpa atual é a de se opor contra a imigração. Psicanaliticamente, o exemplo da imigração mostra bem que o Outro, o estrangeiro, é o desconhecido. E como toda situação desconhecida, temos medo de não o dominar. E há o medo de que isso escape. O outro (o vizinho) imediatamente se torna perseguidor. É um *grande Outro*. Ele se torna *um grande Outro* porque desperta angústia, imaginando que ele vai nos submeter à sua autoridade.

Portanto, se o feminino dá a impressão de ser uma ameaça, é em relação a isso: é em relação a esse temor de que o Outro imponha sua Lei (FREUD, 1937). E por que razão digo que isso tem relação com o feminino? Porque o que é que faz o Outro (que impõe sua Lei)? Ele

feminiliza...! Há um terror da feminilização. Esse ímpeto do feminino, essas mulheres que desejam e se exprimem, isso vem em conexão direta com o Outro que ameaçaria impor sua lei.

O ódio da feminilização analisado pela psicanálise

O paradoxo é que o masculino-feminino compõe nossa bissexualidade psíquica (FREUD, 1905; 1923; 1924). E parece, enfim, que a bissexualidade psíquica está no cerne dessa desordem masculina. Ela perturba, abala as referências, inclusive as referências da identidade sexual. Em suma, ela angustia. Inquieta a norma – por mais controversa que seja a norma identitária heteronormativa em vigor ainda hoje.

Anteriormente a bissexualidade psíquica era reprimida, trancada, uma vez que o feminino só dizia respeito às mulheres. Hoje em dia, ela saiu de seu recalçamento, e exatamente graças às mulheres, porque, em sua reivindicação, confundindo o Pênis com o Falo, elas fizeram explodir a noção de gênero. E desde que foi reconhecida, desde que o feminino foi reconhecido ao lado do masculino, esse incremento do terrorista passou a intervir, em contraponto. Como uma necessidade sempre crescente de aterrorizar, de aterrorizar esse Outro, para ter a certeza de não perder o domínio.

A pulsão de domínio, de fato, está estreitamente articulada ao ideal Masculino. É um verdadeiro retorno literal a “Por que a guerra?” (FREUD, 1933). A pulsão de domínio é o que há de mais ativo, de mais tenso, é o que há de mais viril e, sobretudo, agressivo (como satisfação pulsional). Trata-se do domínio sobre o outro, com vontade de reduzi-lo ao estado de objeto. Isto é, ao estado de passividade, ao estado de submissão total. Trata-se da expressão da pulsão que chega mais perto dessa crença: acreditar “tê-lo” realmente. E, portanto, esse Outro (que perturba) – essa *feminilização* possível, evidenciada pela noção de bissexualidade psíquica – esse Outro ameaçaria inverter a curva pulsional, e por sua vez, impor sua Lei.

Mas de onde vem essa ideia, esse temor, de que um Outro poderia “impor sua Lei”? Isso vem simplesmente desse fantasma fundamental atribuído ao Pai. O pai do fantasma de “Bate-se numa criança” (FREUD, 1919) prescreve que é ele, o Pai, quem “feminiliza”. E isso é reencontrado no Pai da cena primária, no Pai que seduz e no Pai que castra. Cabe, então, ressaltar que o que ameaça não é o próprio Pai da família, mas a própria ideia do fantasma, de que ele feminiliza. No cerne de todos esses fenômenos sociais que observamos, portanto, a psicanálise tem algo a dizer: apontar que esse Pai que feminiliza é especialmente um ponto nodal, um fato estrutural que se impõe psiquicamente à criança (em ambos os sexos).

Trata-se, antes de qualquer coisa, de uma representação na qual o terceiro (o Outro, portanto), na condição de agente da triangulação edipiana, aparece como apoio. Essa representação psíquica pode ser “personificada” pelo pai, mas pode ser também pelo amante da Mãe, ou ainda sua parceira homossexual, o avô, o sogro etc. Seja como for, esse Outro (perturbador) é um ponto nodal que pode ser identificado pela criança, a começar pelo fato de ser visado pelo desejo de sua mãe. É ele quem feminiliza.

Mas é uma representação psíquica de um personagem mítico – o único que seria totalmente masculino. Portanto, uma representação estritamente imaginária, porém estruturalmente inevitável. Trata-se de uma montagem psíquica que, embora recusada pelos homens, não escapa a ninguém.

Inevitavelmente na amarração da estrutura, esse pai mítico impõe a todo mundo que trate de negociar uma renúncia à onipotência viril do domínio. Há necessidade de inverter parte de sua satisfação pulsional numa vertente passiva. E é isso que os homens não suportam.

Ainda que se refira à menina, essa passagem estrutural também diz respeito ao menino na mesma medida. E aí é difícil admitir que essa renúncia em si mesma é um ato de feminilização. É a própria castração – a do pai. A castração simbólica é um ato de feminilização. Um ato que leva o Édipo a se encerrar obrigatoriamente (para os dois sexos) numa distribuição das tendências bissexuais, entre

aquelas que permanecem masculinas e as outras atribuídas à feminilização. O despertar da noção de bissexualidade psíquica, portanto, põe isso em destaque: uma feminilização a qual os homens não podem escapar. É daí que provém esse distúrbio flagrante que se observa atualmente no relacionamento entre os sexos.

Então, considerando que se trata de uma questão estrutural, por que razão há essa perturbação na relação homem-mulher? É evidente que esse fato estrutural sempre existiu. Porém, até aqui a teoria patriarcal, que é um raciocínio estritamente masculino, tinha estabelecido uma lógica de pensamento, isto é, a crença numa hierarquia dos sexos. Contudo, esse raciocínio serviu especialmente como sistema defensivo: para obstruir essa feminilização psíquica que já estava aí desde sempre.

Essa lógica masculina (estabelecida unicamente em cima da ideia errônea de que eles o “tinham” e elas não) permitia aos homens ter justamente o domínio sobre sua mulher, congelar o desejo dela, reduzi-la ao estado de objeto e, portanto, poder dessa maneira escapar de qualquer vestígio de feminilização pelo Pai. Os homens, assim, se livravam de suas tendências femininas, jogando em cima das mulheres esse chamado “preconceito”. E elas efetivamente acreditam nesse preconceito reservado ao seu sexo. Imediatamente ficaram culpadas de serem mulheres.

Entretanto, em especial a partir dos movimentos feministas, a nova geração deslocou totalmente os limites. O *feminino* passou a se colocar lado a lado com o *masculino* na mesma medida. Desde que a bissexualidade ficou escancarada, o *feminino* se liberou igualmente nos homens. De fato, é a mesma pulsão que é experimentada ora na sua vertente *passiva*, ora na sua vertente *ativa*. Ora a pulsão acolhe o objeto, ora ela atua sobre ele. E, portanto, ora sua satisfação é experimentada de maneira *feminilizada*, ora ela é experimentada *masculinizada*. É toda uma negociação da pulsão que impele a pensar que é o próprio psiquismo que é bissexual nos dois sexos.

Portanto, o que aconteceu é que esse reconhecimento de um psíquico bissexual derrubou as defesas “fálico-patriarcais”. E com

elas caíram também seus preconceitos, a propósito da supremacia de um sexo sobre o outro. Foi nesse momento que reluziu a noção de gênero. A noção do caráter binário dos sexos foi desconstruída pela via do gênero psíquico. E, em contraponto à questão do sexo real fixo, multiplicou a identidade sexual numa infinidade de gêneros.

Atualmente, o feminino está infiltrado em toda parte, mesmo a partir dessa noção de identidade sexual. E isso angustia os homens, pois parece sugerir que sua virilidade não se garante mais.

É evidente que, com esse feminino que se infiltra em toda parte no território fálico, há alguma coisa nas mulheres que a partir daqui escapa aos homens, culminando na angústia. E o que escapa a eles é que esse reconhecimento de uma feminilização que, enfim, tem impacto sobre os dois sexos, fez desmoronar nas mulheres sua crença de que algo lhes faltava. Imediatamente, a culpabilidade delas acabou. E esse sentimento de *culpa* que desmoronou nas mulheres, sem dúvida, é o principal fator do desvio produzido nesse novo relacionamento entre os dois sexos.

Portanto, entre aquilo que hoje em dia escapa aos homens, há certamente o desejo delas, que retomou seus direitos. Mas há também essa recrudescência de feminilidade que as moças jovens exibem e que, hoje em dia, assumem. Porém, em especial, o que escapa aos homens é que as mulheres não mais percebem seu próprio sexo como uma “desvantagem”. O homem tinha o domínio sobre a mulher fazendo-a sentir-se culpada. Essa era a causa do desejo dele. Agora, porém, elas rejeitaram essa culpabilidade. Uma rejeição até mesmo violenta, que encontramos nesse movimento “*Me too*”, que recentemente lançou pelos ares a válvula de segurança desse sentimento de culpa ilegítimo do qual os homens abusaram durante muito tempo, graças às heranças do patriarcado.

Conclusão

Finalmente, esse medo masculino diante do feminino sempre existiu. Freud já constatava

que a mulher era “reconhecida como fonte de perigos”, “um perigo psíquico”, “mas que existe de verdade” (FREUD, 1918). O desejo das mulheres sempre foi percebido como uma ameaça, que provoca a rejeição. E toda rejeição é motivada pelo ódio...

A não ser que, antes, esse ódio tivesse estado reprimido, recoberto pela culpabilidade das mulheres, a qual tranquilizava os homens. Atualmente, despojados do escudo protetor patriarcal e, portanto, levados à sua realidade estrutural, os homens não podem mais negar essa confrontação a feminilização deles próprios, que evidentemente os fragiliza, ao ponto de fazê-los pensar que o poder feminino estaria na iminência de tomar o controle da dominação masculina. Como se o fantasma de “Bate-se numa criança” (FREUD, 1919) tivesse se invertido. Imediatamente, a relação com o sexo se complica e angustia.

Imediatamente, o masculino se põe na defensiva. Quanto mais o feminino se desvenda, mais a nostalgia patriarcal se contrapõe, convocando novamente os antigos esquemas totalitários, culminando no terrorismo. Esse Feminino que retomou seu lugar, tranquilamente convoca, no masculino, esse eco de um terceiro (substituto paterno), que faz sua Lei, e conseqüentemente que feminiliza. E, portanto, cabe questionar se a *ameaça do feminino* que, afinal, desde sempre foi vivida pelo masculino, não é um *Fantasma fundamental*? Um dos mais arcaicos, e que hoje em dia teria escapado de seu recalamento. Teria saído de seu recalamento graças às mulheres que outrora teriam permitido realizar um *parricídio* cultural, provocando a queda da imagem do Pai patriarcal.

Bibliografia

- FREUD, S. (1905). *Trois essais sur la théorie sexuelle*. Paris: Gallimard, 1987.
- _____. (1908). La morale sexuelle civilisée. In: *La vie sexuelle*. Paris: Puf, 1982.
- _____. (1918). Le tabou de la virginité. In: *La vie sexuelle*. Paris: Puf, 1982.
- _____. (1919). Un enfant est battu. Contribution à la connaissance de la genèse des

perversions sexuelles. In: *Ceuvres complètes*. Paris: Puf, 1996.

_____. (1923). L'organisation génitale infantile. In: *La vie sexuelle*. Paris: Puf, 1982.

_____. (1924). La disparition du complexe d'Œdipe. In: *La vie sexuelle*. Paris: Puf, 1982.

_____. (1931). Sur la sexualité féminine. In: *La vie sexuelle*. Paris: Puf, 1982.

_____. (1932). La féminité. In: *Nouvelles conférences d'introduction à la psychanalyse*. Paris: Gallimard, 1989.

_____. (1933). Pourquoi la guerre? In: *Résultats, idées, problèmes II*. Paris; Puf, 1985.

_____. (1937). L'analyse avec fin et l'analyse sans fin. In: *Résultats, idées, problèmes*. Paris: Puf, 1985.

ZEMMOUR, Éric. *Le premier sexe*. Paris: Denoël, 2006.



Artigos

A constituição identitária contemporânea e a cultura como sala de espelhos

Marcia Maria dos Anjos Azevedo^{1*}

¹ *Psicóloga, Doutora em Psicologia pela UFRJ. Psicanalista, Membro efetivo e Supervisora da SPCRJ. Professora Associada do Instituto de Saúde Coletiva da UFF. Professora Convidada do Programa de Pós Graduação em Transtornos Alimentares da PUC-Rio, Rio de Janeiro, Brasil*

Resumo: *O processo de constituição identitária acompanha a emergência da subjetividade humana. A dimensão sociocultural em que o sujeito se encontra imerso contribui em larga escala nessa configuração, assim como as ressonâncias da dinâmica psíquica familiar. Esse trabalho parte da clínica psicanalítica, propondo-se a discutir os limites do processo identificatório contemporâneo a partir da perspectiva de que a cultura se apresenta como uma sala de espelhos.*

Palavras-chave: *Constituição identitária; Transgeracionalidade; Constituição subjetiva.*

The contemporary identity constitution and the culture as a mirror room

Abstract: *The process of identity constitution accompanies the emergence of human subjectivity. The socio-cultural dimension in which the subject is immersed contributes to a large scale in this configuration as well as the resonances of the familiar psychic dynamics. This work starts from the psychoanalytic clinic, proposing to discuss the limits of the contemporary identificatory process from the perspective that culture presents itself as a mirror room.*

Keywords: *Identity constitution; Transgenerationality; Psychological constitution*

Diz o personagem Jacobina no conto “O Espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana” no livro de contos de Machado de Assis: “*Há no homem nada menos que duas almas. Uma que olha de dentro para fora e outra de fora para dentro e quem perde uma das metades perde metade da existência e há casos em que se perde a existência inteira. E no meu caso, o Alferes eliminou o homem.*”

Trago alguns momentos da clínica para compartilharmos: B., 37 anos, me conta que vai ao cartório para atualizar seu nome, porque agora a lei autoriza os *trans* a assumirem civilmente seu nome social. S., 40 anos, foi registrada(o) no nascimento como sendo do sexo feminino, mas, ao descobrir sua imagem refletida no espelho, passou a recusar essa informação. Tãmanha era a sua pertinência ao outro sexo que nem a voz era feminina. A., 22 anos, diz que na última festa todo mundo queria ficar com ela. Perdeu a conta de quantas pessoas disseram que ela era linda e de quantas

Introdução

* E-mail: mmazevedo@globo.com.

bocas beijou. C., aos 21, fez cirurgia bariátrica porque não aguentava mais as pessoas olharem para ela “daquele jeito”. Agora, todo mundo fala com ela elogiando. V. desde os 5 anos brincava de batom, bonecas e comidinhas e, desde cedo, assumiu um nome feminino. Apesar de hoje ainda manter socialmente uma postura masculina, tem um relacionamento homoafetivo. J. me diz que sente ser quem a mãe gostaria que ele fosse e, ao mesmo tempo, não é quem a mãe gostaria que ele fosse, que não tem certeza de quem ele é. Quando se olha no espelho, não sabe quem está vendo. Quando K. entrou no consultório e me disse “Doutora, eu sou transexual”, eu me perguntei quem é essa pessoa e por que será que os rótulos são tão sustentadores.

O que podemos dizer sobre a diversidade de questões relacionadas à constituição identitária na contemporaneidade se vivemos em uma cultura que nos impõe uma sala de espelhos? E, nesse espaço-tempo, qual seria a imagem que se propaga no infinito: a imagem do outro, do outro social ou da sombra do outro que o habita?

Podemos dizer que identidade é uma construção resultante de um entrelaçamento de uma infinidade de fatores, internos e externos. Nessa conversa, estão envolvidas várias figuras, quais sejam: o eu, o corpo, o outro, a família, o meio social, cultural, o contexto histórico e econômico. Como essa é uma questão complexa, fui construindo possibilidades conforme minhas associações.

A partir da conceituação dos autores aqui citados, busco referências para sustentar minhas interlocuções, sobre questões mais complexas de minha clínica, a saber: Freud, Winnicott e André Green. Começo com Winnicott (1967) quando diz:

Quando olho, sou visto; logo existo.

Posso agora me permitir olhar e ver.

Olho agora criativamente e sofro a minha apercepção e também percebo.

Na verdade, protejo-me de não ver o que ali não está para ser visto.

(WINNICOTT, 1967, p.157)

Então, algumas perguntas se mantêm: o que é identidade? Como podemos nos referir a esse processo? Será que está relacionada ao modo como o sujeito se vê ou como se sente? Ou como o outro o vê? Será que podemos conhecer a verdadeira identidade de alguém? Qual a relação a ser estabelecida entre o sujeito e seu grupo? Ao nos perguntamos sobre o estabelecimento do lugar do sujeito no grupo e no mundo, refletimos sobre como se constrói sua identidade? Qual a participação do corpo na construção da identidade pessoal e dos referenciais familiares e culturais? Como relacionar o processo identificatório e a constituição da identidade?

Nos termos psicanalíticos, para adquirir a condição de sujeito no mundo é preciso assumir a condição de alteridade, uma vez que é no reconhecimento da diferença que o ser humano se constitui.

Vemos que são muitas as perguntas sobre a articulação entre identidade, cultura e constituição subjetiva. Temos, ainda, alguns conflitos conceituais entre identidade civil, identidade biológica, a identidade psíquica, a identidade sexual, de gênero, cultural, a bioidentidade, e por aí vamos...

Dentre as possíveis definições do termo, encontramos a expressão “qualidade do que é idêntico”. Conjunto de características que distinguem uma pessoa ou coisa, e por meio das quais é possível individualizá-la.

Seger⁴ define que o que marca a identidade humana é como cada um se “autoidentifica” – ou seja, como a pessoa se vê. Assim, temos sujeitos que querem tanto que o outro o veja da mesma forma que ele mesmo se vê, que paralisa diante do medo de não ser gostado, querido e aceito. Lembrando que é o outro quem oferece a possibilidade de acesso à condição de sujeito desejante. É esse que suporta e deveria legitimar sua existência e criar uma base para o desenvolvimento da confiança em si mesmo, delineando um lugar no mundo a partir dos projetos narcísicos familiares e parentais.

Em nosso campo clínico, lidamos com o espelho interno, ou melhor, com a imagem de si

⁴ In: FRIDMAN, L. C. *Vertigens pós-modernas: configurações institucionais contemporâneas*. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 2000.

internalizada a partir da fase do espelho, considerando a constituição narcísico-identitária com suas múltiplas imagens. Nessa perspectiva, identidade pode ser entendida como lugar ocupado no mundo, uma vez que o humano se identifica com essa ou com aquela imagem que tem de si mesmo a partir do discurso do meio. Estamos falando de um personagem parte de um enredo ou de uma crença?

Vemos na clínica o produto vivo da interação entre história pessoal e história familiar, o contexto social e a relação com o próprio corpo, dentro do que pode ser articulado entre o internalizado e o projetado, o idealizado e o fantasiado. Neste contexto, associamos ainda o fato de que a sociedade contemporânea apresenta imperativos que convocam o sujeito a apresentar-se com uma imagem perfeita, irretocável e, nessa direção, o *photoshop* surge como solução temporária.

Nesse gráfico imaginário, tempo e história, assim como memória e vínculos, estão interligados, contudo, nos parece haver na contemporaneidade um certo desencontro. Em certo sentido, um aumento na valorização do externo em detrimento do interno.

Uma expressão bastante ouvida no dia a dia do consultório é que o eu se sente imperfeito e insuficiente. A sensação de inadequação em relação a si mesmo e ao outro é condição de existência. A inadequação encontra-se associada com a onipotência narcísica e, apesar de chegar sem tradução, recebe o nome de mal-estar.

Foi Stuart Hall (2002) quem afirmou que as identidades estáveis do passado estão desarticuladas. Ele afirma que identidade é algo formado ao longo do tempo, através de processos inconscientes, relacionado à dimensão imaginária e à fantasia. Sobre a questão da identidade do sujeito pós-moderno, diz apresentar uma identidade aberta, contraditória, inacabada, fragmentada. E nos cabe trabalhar com a parte que se apresenta, com o fragmento que se positiva e se oferece à vida. Bem, mas de qualquer forma,

independentemente de haver uma identidade na carteira ou no espelho, essa é do sujeito que se nomeia como tal.

As transformações sociais desde sempre foram produtoras e fatores intervenientes na constituição dos sujeitos, e é preciso incluir ainda a relação espaço-tempo, pois nessa dimensão é que há a transmissão da história pessoal e grupal como alicerce do funcionamento subjetivo.

Com isso, a família oferece uma malha, uma rede, onde ocorre a formação dos vínculos primordiais, constituindo a malha dos continentes identificatórios.

É preciso levar em consideração que, segundo Benghozi (2010), entre o individual e o familiar há um rearranjo entre a imagem inconsciente do corpo individual e a imagem do corpo grupal. Para este autor, o apoio recíproco entre o continente individual e o grupal familiar sugere um funcionamento caleidoscópico e que, na minha formulação, organizo como uma sala de espelhos.

Quando o paciente chega ao analista, ele traz uma referência sobre si próprio que foi construída ao longo de sua história, mas a imagem que tem de si estaria relacionada com uma projeção que cada um recebeu de seu entorno. Na medida em que vai aderindo e incorporando essas projeções, ocorre o processo identificatório entre alianças, contratos e pactos. Neste último, encontramos as adesividades mais difíceis de serem manejadas.

O sujeito vai se localizar no espaço corporal, psíquico e social a partir da intrincação no presente entre o passado e o projeto futuro. A possibilidade de investimento do modelo futuro⁵ é condição necessária para o funcionamento social que, para Aulagnier (1979), se encontra em relação direta com o modelo da origem⁶, em que todo desinvestimento do primeiro repercutirá no segundo. Mas o encontro com o tempo futuro ou a posteriori tem a característica de reconstrução, de um outro olhar da construção de uma capacidade imaginativa e criativa.

⁵ O “tempo do depois” preconizado por Sophie Mijolla-Mellor (1999).

⁶ Relacionado com o “tempo do antes”, com o passado histórico.

Contudo, é preciso acompanhar essa articulação espaço-temporal, pois quando o sujeito não possui as referências necessárias sobre sua origem, ele perde o ponto de apoio que deveria encontrar, pois é necessário que o discurso do meio funcione como *conjunto de vozes*. Esse apoio oferece à criança a possibilidade de se libertar de sua dependência da exclusividade da referência à voz materna. Dessa forma, essa ampliação de referências viabiliza o fato de que uma verdade sobre si próprio tenha lugar.

Recorro ao texto de Pinheiro e Vertzman (2012) quando afirmam “mais do que um corpo erotizado pleno de sentidos que se oferece a interpretação, observamos um corpo que se oferece ao cuidado. E enquanto está sendo cuidado sua vida tem sentido” (PINHEIRO E VERTZMAN, 2012, p.62).

Ainda em referência ao mal estar em que o sujeito vive a partir do estranhamento no corpo próprio, uma vez que esse seria oriundo do reflexo da própria imagem relacionada com o lugar que ocupa para o outro no mundo, mas desenhada a partir do olhar de seu próprio eu, então, o mal estar a que me refiro aparece demonstrado em uma discrepância entre o ideal narcísico e o real do corpo. Se formos buscar referências na questão da sexualidade tal como designada hoje, um paciente transgênero não se identificaria com as características do gênero designado a ele no nascimento, enquanto o sujeito cisgênero se identifica. O não-binário não se identifica com nenhuma identidade anterior: se apaixona pela pessoa e não por seu sexo, independentemente do gênero. Vivemos, então, o ensejo ao surgimento de uma nova ética sexual quando a estigmatização de qualquer sujeito em razão de sua sexualidade perdeu a razão de ser.

Segundo Jose Carlos Garcia (2013):

a identidade sexual de cada ser humano é construída na história de suas relações objetais, não sendo como se pensava antes de Freud, uma mera determinação biológica sujeita, em alguns casos, a falhas que produzissem aberrações. (GARCIA, 2013, p.14)

Sendo assim, foi o discurso inaugurado por Freud que deu um impulso a uma nova forma de pensar a questão identificatória. Mas hoje

temos um outro imbróglio: quando olhamos para o tamanho das filas para redesignação sexual no SUS, podemos pensar que a anatomia continua sendo o destino?

O corpo e a constituição subjetiva

No que se refere ao corpo, agregamos vários outros aspectos: da imagem à compleição corporal, espaço concreto e limite da existência no mundo, campo de cuidado, tecido sensível que estabelece o limite do campo relacional entre o eu e o outro. Esse corpo é o mediador fundamental entre o sujeito e o mundo, porém será marcado pelo campo da linguagem, pela pulsionalidade e pelo discurso do meio.

A partir da constituição subjetiva é que o sujeito vai se apropriando de uma voz, de um olhar e de um desejo de um movimento pessoal, que tem início no investimento do outro e vai delineando a constituição do seu eu em seu corpo. Segundo Winnicott (1958), vai havendo a personalização e constituindo uma imagem de si.

A constituição do sujeito passa por um importante processo de subjetivação, que conta com elementos orgânicos e psíquicos, como também com o que podemos chamar de campo do outro para a sua efetivação.

Freud (1914) chamou de narcisismo o processo que vai provocar uma unificação das partes do corpo, organizando uma unidade corporal como inteira, coesa, que vai se tornar a referência do Eu. Isso ocorre a partir de uma primeira apreensão de uma noção do Eu, que se dá através de um investimento libidinal sobre o que ele denomina de pulsões autoeróticas do bebê. O Eu, por esse motivo, é antes de tudo corporal (FREUD, 1914).

A passagem do narcisismo conta ainda com um segundo momento em que o bebê vai buscar, para se constituir, os modelos apontados por seus pais, se identificando com eles. Desse modo, são incorporados na construção do Eu traços, marcas identificatórias com o outro, pessoas e grupos que se integram a essa imagem corporal. Essas experiências do bebê vivenciadas através do corpo são vitais para a sua subjetivação como para a construção de uma relação com a realidade.

A identificação (FREUD, 1921) é o processo em que se recolhe os traços dos objetos/outro incorporando-os na construção do Eu. Em termos gerais, segundo Freud, a identificação é a forma mais primitiva de laço emocional com o outro. Nesse processo, há tanto a aquisição dos traços do outro que se incorpora no Eu, como também se projeta para fora do Eu rejeitando aquilo que é indesejável ou estranho.

Neste contexto, podemos falar ainda da existência de uma potência subjetiva advinda do outro, responsável pela qualidade e intensidade do investimento narcísico libidinal e, nisso, a malha ou rede oferecida pelo grupo familiar será fundamental.

Dentro das situações em que o mal-estar na imagem chega aos consultórios dos cirurgiões com projeto de fazer a cirurgia de redesignação sexual, um adiamento é necessário para uma mínima elaboração do que imagina encontrar, uma vez que não poderá reverter o processo. Algumas indagações são necessárias, pois para se livrar do mal-estar em sua imagem e em seu lugar no mundo não será apenas o corpo recortado o responsável pelo saneamento de sua dor. O manejo clínico nessas situações implica em incluir a condição simbólico-representativa de seu estofo narcísico. É preciso trabalhar a sensação de desconforto na própria imagem, no próprio corpo, na imagem que esse corpo reflete no espelho e no que ele imagina produzir no outro.

As fantasias destrutivas e persecutórias, muitas vezes, têm cunho transgeracional, com uma sombra de família delicados, relacionados a quem está do outro lado do seu espelho familiar.

Em outro momento, trabalhei com aspectos transgeracionais no adoecimento humano (AZEVEDO, 2006). Na perspectiva da transmissão psíquica transgeracional, esta se encontra envolvida por haver uma relação entre a dimensão espacial e temporal com os processos simbólicos, cuja base possibilita a metabolização do que foi recebido pelo sujeito através da sensorialidade e da linguagem. Em se tratando do processamento psíquico, esses elementos se integram nos processos constitutivos do eu e se vinculam na possibilidade de transformação em processos de

pensamento, que o sujeito poderá torná-lo seu e se identificar com ele. Nessa complexa construção, o que se recebe a partir da sensorialidade, inclusive as formações inconscientes nas quais o novo ser se encontra enredado, é que vai formar um espelho interno, talvez melhor definido como seu duplo.

Talvez com esse espelho interno refletindo a imagem de um outro, os jovens que chegam ao consultório relatem com muita frequência o fato de se esconderem no escuro do quarto. Enquanto isso, fogem pela tela do computador, criando personagens para seus jogos, com *likes* e *deletes*, e com isso vão se apaixonando pelo apaixonamento alheio, reafirmando uma mínima imagem de si. Conhecem pessoas pela internet e têm crise de ansiedade ao pensarem em como vai ser quando se encontrarem pessoalmente.

Na clínica, manejamos muitas faltas, atraso e, aos poucos, o enquadre vai sendo configurado, uma vez que a organização do processo vai sendo internalizada, a possibilidade de um vínculo transferencial vai se estruturando.

Identidade e identificação

A identidade, sendo uma configuração nunca finalizada ou estática, se constitui a partir de sucessivas identificações que um sujeito faz em seu percurso existencial.

Sempre ouvimos perguntas, tais como: a que lugar, família ou grupo você pertence? A que escola você pertence? Escolhi e repeti a expressão “pertencer” de propósito, pois a influência exercida pelo grupo a qual o sujeito pertence também constitui sua filiação. Apesar de não ser minha intenção entrar na discussão sobre os aspectos transgeracionais do processo identificatório, mas já voltando a este assunto, posso dizer que a carga identificatória e suas ressonâncias intrapsíquica, intersubjetiva, intergeracional e transgeracional promovem uma interferência significativa na constituição subjetiva independente do contexto socio-histórico. Com isso, há interferências polifônicas e polissêmicas.

Há uma música popular que diz “somos quem podemos ser / sonhos que podemos ter”, mas não somos o que queremos ser, porque

nesse caminho esbarramos nas crenças advindas do inconsciente, nas fantasias inconscientes infantis e, em última instância, no ideal superegótico atravessado pelas imposições social, cultural e familiar.

Então, do primitivo ao contemporâneo, é preciso contornar interesses, motivações e demandas, mas sempre no sentido de procurar considerar aspectos identificatórios. Algumas situações estarão mais acessíveis tal como a ponta do iceberg, contudo a maior parte da trama identificatória poderá ou não se revelar ao longo do processo analítico, uma vez amalgamadas às sombras da malha à qual o espelho interno do sujeito encontra-se vinculado ou aderido.

Parte do que somos dependerá daquilo que foi projetado em nós, assim como projetamos no outro conteúdos que são nossos no processo de identificação, precursor da formação identitária. Vemos em diversas histórias de vida que o processo de exclusão, de invisibilidade, começa em casa, na creche, na escola e por aí, com a superposição de imagens projetadas, aderidas às imagens prototípicas.

Na constituição subjetiva, o conteúdo projetado de um luto familiar, a vergonha, o sentimento de impotência e vulnerabilidade têm origem na nossa origem. Parece um pleonasma, mas não é! O sentimento de ineficiência e de invisibilidade é anterior à constituição da subjetividade.

O humano vive em uma sala de espelhos. Sua imagem encontra-se embaçada entre as projeções da imagem que fazem dele, mais a imagem que fantasia que o outro faz dele, mais a imagem de seu eu projetada pela imagem do seu corpo no espelho e a imagem que fantasia que o outro tenha dele a partir do espelho, somado ao que constrói ilusoriamente ao que o outro lhe demanda, acrescido ao que o outro diz sobre ele e o que lhe é oferecido no olhar e na atitude do outro em sua direção, e ao se ver e se situar no mundo e no espelho, todas essas projeções podem estar desencontradas! Assim, é preciso lembrar que o humano é sempre o resultado possível da sua história. Depende-se, ainda, da existência de modelos e referenciais que oferecem suporte para a existência subjetiva; é preciso haver pelo menos um olhar

que sirva de espelho e que integre e dê sustentação ao sentimento de desamparo. Alguém que o proteja do sentimento de invisibilidade e lhe ofereça um mínimo de reconhecimento, mesmo diante da existência de sombras familiares.

Sobre a questão do reconhecimento

Esse processo é complexo e há muitas facetas a serem observadas. Acompanhamos o pensamento de Spaczenkopf (2011) que articula essa questão com aspectos filosóficos de maneira bastante elucidativa. Ela se refere ao fato de que Honneth, um estudioso de Hegel, defende que “cada sujeito é fundamentalmente dependente do contexto de troca social organizado segundo princípios normativos do reconhecimento recíproco” (Spaczenkopf, 2011, p. 45). Os sujeitos se constituem em sua alteridade “quando aprendem a se encarar tendo outro que pode fazê-lo experimentar certo grau de relação positiva a si mesmos” (Spaczenkopf, 2011, p. 45). A autora alerta que o desaparecimento das relações de reconhecimento desemboca em experiências de desprezo e humilhação que não podem ser consideradas sem consequências para a formação do indivíduo.

Identificar-se com um outro semelhante é um modo de se organizar, de se espelhar, de encontrar a si próprio e, ao mesmo tempo, de se enfrentar em sua própria diferença. Comumente não se aceita no outro aquilo que é falho em nós, principalmente se esse outro faz parte do nosso ciclo mais íntimo. Caetano Veloso dizia que “narciso acha feio o que não é espelho”. Essa frase lembra o fato de o ser humano viver sob a pressão do efeito produzido por e em seu narcisismo pessoal e social. Seu ideal estético ocupa o lugar de um eu fragmentado, cindido, que ao se deparar com as limitações que se apresentam inexoravelmente se misturam decepção culpa e vergonha. Aqui surge um luto difícil de ser elaborado. Esse luto é traduzido pelo modo como cada um vai viver a perda do ideal e da ilusão narcísica de perfeição.

Será que a cultura nos permite fazer esse luto quando nos convoca a ser tudo e a ter tudo,

apesar de não oferecer continente para depositar que é demandado? Aí é que o humano se volta para o corpo é nesse espaço que o transbordamento se apresenta.

É preciso ultrapassar a própria sensação de impotência e de insuficiência para acolher e cuidar de si e do outro, que ao nascer encontra-se totalmente desamparado e precisando de acolhimento. Freud (1927) nos diz que é preciso superar o doloroso fastio do mundo. E, para não se tornar presa do desalento, é preciso agir e “transgredir”. “Só na transgressão avaliamos e demarcamos novas fronteiras e nos leva a descobrir novos territórios” (Spaczenkopf, 2011, p.58).

Se a criança possui alguém que se ocupe de cuidar para que suas necessidades e demandas sejam atendidas minimamente, e pelo menos que se pré-ocupe e a acolha no seu olhar e no pensamento, torna-se possível estabelecer um espaço de confiança. Com isso, a confiança em si próprio e no outro, assim como o sentimento de existência, são desenvolvidos a partir do cuidado recebido desde os primeiros anos da existência do ser humano.

No contexto humano, a vida segue sendo valiosa em si mesma. É preciso viver, tratar e cuidar. De acordo com Zeferino Rocha (2007), “esperança não é esperar, é caminhar”. Mas nesse percurso, é necessária uma atribuição de potência e de confiança que não adquirimos sozinhos, é algo a ser ofertado e suportado pelo outro. Quando não há reflexo de um olhar sustentador no espelho, o sujeito não existe. Quando não há continente para acolher o conteúdo, o transbordamento será derramamento, enquanto não houver contenção da violência, prevalecerá o narcisismo das pequenas diferenças. No contexto social em que os grupos têm dificuldade em lidar com o diferente e o excluem, ali se revela o estigma.

Mais do que produzir sujeitos, a cultura como sala de espelhos a que estamos todos submetidos são produzidos replicantes. É preciso apostar no reconhecimento do diferente na diferença, tolerar o divergente, oferecer e dar suporte ao direito à aquisição de potência, ao singular, ao estranho, enfim, àquilo que nos escapa do território mais familiar, porque neste

também habita o desconhecido. Nesse caso, poder reconhecer a existência desse diferente de nós que requer um olhar singular de sua existência individual, política e social de si mesmo e do outro (SZPACENKOPF, 2011, p.58).

Em síntese

O corpo é, assim, a grande referência da existência de si mesmo e é através de sua imagem que o sujeito contemporâneo externa seus valores e suas dores, o que acredita ter e o que acredita ser.

A imagem corporal (MANNONI, 2010), o eu e a imagem de si são construídos através da relação com o outro, e se desprende de um esquema corporal orgânico, sendo de natureza imaginária. O fundamental disso é que o Eu passa a ser o modelo de referência para a relação com o outro. A alteridade como um processo de aceitação frente ao que é semelhante, como de estranhamento e rejeição daquilo que é diferente consigo mesmo. E parafraseando Freud (1923), o eu é acima de tudo a projeção de uma superfície.

Parece que não há por onde escapar! Sempre haverá aspectos singulares e coletivos envolvidos nas bases da constituição humana. A partir do momento em que todo contexto socio-histórico contemporâneo convoca o sujeito à eficiência e à perfeição estética, e que o campo de ação do eu encontra-se ameaçado pela eliminação da diferença, esse é chamado a comparecer com o que tem ou com o que sente ser. Nesse momento em que surgem as demandas vindas “do lado de fora”, ele “trava”, “desiste”, “esquece”, “perde a hora”, porque a ilusão e a crença de ser muito se transforma no nada ser. Sujeitos plenos de nada com suas próteses corporais, buscam caminhos de proteção e reconhecimento.

A clínica contemporânea recebe os sujeitos advindos de uma cultura como sala de espelhos, marcada pelo apagamento das diferenças e pela dificuldade de lidar com os lutos naturais da vida, pela incapacidade de suportar o tempo das coisas e, nesse sentido, é que o mínimo esforço torna-se o máximo do insuportável e o suicídio tornou-se uma saída eficaz para o sentimento de estar sem saída.

Referências

- AULAGNIER, P. *A violência da interpretação - Do pictograma ao enunciado*. Rio de Janeiro: Imago, 1979.
- AZEVEDO, M. M. dos A. *Segredos que adoecem: um estudo psicanalítico sobre o críptico adoecimento somático na dimensão transgeracional*. 2006. 170p. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Rio de Janeiro, 2006.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Diálogo biopolítico: sobre alguns desafios da construção da rede de cuidado à pessoa com deficiência*. Brasília, 2014.
- FREUD, S. (1914) Sobre o Narcisismo: uma introdução. In: _____. *Obras Psicológicas Completas: Edição Standard Brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v.XIV.
- _____. (1921). Identificação: Psicologia das massas e análise do eu. In: _____. *Obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v.XVIII. Parte VII.
- _____. (1923). O ego e o ID. In: _____. *Obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v.XVIII.
- _____. (1927). O futuro de uma ilusão. In: _____. *Obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v.XXI.
- FRIDMAN, L. C. *Vertigens pós-modernas: configurações institucionais contemporâneas*. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 2000.
- GARCIA, J. C. *Problemáticas da identidade sexual*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- MACHADO DE ASSIS. *Contos*. Rio de Janeiro: Agir, 1977.
- MANNONI, M. Prefácio. In: DOLTO, F. *A imagem inconsciente do corpo*. São Paulo: Editora Perspectiva 2010.
- MIJOLLA-MELLOR, S. Les mythes magico-sexuels autour de l'origine et de la fin. *Revue Topique*, n. 68, pp.19-32, 1999.
- PINHEIRO, T.; VERTZMAN, J. *Sofrimentos narcísicos*. Rio de Janeiro: NEPEEC; FAPERJ/UFRJ, 2012.
- ROCHA, Z. Esperança não é esperar, é caminhar Reflexões filosóficas sobre a esperança e suas ressonâncias na teoria e clínica psicanalíticas. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, ano X, n.2, jun/2007.
- SZPACENKOPF, M. I. O. *Perversão Social e Reconhecimento na atualidade*. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.
- WINNICOTT, D. W. (1958) Desenvolvimento emocional primitivo. In: _____. *Pediatria e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2001.
- _____. (1967) O papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil. In: _____. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

Recebido em: dezembro 2018.

Aceito em: dezembro 2018.



Artigos

Sujeitos contemporâneos: idênticos ou identificados?

Rachel Sztajnberg^{1*}

¹ Membro efetivo da Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro - SPCRJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil [...], Brasil

Resumo: O presente artigo discute as transformações nas formas de sofrimento psíquico que podem ser observadas a partir da prática clínica psicanalítica. Assumindo que as bases para compreensão do sujeito propostas por Freud permanecem preservadas e válidas, a autora destaca a importância de que as referências clássicas se articulem a perspectivas atuais como forma de lidar com os sujeitos contemporâneos, que apresentam manifestações sintomáticas mais primitivas e regredidas. São apontados, ainda, os desafios que se colocam aos analistas diante da forma como os sujeitos atualmente chegam à análise.

Palavras-chave: Psicanálise; Contemporaneidade; Sofrimento psíquico; Clínica.

Contemporary subjects: identical or identified?

Abstract: This article discusses the transformations in the forms of psychic suffering that can be observed from psychoanalytic clinical practice. Assuming that the bases for understanding the subject proposed by Freud remain preserved and valid, the author emphasizes the importance of the classic references to articulate the current perspectives as a way of dealing with the contemporary subjects, who present symptomatic manifestations more primitive and regressed. The challenges facing analysts in the way the subjects are currently analyzed are also pointed out.

Keywords: Psychoanalysis; Contemporaneity; Psychic suffering; Clinic.

Ser contemporâneo é, antes de tudo, uma questão de coragem: porque significa não apenas ser capaz de manter fixo o olhar no escuro da época, mas também de perceber nesse escuro, uma luz, que, dirigida para nós, distancia-se infinitamente de nós. Ou ainda, ser pontual num compromisso ao qual se pode apenas faltar”.
Giorgio Agamben (2009)

Textos freudianos fundamentais como: *Sobre o narcisismo: uma introdução* (FREUD, 1914); *Além do princípio do prazer* (FREUD, 1920); *Inibições, sintomas e ansiedade* (FREUD, 1926[1925]), e outros tantos continuam sendo de importância capital para a compreensão da

subjetividade. No entanto, um psicanalista atuando no século XXI, para permanecer fiel ao Freud cientista, terá que considerar essas leituras apenas como ponto de partida da pesquisa que o habilite a exercer esse ofício cada vez mais “impossível” (FREUD, 1937), dada a complexidade do que está em jogo no adoecimento psíquico do sujeito da atualidade. Freud, sempre antenado com a cultura na qual estava inserido o objeto de seu interesse, denunciou a incompatibilidade presente nas relações entre a constituição subjetiva e a ordenação do sistema de convivência que a coletividade estabelece para tornar possível a vida compartilhada.

* E-mail: rachelstajn@yahoo.com

Diz-se que Freud vaticinou ter levado a peste ao desembarcar no continente americano, onde se deparou aliás, com padrões culturais estranhos aos seus e pelos quais, aliás, ele confessou não desenvolver grande simpatia. Pudera, sua formação clássica de europeu erudito não tinha como compatibilizar-se com o pragmatismo disseminado e adotado sem restrições no novo mundo.

A aguçada lucidez de Freud não o permitiu tampouco equivocar-se a respeito do altíssimo custo a pagar pela saída das condições mais arcaicas em que vivia o homem em seus primórdios. *Totem e tabu* (FREUD, 1913), à guisa de modelo ilustrativo, aponta a passagem para uma comunidade mais democrática, mais pacificada. Porém, ter se tornado *Sapiens* disparou desde logo um código de compromissos éticos que nem sempre se cumprem, mas que figuram, nas mais distintas culturas, como um poderoso ideal de referências que pautam os costumes e orientam a massa.

O recalque dos impulsos hostis que habitam o homem, todavia, está sempre sujeito a vazar, tanto mais se estiverem desequilibradas as normas do pacto social que deveria vigorar entre os membros daquele grupo. Se é mais justa a distribuição de deveres e a recompensa que lhe corresponde, a energia coletiva tenderá a ser instrumentada a serviço de uma combatividade em prol do bem comum. O esforço sublimatório repercutirá substancialmente para aquela população como crescimento e progresso.

Quando, contudo, uma disparidade inconsequente e arbitrária atravessa essa ideologia e esgarça o tecido social, rompe-se a precária estabilidade duramente conquistada. A indignação comunitária gera uma turbulência incontrolável e os laços responsáveis pela colaboração produtiva se enfraquecem, ou mesmo se desfazem. Reativa-se o ódio e a destrutividade se manifesta em passagens ao ato semelhantes aos cometidos na barbárie. Como a virulência dos impulsos hostis não é passível de ser extinta, mas apenas abrandada, se valer a pena render-se aos benefícios secundários, se esses não se fizerem notar, chega-se, mais uma vez, ao impasse. A falta de

compensações gratificantes leva ao recrudescimento da revolta, ao envilecimento do humano, à decadência de valores preciosos do processo civilizatório já antes conquistados ao preço de muito esforço, eventualmente com muita luta, inclusive física. O resultado se traduz em muitas perdas materiais, de território e de vidas humanas em grande escala.

Assim, o campo de forças que constitui o ser humano em diferentes harmonizações é um complexo que se monta em relação, ou melhor, em diálogo com as exigências e concessões do meio ao qual ele pertence. Porque o conflito é indissociável dessa conjuntura, a angústia se presentifica e um mal-estar é uma constante no cotidiano do vivente. O Eu, instância mediadora do confronto, nem sempre tem sucesso em sua função de mediação e síntese. Mais ou menos absorvido se os mecanismos de defesa, como o recalque, forem bastante operantes para balancear o jogo de forças, no sujeito e no tecido social em que ele está inserido, esse arranjo não é, contudo, estático: ele oscila. Seus elementos têm a marca do provisório em função de seu caráter dinâmico constante. As turbulências inevitáveis desse embate entre pressões que se contradizem não dão trégua. Elas se agudizam, sobretudo em tempos mais instáveis quando os acordos se desorganizam. O discurso permeado pela raiva e pela culpa reflete as exigências superegógicas. Estas impõem normas e interdições à semelhança de um Moisés a expor suas tábuas a um Eu compelido a se curvar diante de seu implacável Senhor. Está constituída uma triangulação e um embate psíquico causador do desconforto do homem civilizado.

Os psicanalistas, que exercem hoje seu ofício, têm sido obrigados a reconhecer em sua escuta um paciente em estado de agonia, diferente da angústia promovida pelas exigências superegógicas. As vicissitudes do controle pulsional, antes de importância primordial, mas demasiadamente opressivo, não se sustentaram diante da aspiração dos humanos a mais liberdade e autonomia, mesmo que a segurança ficasse mais em risco. Os símbolos emblemáticos de um regime autoritário já caduco despencaram. Assim, os ícones dos pilares que asseguravam a ordem nas

comunidades humanas pela via da religião, do Estado e da família cederam lugar a questões de outra ordem, mais regredidas, mais narcísicas.

Nesse caso, os mecanismos de cisão e de dissociação, mais primitivos, entram em ação como defesa e os efeitos de sua intervenção tendem a ser ainda mais perniciosos do que os restos não absorvidos pelo recalque. A falta de mediação impõe um padrão menos elaborado, mais suscetível à uma impregnação que o deixa rendido a tudo que lhe seja proposto ou oferecido. Desprovido de senso crítico, esse sujeito é regido pelo imaginário e torna-se presa fácil de convites sedutores aos quais sucumbe, ainda mais se houver, especialmente, as de desempenho e excelência e, portanto, mais referidas aos ideais e ao desafio por eles impostos. O sujeito hoje concorre com os demais e consigo mesmo, pelo maior e pelo melhor, numa espécie de olimpíada *full time* da qual resulta o que se deliberou nomear como um esgotamento, uma fadiga de ser si mesmo, como com muita propriedade nomeou o sociólogo francês Alain Ehrenberg (1998). O fantasma da castração ganha outra feição quando a sensação de insuficiência invade o homem pós-moderno. Ele não dá conta de corresponder ao que é esperado dele: ter que poder, ter que ganhar, ter que brilhar. Escravizado agora não mais pelo Superego, mas sim pelo seu Eu Ideal, ele não tem trégua e se exaure perseguindo o que não pode ser atingido.

Como se pode ver, o sofrimento psíquico hoje deriva de uma dinâmica distinta daquela descrita por Freud. O homem de antes, acossado pela culpa, real ou imaginária, é agora um homem abatido, cansado da maratona que se sente obrigado a empreender para não se sentir um pária, um excluído que não se adaptou ao padrão *prêt à porter* veiculado pelas poderosas mensagens que a sofisticada estrutura sociocultural do seu meio determina para todos. A ameaça do fracasso assombra esse sujeito pós-moderno. Se antes tinha que se haver com as faltas, o homem vive hoje às voltas com o excesso de apelos com os quais é bombardeado.

O mundo diversificado face ao desenfreado progresso da ciência e da tecnologia tornou-se globalizado, anônimo e despersonalizado. As

identidades antes diferenciadas pelas marcas particulares de cada cultura, homogeneizaram-se. Os estilos, as pessoas, os lugares têm uma aparência semelhante, ou, pelo menos, as acentuadas diferenças de antes se diluíram consideravelmente.

Como um carrossel que circula incessantemente, a visão do que passa é fugaz, não se fixa, é vaga, superficial e líquida, como diria Bauman (2003). Sendo uma aparição meteórica, sua internalização não acontece. Tampouco sua elaboração pode ser realizada se os elementos se sucedem embotados, impedidos de serem processados pela via régia da introspecção ou mesmo da contemplação, hoje tão rarefeita. É através desse processo que brota o bem mais precioso com o qual o ser humano foi dotado, sua criatividade. Sem urgência, sem expectativa de resultados, emerge o *insight*. Nele está incluída sua própria invenção. Ao se inventar, ao se reconhecer, ele dá início ao desdobramento dos objetos e, com isso, vem a descoberta do mundo em toda sua grandeza. Mas, quando essa travessia fica atropelada por intercorrências desastrosas, quase tudo dessa criação admirável se perde e o que fica de herança é um grande vazio, um abismo apavorante.

Se esse resto gera um desamparo no limite do suportável, com que conta o sujeito de nossos dias para amenizar seu mal-estar?

Alguns autores, Christoph Turcke (2010) é um deles, fala de uma sociedade excitada. Vive-se uma hiperatividade desesperada. O déficit de atenção se alastra em proporções alarmantes. O contato exíguo consigo mesmo e os demais promove uma pobreza afetiva compensada pela ação compulsiva irrefletida. Ligado no automático, o sujeito consome tudo que o mercado, ganancioso de lucros, lhe propõe. Não seleciona, não prioriza, engole sem digerir o que se apresenta.

É tudo que interessa à cultura, uma submissão incondicional e voraz, geradora de necessidades fictícias, meros simulacros de um desejo verdadeiro. O sujeito, inflado pelo que vem do externo, incorpora, mas não processa identificações que, como sabemos, se dá por traços, num processo seletivo de apropriação que comporta a diversidade e culmina numa

identidade. É aí que ele se reconhece e se sente existindo. Se não começa dentro, se vier de fora já pronto para ser assimilado, ele não cria, ele encontra. Como está lá, ele adere, cola, copia, garantindo assim a sobrevivência, não a vida propriamente dita.

O vazio interno, o desalento, a falta de um projeto verdadeiramente pessoal e de um futuro consequentemente improvável, é recoberto pelo recurso da defesa maníaca. Uma excitação frenética, solitária ou compartilhada, uma falsa vitalidade mascara a morte na alma quando os inevitáveis processos de luto, fracasso, frustração são abortados. Se não podem ser atravessados, tornam-se forçosamente ultrapassados (passados por cima), impedindo, portanto, a elaboração indispensável para que uma genuína subjetivação ocorra. A estranheza, a falsidade dessa euforia não passa despercebida em algum registro e, na pior das hipóteses, é a responsável pelas passagens ao ato de toda sorte. Em última instância podem desembocar em suicídio ou assassinato quando a premência da descarga do *stress* acumulado não pode mais ser contida. Diferente do sofrimento derivado de conflitos a provocar angústia quando não conseguem uma mínima conciliação, a penúria aqui é mais drástica, decorre do tédio mortífero que o vazio e a alienação suscitam.

Temos testemunhado com frequência nos últimos tempos a presença significativa desses estados melancólicos explícitos ou dissimulados, se pudermos nomear assim, o quadro clínico para o qual, já sabemos, a fórmula clássica da Psicanálise já não vigora.

Sabemos que a cultura contemporânea, com os recursos tecnológicos e científicos de que dispõe hoje, beneficia os habitantes do planeta num amplo espectro, como nunca antes, mas os faz pagar igualmente um alto preço por essas conquistas, como vimos já anteriormente ao longo dessa reflexão. A questão hoje que não pode calar para nós nesse ofício é: o que pode a Psicanálise nesse contexto? A meu ver, ao mesmo tempo que assusta dizer isso, sendo o mundo outro, ela também tem que ser reinventada. Quando antes o analista tratava dos efeitos do recalque, hoje ele tem que se haver com o resgate dos afetos, com a

integração a ser recuperada, com o estímulo a fazer pensar, questionar esse ser apático, servil e esgotado, que desistiu de brigar pela autonomia possível.

A sabedoria de Winnicott está em ter vislumbrado a importância crucial do brincar enquanto liberdade para experimentar-se e experimentar o mundo de um jeito lúdico, curioso, criativo. Só que, no espaço analítico, isso nunca dependeu tanto dos analistas quanto agora. Quando tem que se haver com um paciente morto-vivo, é ele, o analista, quem tem que inaugurar com sua vitalidade, não, é claro, através de uma atuação transgressiva, mas uma inserção do que falta para causar alguma impressão significativa que abra algum horizonte de esperança. Talvez como no jogo do rabisco (WINNICOTT, 1968) que ele praticava com as crianças. Uma iniciativa, um primeiro gesto espontâneo que promova uma mudança na configuração vigente e convide a um novo lugar. Não é nada fácil ousar sem transgredir, implica sair também da posição mais confortável, ou nem tanto, da posição mais retraída de antes. É ficar menos defendido, mais vulnerável, podendo até cair em posições mais complicadas, mas se o analista não fizer uma diferença, o que se vai ter é mais do mesmo, paciente e analista ficam idênticos, não se vai a lugar algum. Às vezes, quando necessário, é um risco que se tem que correr na tentativa de que, pela via da transferência, mola mestra do trabalho psicoterapêutico, se crie uma identificação benigna e inédita. Nesse formato mais descontraído, talvez a recomendada neutralidade fique um pouco sacrificada, mas o rigor da abstinência pode garantir a contenção necessária à eficácia de uma experiência mutativa e liberadora dos sintomas imobilizantes. Só assim, a Psicanálise continuará sendo a “peste” ou como a queria seu criador.

Em tempo, para quem não sabe, essa instituição nos seus começos também trouxe a peste. Nasceu bastarda, quando não se permitia aos psicólogos legitimar-se como psicanalistas. Contou com a transmissão de alguns membros da Sociedade oficial e concordaram em repassar seus conhecimentos para o grupo que fundou essa entidade e que originalmente recebeu o nome de Sociedade de Psicologia Clínica, uma

vez que não estava autorizada a se reconhecer como Sociedade de Psicanálise. Ter lutado com coragem pelo seu reconhecimento não foi desobediência, foi resistência à uma tirania vigente que não podia ser tolerada. Essa distinção é crucial e pode ser útil como exemplar em momentos como esse que atravessamos, como tantos outros na história da humanidade, quando os conceitos perdem sua precisão e tendem a se embaralhar.

Termino com uma feliz advertência de um inspirado pensador contemporâneo Vladimir Safatle (2018): “*Não haverá transformação social sem mudar a estrutura de nossa sensibilidade e de nossos afetos.*”

Bibliografia

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? E outros ensaios**. Chapecó: Argos, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

EHRENBERG, Alain (1998). **La fatiga de ser uno mismo – Depresión y sociedade**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2000.

FREUD, Sigmund. Totem e tabu. In: **ESB**. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1969. v.III.

_____. (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. In: **ESB**. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1969. v.XX.

_____. (1920). Além do princípio do prazer. In: **ESB**. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1969. v.XX.

_____. (1926 [1925]). Inibições, sintomas e ansiedade. In: **ESB**. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1969. v.XX.

_____. (1937). Análise terminável e interminável. In: **ESB**. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1969. v.XXIII.

SAFATLE, Vladimir. Um certo tipo de surdez. **Folha de São Paulo**. 27 jul. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/vladimirsafatle/2018/07/um-certo-tipo-de-surdez.shtml>.

TURCKE, Christoph. *Sociedade excitada: filosofia da sensação*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2010.

WINNICOTT, Donald (1968). O jogo do rabisco. In: WINNICOTT, Claire *et al.* (Org.) *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.



Resenhas

O que a Psicanálise tem a nos dizer frente ao saber médico no campo da transexualidade

Ligia Furtado de Mendonça^{1*}, Cassia Amara Azevedo^{11**}

¹ *Psicanalista e Psicóloga. Professora Adjunta do Departamento de Psicanálise do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Coordenadora do Núcleo de Internacionalização da Psicologia da UERJ. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.*

¹¹ *Psicóloga e Psicanalista. Mestranda do Programa de Pós-graduação em Psicanálise: Clínica e Pesquisa (UERJ). Membro associada ao Corpo Freudiano Escola de Psicanálise - Seção Rio de Janeiro, RJ, Brasil.*

JORGE, Marco Antonio Coutinho; TRAVASSOS, Natália Pereira. *Transexualidade – O corpo entre o sujeito e a ciência*. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

Palavras-chave: *Transexualidade; Sexualidade; Corpo; Identificação; Saber médico.*

Em *Transexualidade – o corpo entre o sujeito e a ciência* (2018), os autores Marco Antonio Coutinho Jorge e Natália Pereira Travassos se debruçam, a partir da Psicanálise, sobre um tema que está em constante debate atualmente, seja no âmbito social, jurídico, político ou psicanalítico. O livro dá continuidade ao polêmico artigo publicado no ano anterior pelos mesmos autores - *A epidemia transexual: histeria na era da ciência e da globalização?* - e considera os questionamentos suscitados a partir dele.

A Psicanálise ocupa um lugar privilegiado para pensar a sexualidade humana e, por isso, pode-se considerar a sua grande contribuição para as discussões em torno do corpo próprio e do sexual, por assim dizer. A aposta dos autores é a de que o debate será enriquecido se acrescentarmos as noções psicanalíticas mais fundamentais, tais como sexualidade, identificação e escolha de objeto.

De início, o livro perpassa a história da transexualidade na medicina, revelando a sua categoria diagnóstica dos manuais psiquiátricos: *transexualismo* para o Código Internacional de Doenças (CID-10) e *disforia de gênero* no *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (DSM-V). Os autores reiteram enfaticamente que essas categorias patologizantes servem à Medicina, e não à Psicanálise.

O capítulo intitulado *Interrogações* inaugura o exercício de fazer questões ao campo médico, campo esse que se coloca como “soberano no discurso da ciência na vida cotidiana” (p. 17) e que se preocupa mais em “solucionar” do que interrogar o sentimento de inadequação do sujeito com o corpo. Podemos considerar que o livro, de maneira geral, tem como objetivo principal indagar criticamente um discurso muito específico, que é o discurso médico filiado ao discurso capitalista, alertando também sobre o mercado criado em torno da transexualidade.

* E-mail: ligia.mendonca@gmail.com

** E-mail: cassiaamara@gmail.com

Entretanto, esse viés não esgota o tema, de forma alguma. Pelo contrário, ele é reinserido enquanto questão na aposta de que sustentá-lo é poder ouvir o que concerne a cada sujeito em sua singularidade atravessada pela transexualidade. É disso que trata a Psicanálise, na sua radicalidade: escutar o sujeito na sua singularidade.

Os autores também se ocupam em elucidar o porquê da escolha de termos como *histeria* e *epidemia* para o artigo sobre transexualidade, comunicando que, na Psicanálise, de modo algum se trata de “patologização, ortopedia ou pedagogia da sexualidade” (p. 18). Dessa forma, retornam aos esforços de Freud em relativizar a dicotomia médica entre normal e patológico. Coutinho Jorge e Travassos justificam a escolha de tais vocábulos na tentativa de indicar as tensões presentes no campo da sexualidade e, sobretudo, para usá-los como pontos de partida essenciais para pensar as noções de sujeito e linguagem, tão caras à Psicanálise.

A noção de epidemia é usada como referência ao que se espalha com rapidez na cultura. Já o conceito de histeria receberá um volume à parte, em que será trabalhado de forma extensa, em um momento posterior. Mas a histeria foi eleita, dentre outros motivos, por sua íntima relação com a estrutura da linguagem que constitui a subjetividade do ser falante. Uma subjetividade que é cindida e enigmática para o próprio sujeito: há um abismo entre o corpo e o que pode ser dito dele por aquele que tem um corpo, que só pode ser não-todo simbolizado. De fato, falar de Psicanálise é falar de divisão. Como o movimento da Psicanálise é de abertura - e não de fechamento -, uma pesquisa fecunda não nos traz todas as respostas, mas suscita novas perguntas. Fica a questão: como relacionar a certeza do sujeito quanto à sua incompatibilidade com o corpo imaginário e simbólico com a divisão intrínseca à histeria?

O segundo capítulo, *Sexo e gênero*, inicia-se com o subtítulo *O enigma da diferença sexual*, partindo de uma perspectiva factual e biológica que, por si só, já é um enigma. Acorados em autores da Biologia - Jacques Ruffié - e da Psicanálise - Sándor Ferenczi -, Coutinho Jorge e Travassos demonstram que, frente ao enigma

da sexualidade, constroem-se as mais vastas e ousadas hipóteses. Retomam os estudos de Freud para salientar que *uma nova concepção da sexualidade* (outro subtítulo) não se restringe ao sexo. A linguagem atravessa o campo da sexualidade humana e produz efeitos no corpo pulsional, aquele que se difere de um possível corpo instintual sustentado por um discurso biológico, fisiológico ou anatômico.

O aforismo lacaniano *não existe relação sexual* também é explorado nesse segundo capítulo, demonstrando a falta de complementariedade entre os sexos masculino e feminino, independentemente das escolhas de objetos (parceiros sexuais) que o sujeito possa fazer. Em se tratando de gênero, temos uma variedade de expressões no que se refere à identidade de gênero: masculino, feminino, agênero (não se definem por nenhuma das anteriores) e os *genderfuckers*, que ocupam uma posição transgressora e radical frente ao que é postulado para feminino ou masculino, articulando de forma por vezes exageradas elementos que concernem a ambos os gêneros. A categoria de identidade de gênero não é uma categoria analítica mas, de alguma maneira, encontra ressonância no que Freud denominou por identificação sexual, que não guarda qualquer ligação intrínseca com a escolha de objeto, como exploram os autores.

Encadeia-se ao texto o subcapítulo *Bissexualidade*, atentando ao fato de que os sujeitos podem investir libidinalmente em objetos de ambos os sexos. O percurso teórico do termo inicia-se na mitologia, caminhando para a noção freudiana de bissexualidade – que é diferente daquela da biologia – contemplando a história do conceito na Psicanálise, incluindo as interferências teóricas realizadas por alguns pós-freudianos em nome de uma adequação ao parâmetro biológico. Coutinho Jorge e Travassos resgatam os ensinamentos freudianos para realçar a importância do conceito que tem, dentre outras, a função de despatologizar a homossexualidade.

Em *Dos sexos aos gêneros*, os autores apoiam-se em momentos históricos diferentes ao longo dos séculos para pensar na problemática em torno das duas categorias: sexo e gênero. Passam, por exemplo, pela

biologia (que também não considera que os sexos podem ser reduzidos a apenas dois), linguística e antropologia, demonstrando um vasto campo teórico que explorou a questão de forma particular a cada um. A obra segue dissertando sobre os estudos antropológicos e psicanalíticos das construções sociais para o que é considerado gênero masculino e feminino pela cultura - que não se reduz ao sexo -, e como essas questões retornam de maneira mais exacerbada nos conflitos psíquicos que enfrentam os sujeitos transexuais.

O capítulo *A questão transexual* evidencia como a transexualidade data de um período muito anterior à contemporaneidade, sendo até mesmo difícil precisar seu momento de surgimento. O percurso histórico privilegiado pelos autores tem seu início na história da Medicina (século V a. C.), percorre os trabalhos de Esquirol, os manuais de Psiquiatria como o de Krafft-Ebing (conhecido por ser um dos fundadores da sexologia), e também cruza com postulações que confundem a escolha de objeto (homossexualidade) com a transexualidade (p. 51). Através de autores relevantes, esse capítulo examina minuciosamente a trajetória das noções de homossexualidade, travestismo e transexualidade. Apontam que o transexual e o transgênero compartilham similaridades no que tange a “inadequação entre sexo e gênero”, mas que, no segundo caso, não há a exigência de intervenção cirúrgica como no primeiro. Ao discorrerem sobre o travesti, expõem que há embaraços e dificuldades em distinguí-los dos transexuais se tomarmos as definições da ciência como parâmetro. Entretanto, os autores destacam a importância do retorno ao discurso de cada sujeito, não se reduzindo aos limites categóricos. Por exemplo, transexuais e travestis podem ou não desejar cirurgia de transgenitalização, e os motivos para cada escolha são tão variados quanto o número de sujeitos.

A tônica de questionar concepções tão facilmente naturalizadas, como a intervenção cirúrgica, ou teorias ditas científicas que buscam explicar se a transexualidade é *orgânica ou psíquica* (tal como já foi feito com a homossexualidade), seguem no decorrer do terceiro capítulo. Até chegar n’A

Transexualidade na Psicanálise, um subtítulo dedicado às contribuições de Robert Stoller sobre o tema estudado. Stoller situa o travesti no campo de um sentimento prazeroso (fetichista) enquanto o transexual está necessariamente vinculado a um corpo que precisa ser corrigido (através de tratamento hormonal, cirurgia etc.). Há, ainda, a preciosa contribuição de Moustapha Safouan, na qual articula o conceito de fantasia com os registros Real e Imaginário nas respostas à castração dos sujeitos transexuais e travestis. Stoller recebeu críticas de Lacan, mas isso não impugna suas contribuições para a Psicanálise.

Em *Com Lacan*, os autores ressaltam que os psicanalistas lacanianos que refletiram sobre o tema submeteram a transexualidade à psicose. Neste livro, eles propõem abordá-la a partir das suas articulações com o Nome-do-Pai, com os diferentes enodamentos dos registros Real, Simbólico e Imaginário e com o estádio do espelho. Aproximam a transexualidade da neurose (principalmente histérica), questionando se ela não pode advir da homofobia internalizada do próprio homossexual. A transexualidade agiria em prol da crença na existência da relação sexual e na complementariedade entre os sexos.

O quarto e último capítulo se intitula *Desafios* e versa sobre as contingências nacionais no que tange aos dispositivos médico-legais existentes em relação à transexualidade, comenta sobre mercados paralelos que surgem para dar conta das demandas e revela a nocividade de tamanha exposição. Diferenciam essas respostas da posição do psicanalista, pois em Psicanálise não partimos de uma concepção de que haja essência. A tradição filosófica construiu toda uma tessitura em torno dos conceitos de essência e aparência, já a Psicanálise não se coaduna com tal posição dicotômica por justamente considerar que essa relação é dialética. O sujeito da Psicanálise não é correlato ao indivíduo da ciência, ao contrário, o sujeito é justamente dividido, atravessado pela linguagem e pelo impossível de se dizer todo. Coutinho Jorge e Travassos questionam as implicações danosas e, em alguns casos, irreversíveis para os sujeitos que se submetem a procedimentos hormônio-cirúrgicos.

Apoiados em pesquisas que indicam que o procedimento cirúrgico não logrou êxito (ao menos o esperado), os autores interrogam, com Lacan: “É possível mudar de sexo?” (p. 110). Alertam, ainda, para as consequências danosas na saúde de crianças que são, por vezes, expostas a tratamentos que podem desembocar em complicadas comorbidades e quadros clínicos de doença cardíaca, entre outras.

Em *Homofobia velada e empuxo à transexualidade*, essa associação é novamente enfatizada, trazendo à tona alguns fenômenos culturais, como da Rússia e no Irã. Contudo, não se pode reduzir uma questão tão densa e, por vezes, tão plural, somente a essa associação. Ela é apenas uma das articulações possíveis. No tópico *Vamos falar de destransição?*, parte-se da mídia impressa e caminha-se por um consistente lastro teórico, adentrando no espinhoso assunto da transexualidade. Frisam que a destransição é, por vezes, silenciada, seja por instituições que realizam o processo transicional e/ou pesquisam, seja por transativistas, mas fato é que tal fenômeno ocorre e é prenhe de questionamentos sobre suas possíveis significações, convocando-nos a pensar no sentido de tais procedimentos.

Percebe-se, portanto, que a obra é repleta de indagações e tem um posicionamento crítico a serviço do sujeito do inconsciente. É indicada não apenas aos analistas, mas a quem se interessar pelo tema da transexualidade, sobretudo, de forma crítica. O livro finaliza com uma provocação, que permeia de forma latente toda a leitura, engajando um retorno à Freud, mais uma vez: a serviço de que estaria a tentativa de adequação do corpo à alma?



Resenhas

Perversão: anatomia é o destino?

Por Cassia Amara Azevedo^{1, *}

¹ *Psicóloga e Psicanalista. Mestranda do Programa de Pós-graduação em Psicanálise: Clínica e Pesquisa (UERJ). Membro associada ao Corpo Freudiano Escola de Psicanálise - Seção Rio de Janeiro, RJ, Brasil.*

FURTADO DE MENDONÇA, Ligia. Há mulheres na perversão? Rio de Janeiro: Luziê editora, 2018.

Palavras-chave: Perversão; Sexualidade; Diferença sexual; Mulheres; Ética.

Desde a enigmática e instigante capa do livro – cujo título é *Há mulheres na perversão?*, seguido da bela e inquietante fotografia de uma estátua decepada - a autora, Ligia Gama e Silva Furtado de Mendonça, convida o leitor a adentrar numa investigação deste estranhamento, que é por assim dizer, quase inerente à estrutura perversa (para os neuróticos!), como também as mulheres o são. Em Psicanálise, a perversão abarca um campo teórico e conceitual que subverte o que o senso-comum postula.

A partir de um rigoroso retorno à obra de Sigmund Freud e ao ensino de Jacques Lacan, sustentando a transmissão do discurso psicanalítico, a autora transmite também a ética da Psicanálise. Numa escrita autêntica e fluída, apresenta um consistente e sério percurso de pesquisa, articulando de maneira clara e precisa noções psicanalíticas que já sofreram a sorte de todos os equívocos.

A questão disparadora do livro surge por parte de alguns analistas, de abordagem lacaniana, que fazem uma leitura muito específica do que é ser mulher (restrita ao feminino) para a Psicanálise. E, portanto, segundo eles, estaria vetado às mulheres habitar a estrutura perversa. Para adentrar nos meandros da questão, encontramos ao menos dois campos conceituais, que foram

minuciosamente explorados: o da perversão e o das mulheres.

De saída, é preciso situar que a perversão comparece de maneira plural e vasta ao longo de toda a obra freudiana. A autora privilegia cada momento do conceito nos escritos freudianos e constrói, junto com o leitor, o trajeto para consolidá-la enquanto estrutura clínica. Em Freud, encontra-se a noção de que a *perversão é um dos nomes da sexualidade humana*, tal como se intitula o primeiro capítulo do livro. Partindo de um lastro teórico que antecede as produções freudianas, a autora demonstra o que está em jogo no conceito de sexualidade para a Psicanálise. Isto é, a sexualidade humana subverte o instinto: para o humano, há a pulsão. Com Freud, nota-se que “tudo aquilo que era configurado como desvio, errância ou aberração segundo a lógica instintiva, fazia parte da sexualidade humana” (p. 22-23), por isso pode-se chamar a sexualidade de perverso-polimorfa.

Toda essa conceitualização é extraída, sobretudo, dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, de Freud (1905), onde a autora sustenta a tese de que há também, nesta obra, o índice da estrutura clínica perversa. Pois ora, se há uma universalidade da perversão na esfera da sexualidade humana, o que caracterizaria a estrutura perversa enquanto tal? O primeiro capítulo tem seu fim ressaltando a relevância

* E-mail: cassiaamara@gmail.com

que Lacan dá à resposta ao Complexo de Édipo para que se determine a estrutura psíquica. Mas a aposta que a autora faz, sem desprezar a postulação lacaniana, é a de sublinhar em Freud especificidades norteadoras da estrutura perversa que compõem já desde os *Três ensaios*.

Em *Estruturando a perversão*, encontram-se os pressupostos teóricos que sustentam a noção de estrutura perversa na Psicanálise. *Fixação e exclusividade*, tal como a *regressão* da libido, caracterizam, na chave de um excesso, uma estruturação perversa. Tais particularidades acerca da libido do sujeito perverso tem sua razão de ser na história de cada sujeito. No subcapítulo *Fantasias de espancamento e a importância do Édipo*, a autora destrincha a função das fantasias masoquistas, que são universais na neurose. Na perversão, a fixação demonstra novamente a sua relevância, caracterizando a estrutura perversa.

No capítulo *Verleugnung e estrutura perversa* explora-se o mecanismo perverso, “movimento no qual saber e negar coexistem” (p. 47). Devido ao seu extenso trabalho de rastreamento do termo em toda obra freudiana, a autora exhibe as especificidades do desmentido, conceito que Freud restringe à perversão em 1927.

O terceiro capítulo, nomeado *os principais tipos de perversão*, consiste em demonstrar a plural expressão das perversões. Partindo do *fetichismo*, passando pelos *pares de opostos - voyeurismo e exibicionismo, sadismo e masoquismo -*, somos levados à literatura de *Sacher-Masoch* e *Sade*, autores de onde provêm os termos masoquismo e sadismo, respectivamente. O arremate deste capítulo vem com *A ética através de Sade*, leitura lacaniana que distancia a Psicanálise da busca de um ideal, ou do Bem Supremo.

Em *Père-version*, a autora retoma o Complexo Édipo a partir das contribuições lacanianas. Esmiúça os três tempos lógicos propostos por Lacan, e acrescenta a ação do significativo Nome-do-Pai na constituição do desejo, situado para além da trama edípica (desejo da mãe). Analisa o matema proposto por autores lacanianos em que se explicita tal operação simbólica. É também neste capítulo

que surge a primeira concepção possível de mulheres perversas, a saber, no exercício de sua maternidade: as mães podem fetichizar seus filhos. Mas será que a perversão nas mulheres só se expressaria dessa maneira?

No quinto capítulo, *Gozo perverso, suplência perversa*, encontramos mais expressões da pluralidade com que a perversão se apresenta, de forma que não se restringe à estrutura perversa. Há ainda postulações sobre a singularidade da fantasia perversa e sua relação com o gozo. A suplência perversa é analisada pelo caso Senhor M, de Jean-Claude Maleval, onde verifica-se práticas perversas numa estrutura psicótica.

Em *masculino e feminino: posição do sujeito na fantasia*, Ligia Furtado de Mendonça parte de Freud e suas acepções sobre masculino e feminino - posições inconscientes do sujeito que independem de anatomia – e chega a Lacan e suas fórmulas quânticas da sexuação, frisando que o sujeito se posiciona no discurso, que não guarda necessária correlação com diferenças biológicas ou anatômicas. Há, neste capítulo, uma detalhada exposição da teoria lacaniana. A partir de tais demonstrações, será prudente seguir reduzindo homens e mulheres aos seus genitais? Segundo a autora, “para Psicanálise, o que chamamos de homem e mulher depende da maneira de gozar” (p. 115). Quais seriam as particularidades de gozo para cada um? É isso que é explorado neste capítulo. O sétimo e último capítulo se dedica à *aplicação da teoria* a casos clínicos tomados da literatura, cinema e outros autores psicanalistas.

Ao transformar em questões as postulações enrijecidas no meio psicanalítico, a autora traça um suntuoso caminho, fecundo de material teórico e clínico. Resgata do obscurantismo temas pouco apreciados que, paradoxalmente, estão no cerne da Psicanálise: sexualidade, perversão, diferença sexual, ser homem, ser mulher - a lista é imensa. A leitura atenta da obra é recomendada a todos que se debruçam nas questões do inconsciente com rigor e ética, pois nela encontrarão o discernimento analítico necessário.